

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

EUSEBIO DE SOUZA	As minas do Ipú	217
CARLOS DE LEMOS	O A. B. C.	227
ARMANDO PRADO	A Escravidão	232
HUMBERTO DE CAMPOS	Sonetos brasileiros	252
MONTEIRO LOBATO	Pedro Americo (com illus- trações)	256
MAURICIO DE MEDEIROS	Justiça e Assistencia	272
AMERICO DE MOURA	Um capitulo de semantica	282
COLLABORADORES	Resenha do mez	296

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 11 - ANNO I

VOL. III

NOVEMBRO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorik* — Movimento literario — Henrique Sienkiewicz — A poesia de Ricardo Gonçalves, *Monteiro Lobato* — Lorenzo Stecchetti, *Jacomino Define* — Ultimas Cigarras, *C. da Veiga Lima* — Bibliographia (Alvaro A. da Silveira; Antonio Paes) — Olavo Bilac (Discurso aos moços) — Bases da organização universitaria — A raça humana — A religião da velocidade — A calligraphia dos grandes escriptores — Publicações recebidas — As caricaturas do mez (5 caricaturas reproduzidas).

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.



BYINGTN & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Auto-Geral

||| CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS



Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os acordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorizados juristas.

ASSIGNATURAS:

Anno, 40\$000

Semestre, 20\$000

Para os julzes, promotores e delegados de policia, 25\$000 per anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

JOÃO DIERBERGER

— FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 9-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO





Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de tipos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corréas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo enfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escritorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

e

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”

AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.

PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



E' um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrarios não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pincel e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. E' perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres a que se destina sobresahe o seu emprego nos materiaes que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excellente desinfectante.

MODO DE USAR: — Em madeira applica-se puro, mas para pintar **aço** ou **ferro** convém misturar uma parte de cimento com uma de kerozene e em seguida acrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

H. E. BOTT & COMP.

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PÁULO

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA



MOVEIS PEQUENOS - JOGOS DE

4 MEZAS GIGOGNE

PREÇO DE RECLAME

O JOGO 65\$000

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{IA}

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

Casa Paulista de

Moyse Gandelhman

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)

AS MINAS DO IPÚ

(PONTO DE VISTA HISTORICO)

Pouco ou quasi nenhum estudo tem sido feito, em nossos dias, no Ceará, sobre a mineralogia, sciencia tão util quanto necessaria ao desenvolvimento de um paiz, constituindo sua principal fonte de prosperidade, desde que, com habilidade e proveito, saiba elle aproveitar-se dessas riquezas naturaes.

Nesse particular temos sido de uma imprevidencia e inercia lastimaveis. Mais atilados foram os nossos primeiros povoadores. Pelo menos elles souberam utilizar-se dos productos mineraes, em proveito proprio, não só no fabrico de objectos para usos domesticos, como nos que servissem para as suas armas e adorno pessoal.

Verdade é que algumas explorações, em outros tempos, foram tentadas, enumerando-se as que foram levadas a effeito pelos hollandezes no periodo de sua dominação, na terra conquistada, com prolongamento dos portuguezes na época da colonisação, no decorrer do seculo XVII.

Desses ensaios, porém, nada nos resta, senão farta e copiosa bibliographia, attestando o muito esforço desses valentes exploradores e dos que, com rara proficiencia, se têm occupado do assumpto.

Não se precisa ir muito longe para avançar essa proposição. Lançando-se o olhar sobre a *Revista do Instituto do Ceará* ver-se-á não ser diminuta a bagagem de escriptos e monographias sobre as varias materias a que se prende a sciencia dos metaes, salientando-se os que são firmados por Feijó, Alfredo de Carvalho, Thomaz Pompeu, Barão de Studart, Capanema, João Brígido, Theberge, Mamede, José Pompeu, Marcos de Macedo e outros.



*

* *

O Ipu é, talvez, o municipio do Ceará que maior numero de minas conhecidas regista, a se dar credito ás investigações a que se ha procedido, em seu territorio, desde os primeiros dias.

Nenhum logarejo do Estado se apresenta tão rico de thesouros mineraes, como elle. Assim o affirmamos, baseados na opinião dos que têm perquirido dos elementos contribuidores da riqueza do municipio, abrangendo todos os ramos naturaes, como já tivemos occasião de demonstrar em trabalho que, sobre o assumpto, publicámos. (1).

Tal superioridade ha quem attribua á configuração de seu sólo, de formação geologica desigual, no conjuncto de terrenos em algumas partes arenosos e alagados, outras pedregosos e accidentados, afóra os que são proprios da região serrana, sabido ficar o Ipu' situado no sopé da serra da Ibiapaba, cujo ponto culminante, segundo dados officiaes, attinge a 1.020 metros de altitude e constitue a principal cordilheira do Ceará, tambem conhecida, principalmente na parte que diz respeito ao Ipu', pela denominação de Serra Grande dos Côcos.

A' estrutura geologica do municipio deve-se, pois, essa primasia, encarada sob o ponto de vista mineralogico.

E' de lastimar não haver ainda estudo algum positivo, sobre a verdadeira classificação desses terrenos. Deste modo poder-se-ia justificar, scientificamente, a procedencia dessa abundancia de minerio, sem receio de contestação, como já succedeu quando, alhures documentando a existencia de uma das suas jazidas auríferas, allegando que, sendo outro o seu destino, seria esta terra a Chanaan dos cearenses, se nos taxavam de optimistas, quigá adultores.

Tempo virá, porém, em que, melhor entendido o nosso intuito, protestando contra o criminoso esquecimento dos elementos de valor de uma terra tão prodigiosa como o Ipú, quando algum dia os homens senhores do poder comprehenderem, por sua vez, que para a exploração das riquezas naturaes do sólo brasileiro são necessarias todas as energias da nação, não sejamos mais os bauladores que a fatuidade de alguem houve por bem classificar.

(1) — Vide *Chronica do Ipú*, do autor, na *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXIX, pag. 152-243.



*
* *

Detalhemos, separadamente, o minerio existente no Ipú, de conformidade com os dados conhecidos.

Em primeiro plano destaca-se, obedecendo á ordem chronologica de sua exploração, a mina de ouro do *Juré*, situada nas margens do riacho do mesmo nome, a 26 kilometros a N. E. da cidade.

Nada se sabe, ao certo, sobre a descoberta dessa jazida. Sua existencia, entretanto, é real. Della se occuparam Feijó, classificando o minerio alli existente como de qualidade superior, Thomaz Pompeu, e o Barão de Eschwege na obra — *Pluto Brasilien-sis*, publicada em Berlim, em 1883, informações que no dizer do illustrado autor do — *O Ceará no começo do seculo XX*, foram colhidas por esse sabio allemão, de Feijó, aliás não trazendo seu testemunho esclarecimento algum sobre o assumpto.

“O dr. José Pompeu — escreve o dr. Thomaz Pompeu — apreciando as razões de Feijó sobre a hypothese de se poder achar na Serra Grande as matrizes de ouro encontradas em alluviões de differentes ribeiros, pondera que:

“O ouro não se acha na natureza senão em estado nativo, ora sob a forma de cristaes, de laminas mais ou menos extensas ou de filamentos; ora em palhetas, em grãos e em fragmentos, ás vezes bastante volumosos. Encontra-se muitas vezes em veios, nas rochas quartzosas do terreno primitivo; algumas vezes se apresenta em diversas jazidas dezentíferas. Mas a matriz mais geral do ouro, no Brasil, a substancia em que este metal se acha mais abundantemente espalhado é uma rocha quartzosa, avermelhada e ferruginosa, chamada *Jacotinga*.

Assegura ainda o mesmo naturalista, em uma das suas memorias, que “de ouro se encontram mais ou menos vestigios por todos os riachos, correjos e vertentes de montanhas, que formam as costaneiras da Serra Grande, desde o Timonha até Cariris, com particularidade nas vertentes do Salgado, Acarahú e Jaguaribe no Inhamuns, Banabirú, Quixeramobim e cabeceiras do *Juré*. Em todas essas vertentes e terrenos vizinhos basta lavar a terra que se acha debaixo do cascalho para pintar o ouro”.

Das minas conhecidas, no Ceará, é a do *Juré* classificada conjunctamente com a das antigas lavras de Mangabeira (La-



vras), ficando as demais jazidas descobertas em plano assás inferior.

Contestando a declaração do sabio naturalista Feijó allegando que, por falta d'agua, deixou o seu primeiro explorador coronel Diogo Lopes de Araujo Salles de continuar com os trabalhos de mineração, depois de algumas tentativas, sem resultado, affirmamos contrariamente, isto é, ter sido esse resultado de alguma fôrma satisfactorio, embora pequeno, não compensando talvez os sacrificios postos em pratica. E' sabido haver conseguido esse valente explorador 286 oitavas de ouro de muito bom quilate, após construir, com ingentes difficuldades, um conducto de agua encanada das eminencias ao tôpo da serra, onde estabeleceu um receptaculo dessas aguas de que se servia para lavagem das terras extrahidas dos veeiros das minas auríferas. (2).

Nesse trabalho, de inicio na era de 1844, foi auxiliado o coronel Diogo Salles pela pratica de um explorador mineiro vindo da então provincia de Minas Geraes, descrevendo a jazida do *Juré* com vantagens espantosas.

Como e porque deixou essa mina de ser explorada, não obstante os primitivos esforços, correm duas versões: quer alguém ter sido essa causa resultante da falta d'agua, obrigando o coronel Diogo a desistir de sua valorosa obra, que, incontestavelmente, desdobraria a face do municipio; ha quem insinue a para-

(2) — Por serem por demais interessantes, trancrevemos as linhas que se seguem, mostrando o modo por que, antigamente, era feito o processo de lavagem do ouro, nas minas. O que extractamos é da penna do celebre viajante Henry Koster que renome deixou com as suas *Viagens no Brasil*:

"Eis no que consiste o que se chama lavagens: abrem no chão pequenos degraus de vinte a trinta pés de comprimento sobre dois ou tres de altura; cavam na base um rego de dous a tres pés de fundo e por elle fazem descer brandamente uma corrente d'agua que se teve o cuidado de regularisar de maneira que dissolve sem arrastar a terra que contem o ouro. Collocados nos degraus revolvem os negros a terra com palhetas sem interrupção. Quando transformada numa especie de lama, é arrastada mais para baixo e as particulas do ouro, em virtude do seu peso especifico, precipitam-se no fundo do rego. Entretanto a agua que cae no fundo do mesmo limpa-o e purifica-o dos corpos heterogeneos. Esta operação dura cinco dias. Segunda lavagem succede á primeira; os operarios vasam os sedimentos em gamellas cheias d'agua, que agitam afim de que as ligas se apurem e o ouro se desprenda por seu proprio peso. Faz-se seccar o ouro obtido por estes successivos processos e depois da ultima prova registam-n'o, sellam-n'o, pesam-n'o e reservam o quinto. Todas estas lentidões e grosseiro mecanismo comparados com a apuração pelas affinidades chimicas, nos provam quanto as artes podem augmentar as forças e as riquezas do homem".



lysação desse serviço pelo facto, altamente significativo, do assassinio atroz de seu denodado auxiliar, por um de seus escravos, justamente aquelle que viera de Minas Geraes para collaborar na grandiosa empresa. A falta desse valioso braço e difficuldade de se encontrar, de momento, um substituto, fel-o desanimar, abandonando, de vez, os trabalhos de mineração, dos quaes não mais cuidou o coronel Diogo Salles, nem tão pouco os seus herdeiros a cujo dominio passaram essas terras.

Inclinamos a pensar não ter sido, o segundo, o movel, e sim a falta d'agua, sabido ser esse liquido factor principal na lavagem do minerio. Ademais, luctava o explorador, naquelle anno (1844), com um inverno em demasia escasso.

* * *

Sobre a mina de ouro do *Bom Jesus*, "encravada nas terras da Volta (terceira legua da sesmaria do riacho Ipuçaba) a léste da cidade, da qual dista 10 kilometros, narra o dr. Thomaz Pompeu:

"Abriram um poço de 6m.6 de profundidade e 8m.8 de circumferencia e ficaram satisfeitos com o resultado da experiencia — Dr. José Pompeu — *Chorographia do Ceará*, pag. 72.

Em 1868 o lavrador Teixeira, do Ipú, contractou um profissional inglez para estudar a mina por elle descoberta. Depois de demorado exame, este profissional concluiu pela boa qualidade do ouro e as vantagens da sua exploração.

A difficuldade de haver agua para esta mineração impediu os seus progressos.

Em fins do seculo passado, um engenheiro operoso, dr. Heraclito de Carvalho, associado a Teixeira, organisou uma companhia com pequenos capitaes, entregou-se ardorosamente ao trabalho, mas ao cabo de poucos mezes, arruinada a saude teve de abandonal-o.

O governo imperial concedeu privilegio por 30 annos a Teixeira para a exploração de minas de ouro, chumbo, soda e outros mineraes por dec. n. 3379, de 12 de Janeiro de 1867, revalidado pelo de n. 4876 de 24 de Janeiro de 1872".

Ninguém melhor do que o dr. Raymundo Heraclito de Carvalho, seu denodado explorador, descreve as condições dessa jazida, em brilhante artigo inserto na *Revista do Instituto do Ceará* (tomo XV, 1.º e 2.º trim. de 1901, pag. 113 e seguintes) e do qual extrahimos os seguintes dados:



"O buraco (sarilho) existente fica á margem esquerda de um pequeno arroio, que os habitantes do lugar chamam *grotta da mina*, de tal sorte que pelo inverno as aguas das enxurradas enchem-n'o completamente. O riacho Ipuçaba, que desce da fertilissima serra da Ibiapaba, onde tem as suas nascentes em fontes perennes, passa cerca de um kilometro a S. O. do sarilho, prestando-se ahi á construcção de uma magnifica barragem para a represa das aguas.

Os primeiros vestigios da jazida aurifera foram encontrados por um preto velho africano, vindo de Minas Geraes, onde tinha adquirido a pratica de *faiscador*. Começou por concentrar as terras de alluvião retiradas dos velos e taboleiros em canôas para em seguida lavar na *bateia* e apurar o ouro, conseguindo por este meio extrahir notavel quantidade do metal precioso, com o qual foram feitas muitas joias, das quaes ainda hoje existem algumas na cidade do Ipú. (3).

Continuando no seu afanoso serviço de *faiscador*, o preto velho descobriu uma rocha sufficientemente decomposta, que lhe permittia facilmente a extracção; encontrando nella abundante quantidade de ouro desprezou os velos e taboleiros para sómente se occupar della, levando-a em boa porção para baixo de uma frondosa oiticica onde reduzia á areia sobre uma pedra, concentrando depois na canôa para em seguida apurar na *bateia*. Assim proseguia elle neste rude trabalho, até onde lhe permittiam seus processos rudimentares de extracção, sendo depois obrigado a empregar para isso o fogo e a agua.

Só alguns annos depois de sua morte é que se veio a conhecer o buraco por elle feito, que vulgarmente chamam *sarilho*.

O sr. major Teixeira conseguiu comprar estas terras, e apparecendo por essa occasião dois engenheiros inglezes que andavam em excursões, foram por elle convidados para examinar o local trabalhado pelo preto velho, como narra superficialmente o dr. José Pompeu em sua *Chorographia da Provincia do Ceará*, pag. 72, dizendo:

Sobre a mina do Bom Jesus, a 10 kilometros a L. da cidade do Ipú, examinada em 1856 por dois engenheiros inglezes, consta o seguinte: Abriram um poço de 6m.6 de profundidade e 8m.8 de circumferencia e ficaram satisfeitos com o resultado das experiencias".

Data de 3 de Outubro de 1857 a concessão do governo do imperio permittindo ao sr. major Teixeira explorar e lavrar mineraes na comarca do Ipú.

(3) — Esse preto velho, conhecido no Ipú pela alcunha de *Pae Flôr*, do ouro que extrahio da mina do *Bom Jesus* vendeu certa porção aos ou-
rives da cidade e fez alguns presentes a pessoas de influencia na terra,
inclusive o vigário de então padre Francisco Corrêa de Carvalho e Silva,
tendo esse sacerdote, com o metal da offerta, mandado fazer as fivellas
de seus sapatos. Este facto é assás conhecido no Ipú. — Vide *Chronica*
do Ipú, do autor, in *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXIX, pag. 208.

Ao leitor parecerá incrível que tamanha riqueza permaneça por mais de quarenta annos perfeitamente intacta, o que, porém, não é para admirar em vista do grau de incredulidade e de ignorancia do nosso povo, relativamente a este genero de industria.

A jazida aurifera é constituida por um terreno um pouco accidentado, formando pequenos outeiros, todos resultantes da serra do Ibiapaba, da qual dista apenas 12 kilometros. Dahi a desigualdade do sólo nas vizinhanças do *sarilho*, sulcado por pequenos arroios, a que o povo dá o nome de grotas, e que só correm pelo inverno, nos leitos e margens dos quaes se encontra communmente ouro em alluvião.

Na superficie o terreno é constituido por uma argilla, ora vermelha, ora escura, no meio do qual se encontram seixos de quartzo rolados e fragmentos de granito e gneiss algumas vezes exteriormente decompostos, outras vezes conservando suas arestas ainda bastante vivas.

Observando-se as paredes do *sarilho*, vê-se na parte superior uma camada de argilla escura, com cascalhos, attingindo em certos pontos tres metros de espessura; abaixo schistos-quartzosos, a principio bastante decompostos e intermeiados por um veio de quartzo leitoso de cerca de 1m. de grossura.

Estes schistos se assentam sobre uma camada de gneiss bem estratificado, apresentando grande quantidade de mica negra, verde-escura e dourada. Para a parte inferior da camada a mica vae diminuindo e os tres elementos essenciaes da rocha vão tomando as proporções com que entram na composição do granito, transformando-se assim o gneiss bem estratificado em um perfeito gneiss-granitoide.

Esta rocha, só ultimamente posta a descoberto na tiragem de amostras, constitue a ganga mais rica que, porventura, possa existir, de ouro, não só pela sua uniformidade, como igualmente pelo seu elevado teor nesse metal obtido em diversas analyses, tendo-se encontrado tambem ouro nas rochas superiores, porém, em teor muito mais baixo.

O minerio tem sido analysado em varios logares, quer no Brasil, quer na Europa, notadamente na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, Escola de Minas de Ouro Preto, em Londres e em Paris ultimamente por um chimico, M. Cafron, que, segundo a Nota Confidencial de M. Henry Baéte, dirigida ao sr.



Barão de Camocim, que se encarregou de mandar fazer essa analyse, teve della os mais brilhantes resultados.

De todas as analyses feitas até hoje o teor em ouro varia de 23 a 157 grammas por tonelada, sendo este ultimo numero o obtido na analyse sobre o gneiss-granitoide, que, como já ficou dito, constitue a ganga mais rica de ouro até então conhecida.

O ouro, como se vê, é encontrado não só no gneiss-granitoide, mas ainda nas camadas de gneiss bem estratificado, schistos-quartzosos e até mesmo no veio de quartzo leitoso.

A extensão da jazida não é ainda perfeitamente conhecida, á falta de recursos pecuniarios para execução das sondagens; mas pelos estudos rudimentares feitos com poços communs, e pela natureza da ganga do ouro que afflora muitas vezes dentro e fóra da area comprehendida pela planta levantada, conclue-se que a massa mineral é abundante, pois o gneiss se apresenta sempre em grandes massas e principalmente no Ceará, onde elle se encontra á pequena profundidade. Nas vizinhanças da cidade do Ipú encontra-se ouro em alluvião, que é extrahido por *faiscadores* em *bateias*; mas o que constitue a prova mais cabal da abundancia da massa gneissica é que ella possui a formação geologica inteiramente identica á serie de gneiss metallifera das ricas jazidas auríferas do Morro Velho, Cuyabá, Santa Barbara, São João d'El Rei, etc., em Minas Geraes, e dos terrenos auríferos da Jacobina, do Bom-Fim (Villa Nova) e do Rio dos Contos, na Bahia”.

O que ahi fica, como se disse, é da penna do dr. Raymundo Heraclito de Carvalho. Vejamos agora o que, como complemento desses informes, escrevemos na *Chronica do Ipú*, a respeito dessa mina e sobre a individualidade desse desventurado engenheiro:

“O dr. Raymundo Heraclito de Carvalho cursava ainda o quinto anno da Escola Polytechnica de Ouro Preto, quando, a convite do major Teixeira, visitou a mina do Bom Jesus.

O digno engenheiro, examinando o local onde se suppunha existir o minerio, conseguiu tirar delle algumas amostras e voltando a Minas Geraes, submetteu-os á apreciação do director daquella escola. Este titular determinou, em seguida, minucioso exame nas alludidas amostras, designando outro estudante para auxiliar o trabalho do então academico Heraclito.

O resultado foi, por demais, satisfactorio, mas suspeitando o director da Polytechnica de Ouro Preto ter havido certo exaggero ou mesmo interesse por parte de seus discipulos, no laudo apresentado,



em pessoa presidio segunda analyse, com mais escrupulo, concluindo pela exactidão do primeiro exame.

Na opinião do provecto professor de Ouro Preto, o minerio existente no Bom Jesus era igual a uma das melhores minas do Transwaal, restando unicamente se saber da área do terreno onde estava localisada a mina para se ajuizar de sua verdadeira valorisação.

Diplomado o dr. Heraclito, volta ao Bom Jesus, e certo da existencia da mina, aparelhado de conhecimentos sobre a materia, dá começo á exploração, dedicando toda a sua energia máscula com devotado ardor e operosidade que justificam a sua justa ambição de moço.

Reune alguns capitaes, constitue pequeno syndicato, documenta-se, aparelha-se de mecanismos apropriados á extracção do ouro, e, ell-o, esforçado, á frente do penoso serviço, certo de sua victoria, architectando, talvez, dourados projectos, audaz explorador, superando difficuldades proprias do meio indifferente, por indole, ao surprehendente espectaculo da extracção de minerio.

Lucta ingloria do mallogrado moço. Após um anno de esalfante serviço, no qual foram consumidos alguns capitaes, quando julgava a obra completa, desengano fatal, cruel, esmagador se depara aos seus olhos cubigosos de ouro, simplesmente ouro.

Por motivos ainda hoje ignorados, mas que certo a sciencia os explicará, naturalmente oriundos da deficiencia ou imperfeição dos aparelhos mais adequados ao trabalho, ou ainda a inexperiencia do moço explorador, com o cerebro cheio de theorias rudimentares, mas de todo vasio de madura pratica exigida em tal investigação, o resultado, máo grado as duas analyses da escola de Ouro Preto, não correspondeu á espectativa.

Completa desillusão! Vã esperanza desfelta em um segundo!...

A operosidade do novel engenheiro chega ao seu auge. Tenta mais uma experiencia, outra mais... sempre o mesmo resultado negativo, fatal, cruel, esmagador...

Allucinado, não querendo crer na realidade do quadro que se lhe deparava, renova estudos, idealisa complicados calculos, projecta desengonçados aparelhos, tenta reunir outros materiaes, confunde as cousas, e, por ultimo, cansado da labuta incessante, apresenta indicios de grave perturbação. O desventurado engenheiro estava sofrendo das faculdades mentaes.

O mal agrava-se, e, pouco tempo depois, é o dr. Heraclito internado no Asylo de Alienados de Pernambuco, onde conseguira rapida cura, voltando ao Ipú no meritorio intuito de levar ao fim o seu grande commettimento.

Reune outros elementos, dá mãos á obra, para recahir de sua enfermidade, desta vez reclamando sérios cuidados... Morreu fóra do Asylo, paralytico...



Parece uma fantasia. O quadro, no seu todo, é real, e vae descripto no rigor da sua authenticidade. O Ipú contemporaneo ainda traz na imaginação, indelevel, a figura altamente sympathica do infeliz moço engenheiro, a quem sua desdita o privou de ser incluído no rol dos benemeritos dessa gloriosa cidade ipuense, que poderia ser hoje considerada a terra da promissão, a verdadeira Chanaan dos cearenses...

O dr. Raymundo Heraclito de Carvalho fôra um vencido da mina do Bom Jesus, e esta, hoje no esquecimento, jaz no mesmo estado em que elle a deixou, ha seguramente dezoito annos, na exhibição unica de algunsapparelhos, gastos pelo tempo, attestando os serviços que foram emprehendidos, desafiando ainda, sobranceira, orgulhosa, convicta de seu grande valor, a cubica de um valente e audaz explorador.

Felizes os que possuem essas terras..."

* * *

Muitos outros metaes existem no municipio. A ausencia, porém, de indagações scientificas, que possam attestar, sem impugnação, a sua procedencia, nos priva de uma affirmativa.

Acreditamos, entretanto, na sua existencia baseados no testemunho dos entendidos na materia.

Segundo refere o dr. Thomaz Pompeu em seu livro — *O Ceará no começo do seculo XX*, existem no municipio salitre, soda nativa, ferro, carvão mineral, caparroza, chumbo, potassa e cobre, sendo que a amostra deste ultimo apresentada pelo negociante Teixeira revela riqueza do minerio.

A jazida de ferro existente nas proximidades da cidade attesta um teor metallico de 80 a 90 °° de ferro puro e de grão fino.

EUSEBIO DE SOUZA.



O A. B. C.

Esmam-se, agora, para o Norte os novos rumos da nossa politica internacional. E' uma prevenção instinctiva. O nosso futuro, na conquista de um lugar ao sol, está em ser uma abdicação tão submissa de vontades que, deformada a nossa propria personalidade e censurada pela do mais forte a sua quasi centenaria consciencia juridica, se escreva, simplesmente, ABC=EU. Quer dizer: para vingarmos a plenitude da vida internacional devemos começar por ouvir os outros. E não ha, decerto, postura mais convinavel a fazer de uma nacionalidade livre, uma nacionalidade obnoxia tutelada.

O tratado ABC — commenta-se — é a conjuração das nossas fraquezas pela combinação mecanica da liga. Paiz fabuloso, de immane amplitude territorial, em parte organizado, desorganizado em parte, vacillando aqui e entesando-se alli, sadio e doente ao mesmo tempo, não ha como se lhe avivar a irritabilidade do plasma com a transfusão sanguinea de outros mais bem classificados na escala jerarchica do prestigio universal. Aconselhando-se na experiencia alheia as nações fracas se exprimem melhor, grangeam confianças inusitadas, tocam-se do brilho dos fortes, e o pacto que substitue essas vertebraes por uma immensa columna cerebro-espinhal estruturando os dois continentes é como a propria traducção geographica do fio ineluctavel da Historia...

Nenhuma consideração o justifica.

Antes de tudo, convenha-se em que por mais debeis que fossem as nossas passadas na arena do mundo, um facto dessa ordem, quando não restringisse a possibilidade de desenvolvermos toda a nossa personalidade, incidiria no obrigar-nos a uma situação onde, até para os assumptos menos geraes, haveríamos de con-



sultar aquellas potencias e attender, consequentemente, a que dispondo de maiores valores na corretagem mundial adorasse em ser de facto, como já uma o não desadorava de ser com Olney, o *paramount* do continente. Representariamos na pratica e para todos os effeitos contingentes da vida o mesmo papel com que, ha dez annos, se antevia, em desgarres de bom senso a nossa apparição em Haya onde as republicas sul-americanas, feitas Sexta-feira de Swift, surgiriam como servindo aos Estados Unidos, Grusoé, do novo fado.

Depois, o conceito primordial da lucta pela vida. Cada pedaço da terra representa, hoje tal somma de interesses que, se estes se conchavam com outros em dadas latitudes, delles divergem em outras, consoante além do paralelo a climatologia moral do mundo. Neste ha só dependencias, equivalencias, hetereogeneidades. Quanto mais organizado é o estado tanto mais distinctas se tornam por consequencia as suas necessidades, tanto mais profunda se affirma nos seus contrastes a sua personalidade e tanto mais tangivel se manifesta, afinal, a sua volição. Uns, pelo interesse proximo, outros pelo remoto, uns pelas bandeiras alevantadas, outros pelas mesquinhas, todos, porém se movem para elle e por elle. De interesses nutre-se o mundo. Entre egoismos espalma-se a vida inteira. Com rivalidades vivem os povos. E' que toda a nossa vida internacional repousa sobre fundamentos exclusivamente utilitarios. No enlaçamento das nações não se costumam evangelos.

A esse respeito os nossos interesses não se confundem. São sobremodo concludentes no se definirem. Mostram-nos como discordamos ou como collidiram com os dos que forcejam, agora, por se unir numa só exponencia. Caracterisam a todo tempo as nossas tradicionaes tendencias liberaes.

Apontemos alguns.

Divergimos da Argentina varias vezes. Todas as em que presidiamos a autonomia do Paraguay e do Uruguay — objecto absorvente da nossa politica internacional na transcorrencia dos dois imperios. — Nas demais, entre as de maior importancia, no reconhecimento da doutrina Drago. D'ella ainda discordamos n'uma das questões que mais tem agitado a nossa diplomacia, e para cuja solução no *Bosphoro do Prata* só faltára a nossa acquiescencia.



O Chile, mais pela congenialidade ethnica do que mesmo pela politica allia-se espontaneamente á Argentina. E' um alliado natural do Prata. Assim o foi em Haya. Assim o será ao deante.

Com os Estados Unidos dissentimos em 1836, quando nos pronunciamos aquilinameute pela extineção immediata do corso. Mais tarde, meio seculo depois, em 1907, os combatemos em Haya com o verbo do Mestre. E por que os deslumbrassem o dessidio perguntavamo-lhes: "esse direito de termos uma consciencia e d'ella sermos dignos exercido por doze milhões de brasileiros no meio seculo passado tel-o-iam perdido os nossos vinte e cinco milhões de brasileiros no começo do seculo actual?"

Analysando-se a lieção que deflue desses factos entre todos mais definidores das nossas controversias internacionaes não se comprehende que, com tamanha experiencia, tão bellos exemplos e ensinamentos tão proveitosos, tivessesmos, ao cabo, a ingenua illação de suppor evitados de vez, pela instituição do ABC essas differenças de opiniões, que assim como existem entre os homens subsistem tambem entre as nações.

Quer o consideremos como a mais alta expressão a que pode attingir o pan-americanismo, quer o tomemos a titulo de concordia exclusivamente sul-americana não é menor em um caso do que no outro a tutela com que na pratica o mais arguto se imporá sobre os demais.

Os Estados Unidos infensos tradicionalmente a allianças — *no en tailing alliances* — e a Carta de Washington ahi está para consulta — se não nos absorvessem em principio, pelo menos acabariam por ser, no fastigio da força, o representante natural, o conselheiro privado, o arauto do ABC. As suas decisões redundariam em accordams contra os quaes as nossas se quebrariam improplicas. Teriamos, então, de par com uma jurisprudencia universal innominada, a *Suprema Côrte* internacional americana.

De outro lado seria a consagração pratica da doutrina de Monroe tal como nol-a interpretou em 1905 o Presidente Roosevelt escrevendo: "é evidente que os que confiam na doutrina de Monroe devem acceitar de par com os direitos que ella lhes conferem, certas responsabilidades..." Responsabilidades que reconhecidas nos levariam ao protectorado proximo ou distante, immediato ou mediato, mas inevitavel, incoercivel, fatal.

Consideremol-o sob outros aspectos.



Ainda que não seja definitivamente uma alliança, todavia o A.B.C. é um pacto que se dispõe a ferir os melindres dos estados sul-americanos que delle não forem parte, e principalmente as republicas do Paraguay e do Uruguay cujos interesses cahem na orbita dos nossos.

A exclusão d'elles e de todos os outros não recommenda a estrutura do tratado. Excluindo-os criamo-nos a nós mesmos, a saber, que nos concertamos no ABC para os ajudar a viver. Começamos errando e despertando no animo preconcebido desses estados soberanos os mesmos temores com que ha meio seculo os assaltava o Tratado da Triplice Alliança. "La alianza ha reduzido á los pueblos del Prata á um papel secundario, de meros auxiliares de la accion de la monarquia brasileira" dizia, consubstanciando as prevenções exaltadas de sua patria, o polemista oriental D. Juan Carlos Gomez. "El tratado de alianza nos reservó es cierto, la direccion de la guerra, el generalato de los ejercitos. Però hecha la ley hecha la trampa como repitem nuestros curiales" exclamava a opinião argentina.

Nos designios que lhe assignalam os que melhor o conhecem insere-se, ainda, quasi o definindo, a legalisação, para estas paragens, do arbitramento obrigatorio.

Não esqueçamos, porém, as conquistas civilisadoras contrahidas pelas potencias signatarias da Conferencia de Haya, onde se resolveu e consagrou o principio geral de arbitramento.

Nella se acham contidos os processos normaes a seguir-se nesses recursos, não havendo razão para os despresarmos a troco de outros, demasiado locaes, senão de os applicar acompanhando a propria evolução universal do direito.

As relações entre os estados sul-americanos transcendem, ademais, o limite geographico do ABC e obrigam-nos a buscar alem desse homisio onde se quer asylar a nossa providencia, o concurso proteiforme de outros povos.

Como quer que seja, o ABC não exprime as necessidades mercê das quaes lhe proclamam as pompas incomparaveis os seus incorrigiveis pregoeiros. Theoricamente será um recacho do afinamento humano. Praticamente a quadratura do circulo. Como politica nimiamente brasileira inspirada ás frageis correntes do presente não se avanta, mau grado a insipiencia actual, a do passado, liberal e tão distincta, que ainda é hoje o unico traço luminoso que nos resta, nessa translação vertiginosa para o ignoto...



As nações não se aconselham. Reflectem e agem. Nem hão mister de conselhos. O conselho significa, entre os homens, uma superioridade que se reconhece. Entre as nações uma superioridade que se aceita. E as nações não são senão equivalentes.

Cada nação nova é uma altivez para a ancianidade das que já arcam ao peso dos annos, um reservatorio de forças que só se impõem quando as anima a enfibratura dos justos.

Pratiquemos a moral. E cuidemos de que não são os tratados as melhores garantias para a nossa integridade. Não ha garantias tão seguras e efficazes como a da moral, a moral applicada, a que cultiva os campos, activa as industrias, acaba a ignorancia, divulga a instrucção, abre caminhos ás letras, á arte, á sciencia, garante o voto, cultúa o civismo, cria o serviço militar obrigatorio, faz o exercito, a marinha, o homem, o lar, a patria, a nacionalidade...

Antes dos tratados preparemos os homens que não temos, para encaminhar os partidos que nos faltam e para os discutir. Avivemos antes, a nacionalidade abatida. Levantemol-a da atonia em que cahiu, instruindo preliminarmente a massa informe que a compõe, dilatando-lhe a esphera das aptidões tolhiças, preparando-a para as conquistas pacificas do trabalho, com essa penetração incomparavel de que nos dá exemplo a Argentina — emquanto nos esvaimos em sombras de theorias — assenhoreando-se economicamente do Paraguay, afinal, um nosso tributario ingenuo. Eduquemos o homem. Monumittamol-o com a carta de alforria da nacionalidade. Pratiquemos a patria.

E será por certo obra admiravel de estadista aquella que, organisando o Brasil, o preparar para o trabalho, para as suas lutas inevitaveis e para a vida.

CARLOS DE LEMOS.



A ESCRAVIDÃO

(CONFERENCIA PRONUNCIADA NO CENTRO CIVICO DE JUNDIAHY,
NO DIA 13 DE MAIO DE 1916).

Numa extremidade occidental da costa portugueza, em sitio de onde, conforme soam lendas, se via, á tarde, o sol afundar-se entre as ondas salgadas, numa crepitação formidanda, como braza gigantesca a mergulhar em gigantesca cuba de agua — instituiu o Infante D. Henrique, pouco antes de 1415, a Escola de Sagres, esplendida origem da epopéa marítima lusitana.

Daquella ponta, que fere o oceano com uma cotovelada audaciosa, partiram os navegantes para arrancar ao mar tenebroso a historia dos descobrimentos, á qual se deve a inscripção das Americas no mappa da civilização occidental.

Mil façanhas praticaram aquelles lobos do mar na realização da sua empresa; mas, entre esses feitos fulgurantes, um existe atroz e nefando — a escravidão negra.

Se é verdade que o principio da escravidão se prolonga ás mais longinquas epocas do passado, não menos certo é que tal principio já estava transformado pelo colonato e pela servidão quando o fanatismo religioso medieval o restaurou contra os infieis sarracenos que, em Hespanha e Portugal, eram escravizados a titulo de represalias. Era isto uma revivescencia do nefasto systema, a qual ia já em via de enfraquecer-se no instante em que os descobrimentos na Africa e na America, entregando-lhe o negro e o indio, lhe infundiram novas forças.

Gilianes foi quem primeiro, nesta phase da escravidão, captivou gente. Fel-o nas Canarias e tel-a-ia vendido na Europa si o Infante D. Henrique não houvesse ordenado fossem os homens devolvidos ás terras de onde haviam sido roubados. O gesto de Gilianes achou logo repetidores, tanto que, em 1442, segundo se diz, um tal Antão Gonçalves conduziu para Portugal dez escravos negros e, dois annos depois, um certo Capitão Lançarote alli vendeu para mais



de duzentos pretos. Entrementes, appareciam mahometanos com escravos da Africa, para os trocarem com prisioneiros mouros em mãos de portuguezes.

Nos primordios da escravidão moderna, não se agarravam captivos por odio contra elles ou por interesse pecuniario immediato e evidente. A cobiça espertalhona disfarçava-se. O captiveiro, dizia ella, é um beneficio para o negro, visto como, em ficando elle na sua patria, acabará victima dos seus inimigos, num desses interminaveis e sanguinosos recontros a que se habituaram as tribus, e não será incorporado á Christandade nem gozará de uma existencia superior, com a qual não sonhou nunca, na miseria das cabindas, á sombra das florestas africanas, ouvindo ao longe o rugido das feras esfiameadas.

Dentro em breve, porém, a avidez dos traficantes confessava-se, endireitando para o continente negro a horrida leva dos caçadores de escravos. Ao mesmo tempo, theologos e doutores, á cômputa, pretendiam justificar o captiveiro: os doutores, malhando sobre elle com cerebrinas argumentações, metteram-no entre as figuras do Direito das Gentes; os theologos, assentados na Biblia e lembrando-se da ruidosa maldição de Noé sobre Cham, porque este, vendo-o a dormir descomposto, numa hora de embriaguez involuntaria, se rira d'elle em lugar de subir-lhe as roupas — os theologos proclamavam que a escravidão era o castigo divino a incidir sobre os epigonos de Cham.

Passou-se a considerar o negro como mercancia, que se comerciava sobretudo na ilha da Madeira e nas Canarias, e que se carregava ora pelo numero de peças, ora por toneladas. Ou então o negro era equiparado aos animaes e porisso o titulo dezesete do livro quarto das Ordenações do Reino increve-se: Quando os que compram escravos, ou bestas, os poderão engeitar por doenças, ou manqueiras.

*

* *

Eis que Colombo descobre a America, sobre cujas terras virgens é logo projectado o captiveiro negro, que prosperou no seu novo ambiente, porque de prompto se verificou que o africano era melhor instrumento de trabalho do que o indio indolente e recalitrante ao jugo.

Devo dizer: a escravidão do indio e a do negro foram dous episodios inevitaveis na existencia americana, porque impostos pelo determinismo historico, isto é, por esse conjuncto de leis mysteriosas que presidem ao fluxo e refluxo das multidões humanas.

Deante da grandeza apavorante do mundo americano, em presença das difficuldades incriveis que aquellas terras desconhecidas

e inhospitas offereciam ao trabalho, perante a necessidade de dominar tão bruta natureza para tornal-a favoravel á vida do homem culto — que havia de fazer o numero exiguo, ridiculo e miseravel dos hespanhoes e portuguezes, para manterem-se em suas conquistas, senão recorressem ás raças desde tempos immemoriaes estabelecidas naquellas plagas e affeitas áquelles climas? E, sendo os selvagens refractarios ao trabalho, como deixar de forçal-os pelo captiveiro?

A experiencia demonstrou muito brevemente que os autóctones americanos não eram para a tarefa que se lhes reclamava. Além de maus agricultores e de começarem a escassear, já por os dizimarem as molestias e o duro regimen do trabalho, já por fugirem em massa para o coração dos sertões bravios, onde não chegassem os estampidos das escopetas do europeu escravizador, elles, dentro de pouco tempo, acharam nos jesuitas advogados acerrimos e prestigiosos que lhes alliciaram as sympathias dos governos. Começaram então de apparecer numerosamente leis, disposições e providencias protectivas da liberdade dos selvagens.

Deu-se ahí, na historia do Novo Continente, uma interessante contradicção, pois se, de um lado, se cogitava em, por todos os meios, restringir a escravização dos indios, por outro lado buscava-se activar a entrada de trabalhadores africanos, que os substituíssem. E assim principiou o commercio de escravos negros a ser tolerado e, mais, a ser legalizado com empenho, minudentemente, qual se fosse, como de feito era, um interesse insophismavel, uma importantissima exigencia social.

O indio estava perfeitamente amparado pela roupeta do padre ignaciano e, embora vacillantemente, pelo sceptro dos reis. E o negro?

Responde o historiador Rocha Pombo: — “A sorte do negro é incomparavelmente mais penosa e horriavel que a do proprio indio. O nosso selvagem estava na sua terra, e tinha por si, não só a soberania do sertão, como o patrocínio do missionario, a voz da humanidade, e até a palavra de ordem dos governos. O negro não teve por si a misericordia de nenhum coração.” (1)

O Padre Antonio Vieira, com ser o grande defensor dos indios brasileiros, pagou á escravocracia africana o tributo de sua opinião valiosa. Elle asseverou: “A nona e ultima causa, que em parte vem a ser forçosa, é ser todo o serviço dos moradores daquelle Estado com Indios naturaes da terra, os quaes por sua natural fraqueza e pelo ocio, descanso e liberdade em que se criam, não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os Portuguezes os fazem servir, principalmente os das cannas, engenhos, e tabaco, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo; e como nas suas vidas consiste toda a riqueza e remedio daquelles mo-



radores, é mui ordinario virem a cahir em pouco tempo em grande pobreza os que se tinham por mais ricos e afazendados; porque a fazenda não consiste nas terras, que são communs, senão nos fructos da industria, com que cada um as fabrica, e de que são os únicos instrumentos os braços dos Indios. Esta mesma quebra e incerteza das fazendas se experimentou e padeceu em todas as partes do Brasil emquanto nos principios da sua conquista se serviam somente com Indios, até que com este desengano se resolveram a fabricar suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente por sua natureza serviçal, dura e capaz de todo o trabalho, e que o atura, e vive por muitos annos, se a fome e o máo tratamento os não acaba. Nem no Estado do Maranhão, que é parte do mesmo Brasil, haverá remedio permanente de vida emquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola." (2)

A incapacidade do bugre foi supprida pela docilidade e resistencia do negro. Emquanto o bugre enfraquecido se sumia na liberdade inutil dos sertões, gemia o negro nos eitos a domar a terra. hostil e immensa. O negro foi sacrificado; mas, sobre as aras, que elle cobriu com a patina do seu sangue, do seu suor e das suas lagrimas, levantaram-se para a civilização as patrias americanas.

Este papel de victima submissa e quasi abandonada pela ingratidão e pelo preconceito daquelles mesmos que na energia e esforgo do negro iam buscar vida e prosperidade; — este papel de hostia negra escorchada sobre os altares para beneficio de uma patria que, não sendo a delles, delles herdou milhares e milhares de descendentes, muitos dos quaes foram typos de ordem superior no meio da população nacional; — este papel de oblata humilde mas capaz de attrahir os favores dos deuses sobre quem a offertava, constitue, sem duvida nenhuma, a gloria resplandecente e intemerata da raça negra na America.

Representando esse papel, os negros vieram a merecer a consideração da historia da humanidade. Pois que as tribus africanas, que mandaram escravos ao Brasil, viviam em tanto maior atrazo quanto mais apartadas demoravam dos littoraes indico e mediterraneo, onde se achou o centro irradiador da civilização africana — o Egypto, nenhum posto lhe competiria na historia da cultura humana se não o houvessem ganhado com o martyrio que padeceram quando, sob o jugo do captivoiro, cooperaram para a civilização.

*
* *
*

Em que epocha appareceu no Brasil a escravidão negra?

O Brasil não foi o centro mais activo dessa escravidão no Novo Continente nem teve a prioridade do tráfico, a qual pertence aos hespanhoes. Ao que parece, os primeiros negros entrados no Brasil vie-



e inhospitas offereciam ao trabalho, perante a necessidade de dominar tão bruta natureza para tornal-a favoravel á vida do homem culto — que havia de fazer o numero exiguo, ridiculo e miseravel dos hespanhoes e portuguezes, para manterem-se em suas conquistas, senão recorressem ás raças desde tempos immemoriaes estabelecidas naquellas plagas e affeitas áquelles climas? E, sendo os selvagens refractarios ao trabalho, como deixar de forçal-os pelo captiveiro?

A experiencia demonstrou muito brevemente que os autóctones americanos não eram para a tarefa que se lhes reclamava. Além de maus agricultores e de começarem a escassear, já por os dizimarem as molestias e o duro regimen do trabalho, já por fugirem em massa para o coração dos sertões bravios, onde não chegassem os estampidos das escopetas do europeu escravizador, elles, dentro de pouco tempo, acharam nos jesuitas advogados acerrimos e prestigiosos que lhes alliciaram as sympathias dos governos. Começaram então de apparecer numerosamente leis, disposições e providencias protectivas da liberdade dos selvagens.

Deu-se ahí, na historia do Novo Continente, uma interessante contradicção, pois se, de um lado, se cogitava em, por todos os meios, restringir a escravização dos indios, por outro lado buscava-se activar a entrada de trabalhadores africanos, que os substituíssem. E assim principiou o commercio de escravos negros a ser tolerado e, mais, a ser legalizado com empenho, minudentemente, qual se fosse, como de feito era, um interesse insophismavel, uma importantissima exigencia social.

O indio estava perfeitamente amparado pela roupeta do padre ignaciano e, embora vacillantemente, pelo sceptro dos reis. E o negro?

Responde o historiador Rocha Pombo: — “A sorte do negro é incomparavelmente mais penosa e horrivel que a do proprio indio. O nosso selvagem estava na sua terra, e tinha por si, não só a soberania do sertão, como o patrocínio do missionario, a voz da humanidade, e até a palavra de ordem dos governos. O negro não teve por si a misericordia de nenhum coração.” (1)

O Padre Antonio Vieira, com ser o grande defensor dos indios brasileiros, pagou á escravocracia africana o tributo de sua opinião valiosa. Elle asseverou: “A nona e ultima causa, que em parte vem a ser forçosa, é ser todo o serviço dos moradores daquelle Estado com Indios naturaes da terra, os quaes por sua natural fraqueza e pelo ocio, descanso e liberdade em que se criam, não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os Portuguezes os fazem servir, principalmente os das cannas, engenhos, e tabaco, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo; e como nas suas vidas consiste toda a riqueza e remedio daquelles mo-



radores, é mui ordinario virem a cahir em pouco tempo em grande pobreza os que se tinham por mais ricos e afazendados; porque a fazenda não consiste nas terras, que são communs, senão nos fructos da industria, com que cada um as fabrica, e de que são os únicos instrumentos os braços dos Indios. Esta mesma quebra e incerteza das fazendas se experimentou e padeceu em todas as partes do Brasil emquanto nos princípios da sua conquista se serviam somente com Indios, até que com este desengano se resolveram a fabricar suas fazendas com escravos mandados vir de Angola, que é gente por sua natureza servil, dura e capaz de todo o trabalho, e que o atura, e vive por muitos annos, se a fome e o máo tratamento os não acaba. Nem no Estado do Maranhão, que é parte do mesmo Brasil, haverá remedio permanente de vida emquanto não entrarem na maior força do serviço escravos de Angola." (2)

A incapacidade do bugre foi supprida pela docilidade e resistencia do negro. Emquanto o bugre enfraquecido se sumia na liberdade inutil dos sertões, gemia o negro nos eitos a domar a terra. hostil e immensa. O negro foi sacrificado; mas, sobre as aras, que elle cobriu com a patina do seu sangue, do seu suor e das suas lagrimas, levantaram-se para a civilização as patrias americanas.

Este papel de victima submissa e quasi abandonada pela ingratidão e pelo preconceito daquelles mesmos que na energia e esforço do negro iam buscar vida e prosperidade; — este papel de hostia negra escorchada sobre os altares para beneficio de uma patria que, não sendo a delles, delles herdou milhares e milhares de descendentes, muitos dos quaes foram typos de ordem superior no meio da população nacional; — este papel de oblata humilde mas capaz de attrahir os favores dos deuses sobre quem a offertava, constitue, sem duvida nenhuma, a gloria resplandecente e intemerata da raça negra na America.

Representando esse papel, os negros vieram a merecer a consideração da historia da humanidade. Pois que as tribus africanas, que mandaram escravos ao Brasil, viviam em tanto maior atrazo quanto mais apartadas demoravam dos littoraes indico e mediterraneo, onde se achou o centro irradiador da civilização africana — o Egypto, nenhum posto lhe competiria na historia da cultura humana se não o houvessem ganhado com o martyrio que padeceram quando, sob o jugo do captivo, cooperaram para a civilização.

*
* *
*

Em que epocha appareceu no Brasil a escravidão negra?

O Brasil não foi o centro mais activo dessa escravidão no Novo Continente nem teve a prioridade do tráfico, a qual pertence aos hespanhoes. Ao que parece, os primeiros negros entrados no Brasil vie-



ram com alguns do donatarios, pois ninguem informa sobre se Martin Affonso ou os navegantes, que o antecederam nas rotas do Atlantico, se fizeram seguir de africanos captivos.

O trabalho do negro na lavoura começou a ser aproveitado ao tempo dos primeiros estabelecimentos, quando se introduziu o cultivo da canna de assucar. Vindo este cultivo a desenvolver-se, a Metropole, por Alvará de 29 de Março de 1549, permittiu, mediante redução de direitos, o resgate á custa dos colonos donos de engenhos e bem assim a introdução de escravos africanos de Guiné e da ilha de S. Thomé, em numero de cento e vinte para cada senhor de engenho montado e em condições de funcionar.

A diminuição cada vez mais accelerada dos indigenas e a sempre crescente precisão de braços para a lida da colonização e da agricultura; o desejo de proteger o indio e, a passo igual, o de fomentar a conquista e manter ahi a paz pela satisfação dos povoadores, que proclamavam a sua impotencia contra a terra se não viesse o escravo auxillial-os, fizeram que a Metropole passasse da timidez do Alvará de 1549 para as amplitudes dos contractos chamados — assentos, por força dos quaes se outorgava a individuos e companhias a faculdade e, ás vezes, se impunha a obrigação de introduzir no Brasil um certo numero de escravos negros.

A Companhia de Commercio do Grão Pará e Maranhão, por exemplo, comprometteu-se a pôr na Colonia dez mil negros em vinte annos, á razão de quinhentos por anno, para serem vendidos por 100\$ cada um. E acontecendo que, em 1683, a Companhia não levára ainda uma só peça, apesar de ter assentado fazel-o em grande escala, contra ella amotinaram-se os povos, confôrme deixou escripto Berredo nos *Annaes do Maranhão*.

A Corôa, sobre lançar impostos á infame traficancia, comprava e revendia homens. Mas, que pôde haver nisto de extranhavel, se se conferia a estabelecimentos religiosos e pios a preferencia para poderem importar, annualmente, um determinado lote de escravos? Até certa época, para transitarem de uma para outra colonia, os escravos (tambem chamados peças da India e fôlegos-vivos) deviam aportar primeiro em Lisboa, por onde se viu que, desde 1859, o mercado dessa cidade rendia annualmente de dez a doze mil escravos.

A abolição do captiveiro dos indios pela Lei de 6 de Junho de 1755 e a prohibição, lançada pelo Alvará de 19 de Setembro de 1761, de metter escravos no Reino, de onde a escravidão foi extirpada pelo Alvará de 16 de Janeiro de 1773, deram nascimento ao tráfico directo entre o Brasil e a Africa, tráfico esse que se encorajou sempre mais, não sómente porque a faina agricola precisava delle, mas tambem porque o ardor do trabalho nas minas o reclamava com tamanha insistencia que Rocha Pombo poudé asseverar



que o século da mineração, isto é, o século dezoito, foi também o século do tráfico. (3)

Amparada pela opinião publica e pelas leis, a escravidão, filha monstruosa de uma necessidade fatal, installou-se no Brasil como salutar instituto garantidor da victoria do homem sobre a terra. Sem captiveiro não haveria civilização no Brasil.

E' bem positivo ter apparecido em todos os tempos quem, em extremos de piedade que o determinismo historico desconhece, amaldiçoasse o captiveiro.

Um desses foi Manoel Ribeiro Rocha, presbytero lisboeta, formado em canones pela Universidade de Coimbra, advogado no fóro bahiano, o qual publicou, em 1758, um trabalho intitulado: — *Ethiope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruido e libertado. Discurso theologico-juridico, em que se propõe o modo de commerciar, haver e possuir validamente, quanto a um e outro fóro, os pretos captivos africanos, e as principaes obrigações que correm a quem delles se servir.* (4)

Longa e pittoresca epigraphe essa sob a qual palpita o pensamento de um apostolo da liberdade humana!

Mas, esse não foi o primeiro lampejo da exaltação abolicionista. A Lei de 6 de Junho de 1755, suppressiva da escravidão dos indios e seus descendentes, exceptuou os individuos nascidos de escravas pretas, os quaes seriam conservados no dominio dos senhores até que sobre tal materia tomasse a Corôa outra providencia. (5) Nesta promessa encontra-se, embora apagado e longinquo, o vislumbre do que só depois se affirmou na Lei do Ventre Livre.

Na quadra da Independencia, José Bonifacio, servindo de echo vibrátil á campanha libertadora, que sacudia as republicas hispano-americanas e a Inglaterra de Wilberforce e de Buxton, redigiu um projecto favoravel á liberdade negra, projecto prematuro e porisso mesmo predisposto ao esquecimento. O deputado Antonio Ferreira França collocou pela primeira vez a idéa abolicionista no recinto do parlamento, bateu-se por ella mallogradamente, pois a opinião publica a recebeu como uma utopia curiosa e extravagante.

As vozes dos precursôres do abolicionismo eram isoladas e impotentes; innôcuas, as promessas temporãs do Governo. Até 1866, o instituto da escravidão foi, na phrase de Joaquim Nabuco, um mysterio sagrado: ninguem ousava profanal-o. (6) Tocar nelle seria arremessar sobre o paiz as grandes aguas destruidoras de uma revolução economica.

* * *

Se a idéa da abolição do captiveiro era então inadmissivel, o mesmo não acontecia com a da extincção do tráfico, que se tornou desde logo um dos mais sensiveis pontos politicos do Imperio.



A idéa da supressão do tráfico vinha de antes da era da Independência. Pelo Tratado de 19 de Fevereiro de 1810, Portugal, compromettera-se com a Inglaterra a dar fim ao commercio de escravos no Brasil. A Inglaterra revestiu-se das insignias de paladino da abolição e energicamente influuiu para a extirpação do tráfico africano entre nós.

O Tratado de 1810 corroborou o de 22 de Janeiro de 1815, em que se determinou abolir o commercio de escravos ao norte do Equador e adoptar as medidas que melhor podessem contribuir para efectiva execução do ajuste precedente, reservando-se para um tratado separado o periodo no qual o commercio de escravos houvesse de cessar universalmente e de ser prohibido em todos os dominios portuguezes.

A Convenção Additional de 28 de Julho de 1817 veio esclarecer os direitos e obrigações a que o Tratado de 1815 alludia, entre os quaes figurava o direito de visita e de busca e a criação de commissões mixtas aptas para, de accôrdo com instrucções e regulamentos assignados na mesma occasião, julgarem os apresamentos feitos pelos cruzadores das altas partes contractantes.

A 11 de Setembro de 1817 lavrou-se um artigo separado, que depois o governo portuguez ratificou. Por esse artigo deixou-se estipulado que, em seguida á abolição total do tráfico, adoptar-se-iam as condições do Ajuste Additional de 28 de Julho, accrescentando-se que, na hypothese de não ser possivel vir-se a outro accôrdo, a referida Convenção Additional valeria durante quinze annos, a partir do dia em que fosse completamente encerrado o transporte de escravos.

A 23 de Novembro de 1826, o nascente Imperio Brasileiro e a Grã-Bretanha conformaram-se com uma convenção ratificada a 13 de Março de 1827, por força da qual, tres annos após a troca das ratificações, não seria mais licito fazer de qualquer modo o commercio de escravos na Costa d'África, debaixo de qualquer pretexto, sob pena de ser tal commercio considerado e tratado como pirataria. Esta convenção renovou e adoptou todos os dispositivos dos Tratados de 1815 e 1817 com os artigos explicativos que lhes haviam sido adicionados.

A Lei de 7 de Novembro de 1831 estabeleceu o preceito pelo qual ninguem, não sendo livre, podia ser admittido a pisar o solo brasileiro. Todos os escravos vindos de fóra, em penetrando no territorio ou nos portos do Brazil, ficariam livres, excepto — primeiro, os matriculados no serviço de embarcações pertencentes a paiz onde a escravidão fosse permittida, os quaes continuariam escravos enquanto servissem nessas embarcações — segundo, os que fugissem de territorio ou embarcação estrangeira, os quaes seriam entregues a seus senhores e reexportados do Brasil. Quanto aos importadores de escravos, além de soffrerem pena corporal e multa, pagariam as despesas da reexportação dos captivos apprehendidos.



Estas medidas todas, vê-se logo, só apanhavam o problema por uma de suas faces, porquanto a difficuldade não estava em supprimir o escravo, sim em substituil-o pelo trabalhador livre. Extinguir a escravidão sem pôr no lugar della outro agente de trabalho, equivalia a perturbar a producção da riqueza. E como, sem este phenomeno da producção da riqueza, a vida do homem seria um impossivel — a violação de todas as determinações incompletas do governo tinha que ser um acontecimento fatal.

Apertados entre as exigencias da Colonização e as punições leaes, os traficantes acharam logo o caminho por onde satisfazer as primeiras burlando as segundas: instituíram o contrabando negro.

Este abuso sorrateiro e inevitavel exasperou a Inglaterra que, julgando houvesse na astucia triumphante dos negreiros signaes de connivencia das autoridades brasileiras, entrou a nutrir com relação a nós uma desconfiança insultuosa, que se materializou numa pressão violenta, desabrida, animosa e attentatoria de todos os melindres da nossa soberania.

Não contentes com percorrerem o mar alto dando caça aos brigues condemnados, os cruzeiros britannicos invadiam os mares territoriaes do Brasil, violavam-lhe os portos e, mesmo ao alcance das boccas de fogo das baterias nacionaes, visitavam navios, faziam apprehensões, opprimiam passageiros.

Neste interim, a 13 de Março de 1845, expirou o tratado pelo qual a Grã-Bretanha se empossára nos direitos de visita e adjudicação de navios no mar. O governo inglez, imperturbavel, inventou o "Bill" Aberdeen, que é de 8 de Agosto de 1845, pelo qual, não sómente proclamava ser o tráfico de escravos pirataria e deverem os que o praticassem ficar subordinados aos tribunaes inglezes, mas tambem organizava cruzeiros de policiamento no oceano.

Com ou sem ajustes, a Inglaterra persistia na sua attitudo de agarrar embarcações nas aguas imperiaes, levantando com isso, ante o Governo Brasileiro uma interminavel sequencia de atormentadas complicações.

Enfraquecidos os laços de amizade entre os dous paizes, a susceptibilidade nacional commoveu-se e sobrevieram conflictos irritantes. Não se pôde, todavia, deixar de convir em que a teimosia ingleza foi salutar, porquanto estancou o tráfico maritimo de negros, resultado este que os brasileiros não haveriam logrado, por melhores que fossem as suas leis e por mais corajosamente que rompessem com o preconceito e o interesse.

O tráfico era uma cousa feroz. As suas crueldades conseguiram estremecer afinal o coração brasileiro. Abriu-se então contra elle, por intermedio da imprensa e de associações, uma campanha vivacissima.

Na oportunidade desse momento, Eusebio de Queiroz, Ministro da Justiça, offereceu a Lei n. 581, de 4 de Setembro de 1850, cujos



dispositivos mandavam — 1.º impedir os desembarques e aprisionar as embarcações que fizessem o tráfico ou disso fossem suspeitadas; 2.º apprehender em terra os escravos que os tanganhões conseguissem descer; 3.º punir severamente os culpados, infligindo-lhes, afóra outras penas, a do sequestro dos seus navios; 4.º abreviar o processo dos transgressores, incumbindo-o a um juiz especial; 5.º manter com efficacia a liberdade dos africanos apprehendidos.

Era severa a Lei Eusebio. Ainda assim, os tanganhões, que tinham poder e se iam assenhoreando dos latifúndios agrícolas por força de hypothecas que executavam, lograram enganar-a e por um meio bem simples: destruir os armazens e depositos de escravos no littoral e, logo que estes desembarcavam, conduziam-n'os para o interior do paiz, sorrateiramente, por veredas de poucos conhecidas.

A Lei n. 731, de 5 de Junho de 1854 foi perturbal-os no mais escuso dos seus latibulos.

Ampliando a competencia dos auditores de marinha para processarem e julgarem os réus de crime de importação ou tentativa de importação de escravos, e autorizando contra os delinquentes e os escravos desembarcados a perseguição a toda a hora, qualquer que fosse a distancia do litoral em que se elles achassem, a referida lei desbaratou os ardis e ousadias dos venaliciarios, culminou o apparelho legislativo hostil ao tráfico e conseguiu um dos desiderata que tinha em vista e era o de tornar inutil o "Bill" Aberdeen pela demonstração irresponsivel de que nas costas brasileiras o contrabando negro era já impossivel.

E' certo que depois occorreu o lamentavel desembarque de Serinhaem, em Pernambuco.

Um palhaborde portuguez conduzia 209 africanos que foram apprehendidos. Antes, porém, que chegasse o destacamento do Rio Formoso, mãos mysteriosas roubaram 47 escravos. Armou-se o processo de repressão, mas, pelas suas malhas, iam conseguindo fugir os culpados mais poderosos, ao mesmo tempo que outros, que haviam sido detidos, provocavam em seu proprio favor a preponderancia de familias influentes na Provincia. Neste momento, o Encarregado de Negocios da Inglaterra desferiu uma nota intimando que, se o Governo não fizesse os maiores esforços para descobrir os delinquentes nessa ou em qualquer outra negociação do tráfico e não tratasse de perseguil-os com o inteiro rigor das leis, a autoridade britannica seria forçada a mais uma vez pôr em pratica as disposições do acto do Parlamento do anno de 1845, isto é, ao mesmo passo que os cruzadores britannicos exercessem nas costas, nos rios e nos portos do Brazil aquella vigilancia e actividade que fossem esquecidas pelos agentes officiaes do Governo Brasileiro, os tribunaes inglezes pronunciam aquellas sentenças de condemnação que as Côrtes de Justiça brasileiras se abstivessem de proferir (7).



A observação era de uma aspereza descabida, visto estar o Governo Brasileiro a tal ponto implacavel na repressão, que esta subiu até á aposentadoria e remoção de magistrados que, pelo voto de Minerva, tinham absolvido os réus do audacioso delicto.

O incidente de Serinhaem fechou a triste historia do tráfico e inutilizou de vez o "Bill" Aberdeen.

Em 1856, Lord Palmerston, arengando na Camara dos Comuns, dizia reputar acabado o commercio de captivos negros no Brazil, commercio esse que, mais tarde, em 1862, o ministro inglez Christie declarava ser impossivel restaurar. Finalmente, em 1866, no relatorio do Ministerio da Justiça, o Conselheiro Nabuco de Araujo firmava o ultimo attestado de energia da Lei de 54, proclamando categoricamente a extinção do tráfico em todo o territorio do Imperio.

*
* *

O desaparecimento da escravatura, cuja historia vae de 1822 a 1850, foi o primeiro avanço no sentido da abolição.

No periodo que se estende de 1860 a 1865, a causa da emancipação cresceu, formou adeptos, acaudelou paladinos e rebateu a opposição conservadora. A guerra do Paraguay mostrou que o captivo era um labéo a ser atirado ao Brasil pelos seus inimigos e tambem uma razão de inferioridade nos congressos dos alliados. Motivos como esse calando na susceptibilidade nacional, avolumaram a onda abolicionista. Mas, por muito vivaz que fosse o movimento, nada levava a prever, para dahi a pouco, um salto decisivo.

Eis senão quando estala a idéa nos conselhos do governo, patrocinada pelo Marquez de S. Vicente, amparado e, segundo todas as probabilidades, inspirado pelo Imperador. A idéa vinha distribuida em cinco projectos formando um systema que propunha a liberdade dos nascituros; a criação de juntas provinciaes protectoras da emancipação; a matricula rural dos captivos; a alforria em cinco annos dos escravos da nação e, em sete, a dos escravos dos conventos.

Poderia acaso o debate parlamentar assustar os projectos de S. Vicente, quando elles traziam, antecipadamente, no bojo, o segredo da victoria, convem a saber a opinião favoravel e assentada do Imperador e o favor popular?

Desses projectos nasceu a Lei de 28 de Setembro de 1871 que, libertando o ventre escravo, conseguiu, sem abalar muito profundamente o direito de propriedade, exhaurir a unica fonte do captivo que ainda nos maculava.

Bastava a lei do ventre livre a dar fim á escravidão. A opinião publica, todavia, não se contentou com ella. A idéa abolicionista estava de tal modo constituida que não era mais possivel detel-a no



caminho de uma realização gradual e prudente. Incorporava-se no sentir das massas populares o solitario e esplendido sonho de Montesuma, que foi o primeiro estadista brasileiro a pensar na abolição a prazo curto e sem indemnisação.

Isto não impediu que, atraz da promulgação da Lei de 1871, decorressem sete annos de marasmo.

De repente, a nação começou a ouvir uma voz fascinante pela limpidez e riqueza de suas sonoridades e pela excellencia commovente dos pensamentos que diffundia. Joaquim Nabuco falava. Era sobrio, elegante, britannico.

Ao lado delle outro orador surgia, por vezes candente, arrepeado e furibundo, por vezes meigo, piedoso e submisso como as lagrimas da raça opprimida a que pertencia. Era José do Patrocínio.

Agrupou-se então o partido abolicionista e após elle lá se foi a alma nacional, enlevada como mulher que se apaixona pelo que é bello, corajoso e varonil.

A centelha caminha. Apparecem senhores a manumittir espontaneamente os seus homens. O Ceará e o Amazonas quebram as algemas ao negro. No Norte, presidentes de provincia associam-se a festas abolicionistas. Multiplicam-se no Parlamento os projectos que aspiram definir e resolver a questão. Todas as actividades, á porfia, querem atirar o seu golpe á arvore da escravidão para desafogar-se o solo onde devia florir a liberdade. Por toda a parte, os captivos abandonam os latifundios fieis á escravagem e refugiam-se nas fazendas e nas casas dos abolicionistas. Quando, alarmados, os senhores pedem ao Governo lhes empreste a força para jugularem aquelles estos de independencia individual, o exercito recusa-se a cooperar na tarefa de perseguir a propriedade fugitiva. E' uma febre sentimental cujos delirios obscurecem os inconvenientes de uma substituição radical e brusca no secular regimen do trabalho. E' positivamente uma exaltação cujos frenesis impedem se veja, por detraz de um acto de inquestionavel justiça, o immenso desarranjo que elle vae produzir na machina economica e politica da nação.

Chegou o anno de 1888. Na fala com que, nessa época, se abriu a sessão legislativa, a Princeza Regente exclamou:

"A extincção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberalidades particulares, em honra do Brasil, adiantou-se pacificamente de tal modo que é hoje aspiração aclamada por todas as classes, com admiraveis exemplos de abnegação da parte dos proprietarios. Quando o proprio interesse privado vem espontaneamente collaborar para que o Brasil se desfaça da infeliz herança que as necessidades da lavoura haviam mantido, confio que não hesitareis em apagar do direito patrio a unica excepção que nelle figura em antagonismo com o espirito christão e liberal de nossas instituições."



Houve applausos. Era a primeira vez que tal acontecia no Senado durante uma fala do throno. Lá fóra, na rua, a multidão erguia os braços acclamando. Vibrava no ar a impaciencia, a soffreguidão, a nervosidade das horas decisivas.

A 8 de Maio, Rodrigo Silva, Ministro da Agricultura, leva á Camara a proposta do Governo.

E' simples; tem só dois artigos. Diz no primeiro delles: — E' declarada extincta a escravidão no Brazil.

Lidas estas breves palavras, clamores de alegria reboam dos apertos da sala para a amplidão da praça publica, onde o coração do povo esperava.

Em instantes, a commissão incumbida de dizer sobre a proposta compõe um parecer curto e unanimemente favoravel, de modo que o projecto entra na ordem do dia seguinte, provoca algumas hostilidades e acaba approvedo, no dia 10, antes por acclamação do que pela tomada de votos.

No Senado o debate dura tres dias incompletos.

Tão violenta é a ancia pela approvação da medida, que Paulino está ainda a falar contra ella e já a Princeza Regente demanda o paço onde deve sanccional-a.

O povo aguarda o fim da campanha. Nervosa, agitada, comprimida, sussurrante, a multidão invade o palacio, acotovelando a Princeza e embaraçando-lhe os movimentos. E quando a Princeza se dispõe a assignar o decreto, todas as vozes aquietam-se, os nervos suspendem sua vibratilidade, cessa o ondular da turba e os rostos voltam-se na mesma direcção.

Depois, é a explosão da victoria, o longo bramido do contentamento popular e o ruido dos passos da escravaria iniciando a marcha sobre o chão da liberdade.

Isto foi ha 28 annos, no dia 13 de Maio de 1888.

*
* *

O factor mais potente da abolição encontra-se na consciencia e no coração dos brasileiros, onde, finalmente, a causa dos escravos provocou insopitaveis manifestações de piedade e de ternura.

A dura sorte do negro nunca deixára totalmente de commover a alma sentimental e a indole bondosa dos brasileiros. Provam-n'o os apadrinhamentos; as alforrias na pia baptismal, em testamento ou em commemoração das datas festivas da familia; os consólos da religião com as irmandades compostas só de negros e as dezenas de outras mitigações nascidas da philanthropia, da caridade e dos costumes do povo. O Brazil não teve código negro. Nunca medraram em suas terras fazendas de criar escravos, como na America do Norte.



A proverbial generosidade da mulher brasileira, a meiguice do seu caracter, a *sympathia* humana que a singulariza, o seu espirito de solidariedade com todos os infelizes, os thesouros incompreensíveis do seu amor ampararam sempre o negro na dor e na miseria do seu destino.

As noticias e narrativas da vida atroz do escravo contribuíram, como uma agua boa, para fecundar na alma compassiva do povo a planta onde, um dia, havia de abrir-se, ao redor de um esplendido pistillo, a flor do pensamento abolicionista.

Os apostolos da redempção não se esqueciam de pintar os quadros horripilantes do tráfico, da senzala, do eito onde havia um taganhão estúpido, um senhor carecido de piedade ou um feitor-carasco. Era seguro o effeito. Cada uma das scenas assim descriptas tomava o coração popular e configurava uma pyra ardendo em commiserção pela sina dos homens escravizados.

Veio um dia em que o coração do povo, trabalhado pelas forças da propaganda, desceu á praça publica e começou a palpitar rubro, chammejante, soberbo, glorioso e invencível. Nesse dia, todas as montanhas do interesse foram solapadas e o captivo terminou.

Que era a escravidão entre as nações negras?

Entre as nações negras, a escravidão era a pena que se applicava a quasi todos os delictos e era o destino que se dava aos prisioneiros de guerra.

Taes eram os costumes, que o commercio dos negreiros achou nelles protecção e meios de desenvolver-se. Manejando o suborno e a intriga, os traficantes atearam na Africa a conflagração do arbitrio e da cobiça, cujas victimas elles se apressavam a resgatar, aos montes, por missangas, por peças de panno, por facões de aço, por aguardente, por quantias miseraveis.

Chamavam-se "funidores" os que praticavam o tráfico. A's vezes, davam-lhes o nome de "tumbeiros" porque, frequentemente, mais carregavam cadaveres que seres vivos (8). Tumbeiros e funidores, todos têm um pedregulho no lugar do coração.

Ao rispido estalar dos azorragues, o grupo dos martyres arrancados das aldeias segue de presidio em presidio, em busca das terras americanas. Vão nus, que ninguem suppõe conheçam pudor ou devam sentir os insultos das intemperies. Vão carimbados a ferro quente. Si recalcitrarem tentando fugir, eil-os com o pescoço ajogado na corrente do libambo. A saudade, a fome, o desanimo, a sêde, o soffrimento immoderado, compadecendo-se dos miseros, lembram-se muitas vezes de chamar a morte. A morte não é surda. Tanto não é surda a morte que cadaveres negros vão cahindo como gottas de tinta, ponteando uma reticência dolorosa ao longo das estradas requemadas pelo sol africano.



A leva diminue mas vae seguindo. Vae o ardente sol bebendo lagrimas na taça escura dos olhos escravos, que a tortura aprofundou nas orbitas.

O' negros, para que supplicar? O' moços de grandes musculos sob a pelle de azeviche, de que serve a revolta? O' velhos retintos e de carapinhas alvinitentes como os fructos amadurecidos das paineiras, não fôra melhor succumbir e, sobre o chão ingrato, servir de pasto a hyenas e abutres? O' mães pretas, cheias de mansidão, ovelhas negras a balir no caminho do matadouro, nunca houvesseis condemnado á vida a essas creanças cor de ebano, predilectas do infortunio!...

Eis afinal chegados os barracões e os fortes dos entrepostos negreiros do littoral.

Antes do embarque, lucra a mercadoria em descansar. Abrem-se então uns dias de refresco. Distribue-se alcool. Fervem batuques. Ha reparigas no bando e o traficante é libidinoso. Porisso a luxuria geme, suspira e escabuja pelos recantos das barracas.

São emfim a hora da partida. Ao de cima das aguas tranquillas, banhando a floresta sêcca da mastreação na claridade dos céus, balouça-se preguiçosamente o brigue maldito, como uma traição sobre a caricia molle das ondas. A manada negra, tangem-n'a a rêlhaços para os porões da nave negreganda. O espaço alli é diminuto; o ar, escasso; a alimentação, estragada e pouca; medonho, o calor; espessa a atmosphera, tal a fedentina dos dejectos. Vermes e insectos asquerosas formigam sobre os corpos immundos da escravaria e sugam-nos abrindo-lhes feridas de onde sobem putridas emanações. As molestias assaltam raivosamente os organismos depauperados.

Quem se commove com isso? São negros... São escravos. O mar engulirá satisfeito os despojos dos que morrerem e a futura caçada nos sertões africanos preencherá os claros facilmente.

O' soluços das ondas nas penedias carrancudas que lutam com o oceano; ó gemido dos vagalhões de crista espumejante a desmanchar-se com fragor; ó bramidos das aguas irritadas no lóbrego das cavernas; ó berros, ó suspiros, ó estertores, ó plangencias do mar — formidavel orchestração indescritivel — que sois ao lado das vozes ululantes que resoam nas tenebrosas cavernas da embarcação satânica, circulo do inferno dantesco sôto sobre as vagas do mar?

E' noute. Nos céus altos as constellações fulguram.

No tombadilho, que os astros banham em pacificações de luz, surge de repente um vulto, espia, aguça o ouvido, esgueira-se, ganha a amurada, galga-a e arroja-se ás ondas frias.

Que foi?

Um negro suicidou-se. As vagas do mar assignaram-lhe a carta de alforria. Esse foi feliz.



Pleno dia. E' de azeite o mar. Mordida por um sol de gloria, a superficie convexa das aguas scintilla.

A subitas, a um grito de alarma, revoluciona-se o pessoal de bordo. Assestam-se oculos de alcance. Esquadrinha-se a distancia. Ha pupillas verrumando os longes azulados onde as aguas parece confundirem-se com o céu. Vozes de commando erguem-se rapidas. Abrem-se as escotilhas e os negros semi-nús, tontos como fêras longamente enjauladas, apparecem, abrigando os olhos com as mãos em tejadilho á altura das sobranceiras, contra a luz de que estão deshabituaados. Os algozes brancos avançam, agarram-n'os e atiram pelo voborde abaixo como saccos de carvão, que as aguas profundas e molles tragam gorgolejando.

O que foi que succedeu?

Foi um cruzeiro ingles que apontou na linha do horizonte. Estava imminente uma visita. Para evitar a apprehensão do barco e o castigo dos tripulantes, alijou-se a carga. Não foi nada. Eram negros... eram escravos.

A noute é de trevas. Na solidão do espaço imperscrutavel, vae e vem, cresce e diminue, como uma cousa que estufa e se desenchê, a respiração do mar.

Na coberta do navio negreiro, á luz mortica e horrente dos candieiros, ha corpos negros tregeitando; braços de ébano contorcem-se no ar; crispam-se mãos atormentadas; dorsos nús passam mostrando o sulco da espinha como um valle entre as saliencias das espadas; carapinhas reluzentes de suor aproximam-se e afastam-se como grandes bolas lanzudas boiando no espaço. Ferem o chão, em surda cadência, os calcanhares. Relhos estalam. E' a dança dos escravos.

Inspirados pelo genio da crueldade e da ironia, os negreiros inventaram-n'a para attenuar a mortandade nos porões infectos do navio. E' o movimento, é o exercicio physico, é a gymnastica incumbida de desentorpecer membros, arejar pulmões, preservar a carniça viva de um apodrecimento rapido e prematuro.

Quantas vezes haveis visto e ouvido crianças felizes, á sombra jocundissima dos parques, tranças ao léo, mãos agarradas em cadeia, girando doudamente e cantando:

Dança, meu negrinho.

Eu não sei dançar.

Traga o chicotinho.

Eu já danço já.

Estes versos, a imaginação do povo crystallizou nelles a dolorosa reminiscencia da dança dos negros nos tombadilhos sujos e visguentos, nas horas infernaes da travessia.



Um dia vem em que se mostram ao longe as sombras da terra do destino. O brigue emerge numa bahia que se afigura de uma redondeza perfeita. A paisagem, não a atormentam morros estatelados em attitudes de delirio: é graciosa e modesta. O casario parece um grande presepe, montado em dous planos, na fôrma de um vasto degrau. Aqui, pesados sobradões coloniaes assombram um labyrintho de becos e viellas, onde uma população multifária zunzuna. Além, a collina avulta, forrada de uma como pelucia verde, que é a fimbria do tapete de verduras desdobrado sobre os chapadões interiores.

Este é um dos pontos de desembarque da escravaria: é a cidade de São Salvador.

O outro ponto é bem diverso na magnificencia de sua ornamentação de morros e florestas. O navio negreiro passa entre ilhas. Assombrado, encolhe-se e quasi se some ao defrontar com o vulto horrendo de uma pedra áspera e ponteaguda que domina a barra com um gesto de ameaça. Vencido o passo temeroso, vê a agua estender-se e ir debruçar-se de arminho nas curvas de longinquas enseadas. De lado a lado apontam vertices de serranias em agglomerações, os da frente mais baixos, os de traz mais altos, quaes monstros carrancudos, erguidos nas pontas dos pés, espiando o mar por sobre os hombros dos companheiros. Acolá, as casas da cidade são os marchetes de um mosaico applicado nas encostas de collinas frondelantes.

Isto é deslumbrante e indescriptivel. Será um sonho?

Não. E' o Rio de Janeiro. E' a mais sumptuosa feira de escravos que nunca se viu.

Alli está um barracão onde se vendem folegos-vivos. Entremos. Pintada na parede, sobre o arco abatido de um dos porões, ha no meio de um resplendor, uma Nossa Senhora com o menino nos braços. Um negro debruça sobre um parapeito o thorax athletico e contempla um veleiro que desliza sobre o mar, ao longe. Esta preta ladina, de collar de contas brancas enrolado no pescoço que parece torneado em jacarandá, é uma vendedora de gulodices que aqui está sentada á porta, tendo sobre os joelhos o seu balaio cheio de laranjas. E aquelle senhor, de polainas alvas com fivelas lateraes, redingote de fino panno, cartola cinzenta de abas largas e arrebitadas como uma telha sustentando um cone truncado... aquelle que alli está a fumar, contemplando distrahido um lote de negros semi-nús, um dos quaes traça a carvão umas garatujas na parede, quem é elle? Com certeza é um fazendeiro de canna de assucar. Passemol-o. Vamos até ao centro do bazar onde, ao redor de uma trempe que sustêm uma panella sobre tições, negras vestidas só de uma tanga pitam e conversam, despejando as catarinas sobre os ventres estufados.



África, chegados a estas plagas, e esse pensar, essa dor eterna que lhes brotava do seio, como das cachoeiras as aguas que espadanam, elles as transmittiam aos seus descendentes crioulos, que na primitiva honraram a raça de seus paes aprisionados em longes terras. Povo essencialmente affectivo, os negros no Brazil apparecem por um lado tão sympathico que fôra uma injustiça da historia não reconhecer-lhes as tradições admiraveis, na lucta empenhada através do captivo e da civilização. Comnosco vivendo, no tempo e na acção, os escravos dominaram ás vezes de tão alto que a elles devemos ensinamentos e exemplos. Em sua existencia ignorada e na pureza dos costumes, quanto não teriam de aprender duas partes da immigração actual, para quem o unico Deus é o oiro, e o unico ideal o nosso anniquilamento... Entretanto, o esquecimento se tem feito sobre seu passado impolluto, mesmo porque descendentes bastardos repudiam, torpes, a sagrada origem de que procederam. Percorrendo a historia, deixando illuminar-nos a frente a luz amarelenta das chronicas, não sabemos ao certo quem maior influencia exerceu na formação nacional desta terra, o portuguez ou o negro. Chamado para juiz nesta causa, necessariamente o nosso voto não pertenceria ao primeiro... Como pesquisa ethnographica, nenhuma das levas colonisadoras merece-nos mais attenção do que as importadas da Costa da Africa e sua prole. Desde o crepusculo matinal da colonia, foram estas que sustentaram, á semelhança de carlidades, o portico das nossas instituições sociaes, contribuindo largamente para o nosso presente, ameaçado a todo instante por nacionalidades que nos invadem sem obstaculos." (10)

"Só pelos tres factos da escravidão, do cruzamento e do trabalho, escreve Sylvio Romero, é facil aquilatar a immensa influencia que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro.

A escravidão, apesar de todos os seus vicios, operou como factor social, modificando nossos habitos e costumes. Habilitou-nos, por outro lado, a arrostar as terras e a supportar em descanço as agruras do clima. Desenvolveu-se como força economica, produzindo as nossas riquezas; e o negro foi assim um robusto agente civilizador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes, e produziu o mestiço, que constitue a massa da nossa população, e em certo grau a beleza da nossa raça. Ainda hoje, os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, sadias jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano." (11).

E' bem verdade que, no Brazil, sem o indio não se houvera feito a conquista do territorio e, sem o negro, não se teria conservado o solo e organizado a sua exploração.

O negro começou defendendo as primitivas feitorias portuguezas contra as investidas dos selvagens e dos estrangeiros. Sem elles os portuguezes não teriam talvez mantido nem o que haviam adquirido pelo tratado de Tordesilhas. O valor militar da raça negra transplantada encontra nos guerreiros de Henrique Dias o seu primeiro attestado e um dos ultimos, nos banhados do Paraguay, onde mais de dois terços das forças brasileiras de terra e mar eram constituídos de africanos e seus descendentes mais ou menos mestiçados.

Factor ethnogenico dé uma importancia a que já temos alludido, o negro foi tambem, no Brazil, o mais poderoso cooperador da ri-



queza. Rcha Pombo, de quem empresto as idéas que acabo de expor, assim as resume:

"Eis ahí como se destaca, em pleno relevo, a grande e dupla funcção da raça negra nesta parte da America: ella criou a fortuna sem a qual não se teria fixado o elemento dirigente, e guardou o territorio — sem o que a nacionalidade não seria o que é hoje." (16).

Que deve ao negro e seus descendentes o pensamento brasileiro? Foram elles, entre nós, apenas soldados e trabalhadores?

Basta olhar para as perspectivas profundas da sciência e da arte nacionaes para ver que lá se levantam elle, aureolados pela centelha sagrada do genio e do talento, como pincaros estampados sobre ceus que a luz das auroras inflamma.

Senhores, devo deixar a tribuna. Certamente ha entre vós muitos que ainda se lembram das suas mamans pretas, dóceis e resignadas, contando historias de feitiçeiras ou cantando junto aos berços, melancolicamente, porque, nessas horas de alheamento, das suas almas obscuras, humildes e bondosas as saudades erguiam o vôo para as regiões vaporosas e douradas do sonho.

Oxalá, fiquem em vossa memoria os echos desta palestra civica tocados da mesma tristeza vaga e fecunda e da mesma tenacidade de conservação que tem a lembrança dos cantos nostalgicos e singelos das vossas boas mães-pretas junto aos berços da vossa infancia.

ARMANDO PRADO.

-
- NOTAS — 1, 3, 9, 10, 12 — ROCHA POMBO — Historia do Brazil, vol. II, Cap. III, pags. 527, 552, 534, 554.
2, 5 — PERDIGÃO MALHEIRO — A Escravidão no Brasil, Tomo 3.º, pags. 10, 26, 201.
4 — INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA — Diccionario Bibliographico Portuguez, Tomo 6, pags. 91 e Tomo 16, pag. 300.
6, 7 — JOAQUIM NABUCO — Um Estadista do Imperio.
8 — JOÃO RIBEIRO — Historia do Brasil — Curso Superior — pag. 248.
11 — SYLVIO ROMERO — Historia da Litteratura.



*Toda a Terra é teu pulpito legitimo:
Convertes o indio, o passaro dos ares,
Prégas ao peixe — teu irmão marítimo.*

*Chegou teu genio, finalmente, ao cumulo
De ser preciso vir tirar dos mares
Um continente para ser teu tumulo!*

IV

O MILAGRE DE GUAXENDUBA

“Foi fama constante (e ainda hoje se conserva por tradição) que a Virgem Senhora fôra vista entre os nossos batalhões, animando os soldados em todo o tempo do combate”. — PADRE JOSE’ DE MORAES. — *Historia da Companhia de Jesus na Provincia do Maranhão*, cap. VII, p. 62.

*Minha terra natal, em Guaxenduba:
Na trincheira, em que o luso ainda trabalha,
A artilharia, que ao francez derruba,
Por tres boccas fataes pragueja e ralha.*

*O leão de França, arregaçando a juba,
Saltou. E o luso, com um tigre, o atalha.
Troveja a bocca do arcabuz; e a tuba
Do indio corta o clamor e o medo espalha.*

*Foi então que se viu, sagrando a guerra,
Nossa Senhora, com o Menino ao cóllo,
Surgir, lutando pela minha terra.*

Foi-lhe vista na mão a espada em brilho.

.....
*(Patria, se a Virgem quiz assim teu solo,
Que por ti não fará quem for teu filho?)*



V

O YRAPURÚ

*Dizem que o Yrapurú, quando desata
A voz — Orpheu do seringal tranqüillo —
O passaredo, rapido, a seguil-o,
Em deredor agrupa-se na matta.*

*Quando o canto, veloz, muda em cascata,
Tudo se queda, commovido, a ouvil-o:
O mais nobre sabiá susta a sonata,
O canario menor cessa o pipilo.*

*Eu proprio sei quanto esse canto é suave;
O que, porém, me faz scismar bem fundo
Não é, por si, o alto poder dessa ave:*

*O que mais no phenomeno me espanta,
E' inda existir um passaro no mundo
Que se fique a escutar quando outro canta!*

HUMBERTO DE CAMPOS



PEDRO AMERICO

Em fins de 1852 reinava o alvoroço na pequena Areias, humillima cidadesinha perdida nos recessos da Parahyba.



O povileu, com espiadelas pelas esquinas e “quem serás” em todas as boccas, trazia d’olho o grupo de homens de fóra, chefiados por um estrangeiro louro, que descavalgára no largo da Matriz, com muita bagagem exquisita á cola e não menos exquisitos modos de “reparar” em todas as coisas.

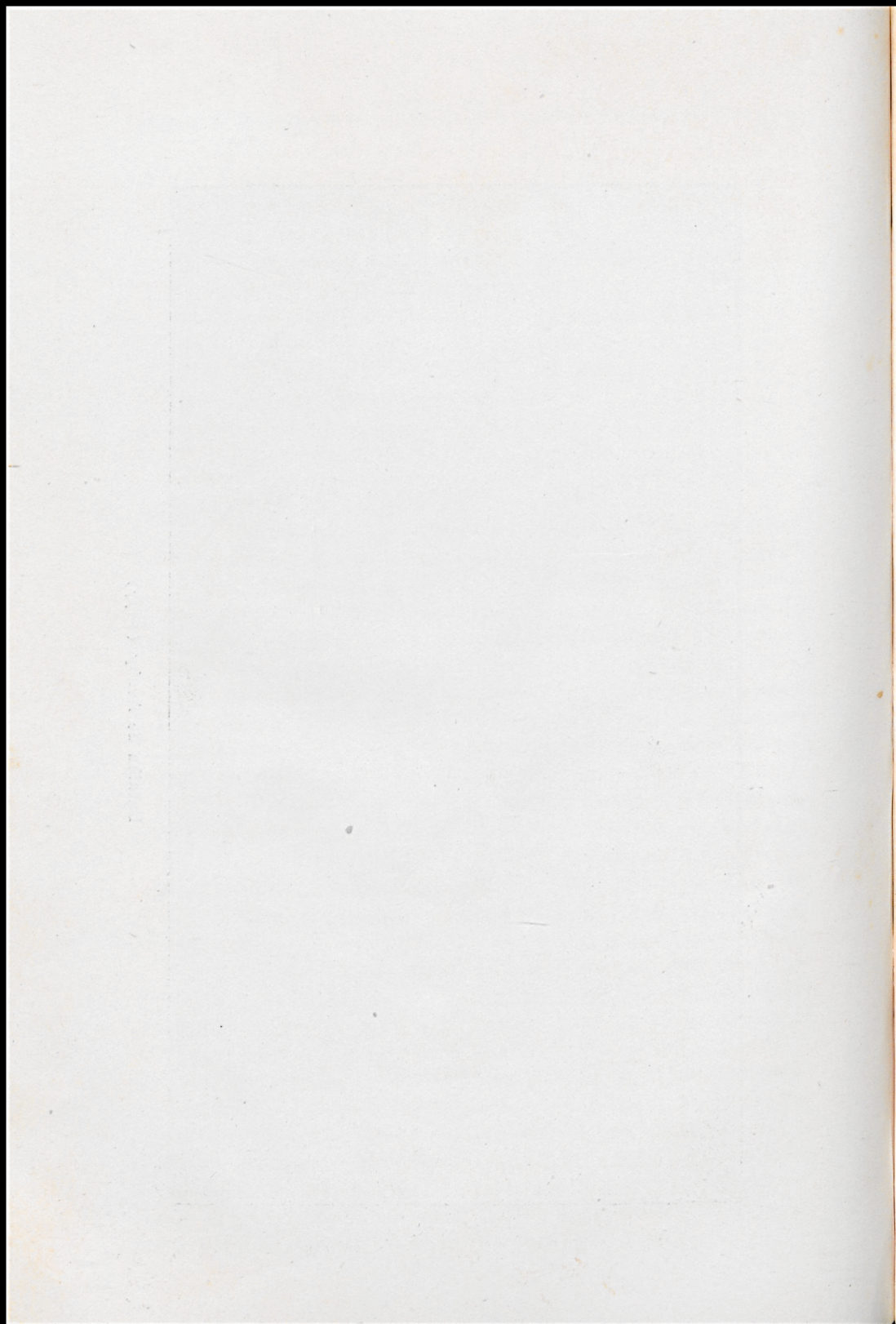
Não tardou corresse voz tratar-se d’um naturalista francez, Luiz Brunet, em missão scientifica pelos sertões de Christo afóra. Pura charada. Falar em missão scientifica áquelles povos segregados do mundo, ou contar a historia do quadrado da hypotherusa a um tabareu mazorro, é tudo um.

Não obstante, as pessoas gradas foram visitar os recém-vindos, com rigida cerimonia, em obediencia ás boas normas da hospitalidade. Resabiados a principio, o ar prazenteiro do naturalista pol-os sem tardança nos eixos da familiaridade, e logo nos da vaidade local, quando o sabio, com amavel sombra, entrou a gabar a bella natureza, a bella agua, o bello ar, o bello clima e todas as mais bellezas dos lugarejos pobres.

PEDRO AMÉRICO



Batalha de Avahy (1877)



Dessas generosidades metereologicas escorregou a palestra ao commento de facto e pessoas locaes, e então o boticario, chupado Eusebio Macario que com misturar os productos therapeuticos dos tres reinos da natureza olhava como a collega para o sabio que os estudava, disse, cuspindo o pigarro, para exemplificação das capacidades estheticas dos seus conterraneos:

— Ha aqui um menino que só vendo. Pinta um homem a cavallo, ou um carro puxando lenha, com os boisinhos, a canga, os fueiros e o mais que até parece um chromo do Tricofero.

— O Pedrinho do Daniel? bedelhou o presidente da Camara para dizer qualquer coisa, pois sabia elle melhor que ninguem não existir em Areias, afóra esse Pedrinho, creatura capaz de pintar cara de homem que não lembrasse logo uma castanha de cajú.

— Pois é! confirmou, ancho, o dos tres reinos.

Interessou-se o francez pelo caso e pediu pormenores, que todos, á uma, grulharam com a lorpice sufficiente para deixar o interpellante na mesma, isto é, sem distinguir tratar-se duma criança acasuladora d'algum grande artista futuro ou de um "curioso" precoce, cujos gatafunhos boquiabrem boticarios mas não revelam estygmata de verdadeira esthesia a olhos mais bem educados.

Como a tarde corresse amena, e já lhe maçassem aquelles seccantes paredros ruraes, mostrou desejos o sabio de conhecer pessoalmente o menino, inda naquelle dia. Promptificou-se o Galeno a conduzil-o á casa de Daniel Eduardo de Figueiredo e para lá se foram.

Chegados, e explicados os fins da visita, o pae de Pedrinho confirmou os encomios do boticario e exhibiu documentalmente uma serie de desenhos infantis. Examinou-os Brunet um por um, e ao cabo indagou a idade do artistasinho.

— Dez annos por fazer.

— E... ninguem o ajuda? Ninguem corrige estes desenhos? Sorriu-se o pae.

— Quem ajudaria o meu menino? Ninguem aqui entende disto. Eu sou musico, toco violino. Ha o Zéca Pintor, mas esse só pinta paredes. E' graça natural que Deus lhe deu.

O francez continuava d'olhos postos nos desenhos, examinando ora um ora outro, de perto e de longe, sob varias luzes. Em seguida perguntou:



— Está em casa o menino? Poderei vel-o?

— Pedrinho! gritou para dentro o pae.

Immediatamente um rosto moreno de criança assomou á porta.

Pudera! Todo o tempo estivera á fresta, d'ouvidos alerta, como percebesse que falavam de si.

Era um menino de poucas carnes, pallido, d'olhos escuros, ressumbrando nos traços o typo medio do nortista. Vexado a principio, desacanhou-se logo ante as carinhosas perguntas do estrangeiro, o qual, após gabos e louvores, o interpellou a queima bucha:

— E' capaz de desenhar á minha vista este chapen e esta espingarda?

— Desenho, pois não.

E ligeiro como um serelepe voou o fedelho para dentro em busca de papel e lapis, e sem demora tornou devidamente apetrechado, pondo mãos á obra. Sem vacillar esboça os modelos, com mão lesta e visão segura, enquanto o Luiz Brunet de pé, espia-lhe sobre os hombros o trabalhinho agilo dos dedos. Minutos após:

— Basta, acenou o francez, não é preciso mais. E voltando-se para o pae, disse com gravidade ponderada:

— Eu tenho necessidade de um desenhista na minha expedição. Autorisa o seu filho a occupar esse lugar?

Daniel arregalou os olhos, abrindo uma das maiores boccas da sua vida, e gaguejou emocionado, após uns instantes de atarantação:

— Mas... é uma creança! Nove annos...

— E' uma creança mas desenha assim! obtemperou o naturalista antepondo aos olhos do emparvecido pae o ultimo trabalho do filho. Que importam os annos, se já é um artista?

Dias depois o presidente da provincia contractava Pedro Americo de Figueiredo para desenhista da expedição. Aos nove annos, pois, idade em que pelo commum os meninos descadeiram gatos na rua á pedrada, começou Pedro Americo a desfiar as camandulas de um rosario de triumphos ininterruptos, como não ha exemplo de outro no paiz e poucos haverá fóra.

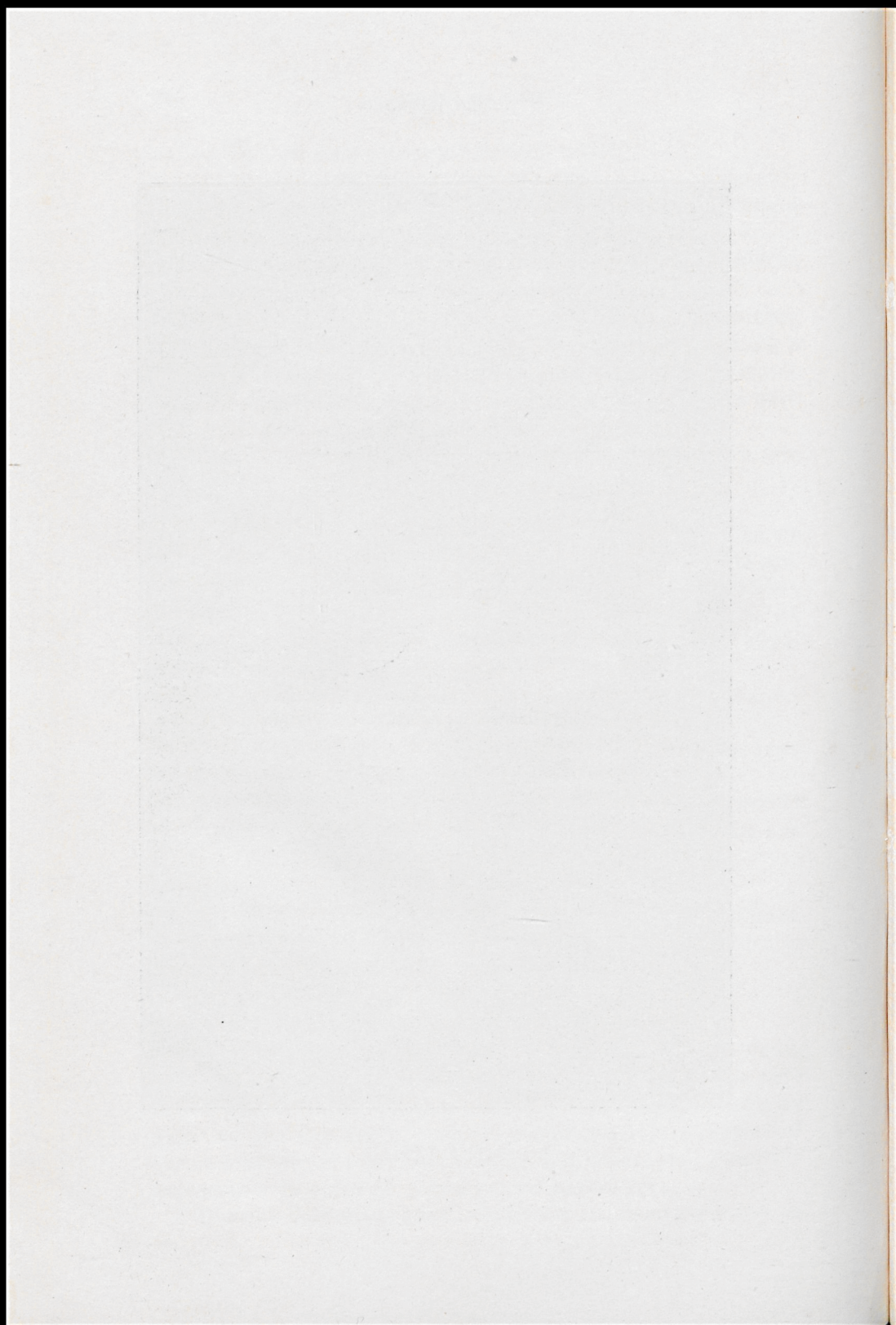
Durante dois annos quasi peregrinou por montes e valles do



PEDRO AMERICO



Carioca (1884)



seu estado natal e convisinhos, dando desempenho de “gente grande” á tarefa ardua de desenhista.

Um estagio destes, realizado em annos verdes, no coração do paiz, era de molde a lhe assentar n’alma os silhares de uma esthetica de funda consonancia com o ambiente.

Não foi assim.

Pedro Americo não era brasileiro, ou melhor, brasilico.

Tinha a alma condoreira dos para quem patria é o mundo. Dessa feição psychica resultou o tornar-se com o tempo o maior dos pintores brasileiros e o menos brasileiro dos nossos pintores.

Inda não o arguiram de tal.

Fazel-o a voz desautorizada de um “ninguem” seria deslavado topete se lhe não prestasse pulso forte ao asserto a propria obra do artista.

Mas não antecipemos.

Findos os trabalhos da missão Brunet veio o menino á Côrte, para o Collegio de D. Pedro Segundo, e logo transpoz os humbraes da Academia de Bellas Artes com apenas onze annos. Ahi successivas victorias escolares sobrepuzaram louros em sua cabeça; victorias no campo mental, onde assombrava aos mestres a precoce agudeza de seu engenho, e no artistico, onde venia, rapido, as maiores difficuldades de technica. Quinze medallas então conquistadas prefulgem nesse tirocinio como attestados insuspeitos da affirmativa.

Infelizmente a orientação da Academia era nesse tempo absurda, no sentido de tolher o surto d’uma arte abeberada nas fontes raciaes, para gloria maior de um classicismo cachetico.

Estava em moda o biblicismo. Não se comprehendia a alta pintura fóra do quadro revelho da Biblia. Themases de concursos, theses de exame, inspiração, suggestões, tudo sahia da historia dos hebreus. Se havia mister de uma nudez feminina saltavam logo as Suzannas, as Abizags, as Salomés. Reclamava-se um caçador? Surgia Nemrod. Um lavrador? Booz. Um guerreiro? um mendigo? um máo filho? David, Job, Absalão. Um burro de carroça? A besta de Balaão.

Esqueciam os nossos avós que a eterna Biblia é a Natureza, e só é capaz de fructos opimos a arte que olha em derredor de si e toma homens e coisas como os vê e os sente, dando de

hombros aos sobrecechos carregados e aos ares de desprezo dos bonzos empoados do passado morto.

Pedro Americo malbaratou — haja a coragem deste juizo duro — Pedro Americo malbaratou o seu genio, nesse interregno, pintando o repintadissimo “Christo da Cauna”, o mil vezes espatulado “S. Miguel”, o archi-brochado “S. Pedro resuscitando a filha de Tabira”, e tantos outros quadros cujo sopor classico inhiibe-os de falar lingua intelligivel a ouvidos modernos.

O esto racial do seu temperamento, se balbuciou alguma vez, não resistiu á atrophiante orientação esthetica dos cori-pheus da epoca, e nada deu de si.

Reinava Pedro Segundo.

A casa de Bragança redimia suas taras mentaes e moraes cumulando no grande monarcha virtudes que raro soem concorrer num homem só, e nas republicas ao molde da nossa, nem numa grossa de paredros.

Pensionado por elle, de seu bolso, seguiu Pedro Americo para o Velho Mundo e lá cursou a Escola de Bellas Artes de Pariz, de par com a herpetica Sorbonna e o Instituto de Physica de Ganot. Teve por mestres varios pintores de nomeada mundial, Ingres, Flandrin, Vernet, Coignet, classicos todos, quando não romanticões de pêllo hirsuto; viajou o que poud e voltou ao Rio em 1864 para disputar e obter com desempenho, debaixo dum côro de louvores, a cadeira de desenho da Academia.

“Socrates afastando Alcebiades dos braços do vicio”, foi a sua tela de concurso. Pobre Brasil! Já se diluira de todo a imagem delle no coração do artista, que do hebraismo inculcado em primeira mão alargava-se ao hellenismo caro a todos os espiritos despegados do torrão natal. Não obstante, o vinco hebraico voltou logo á tona e accentuou-se como feição dominante de toda a sua obra.

Nesse periodo lectivo ha que assignalar o primeiro assomo nacionalista do seu pincel: entre o “Petrus ad Vincula” e outros santos menores lucilou a carnadura dourada da “Carioca”.

Arte nova? Elo primeiro duma escola nacional?

Infelizmente não. A discutidissima “Carioca” só o é no titulo. Fóra d’ahi é um simples nú, uma nympha, uma banhista, uma fonte, tão carioca como as mil co-irmans que abarrotam



PEDRO AMERICO



Jocobed levando Moisés ao Nilo (1884)

com "Ignez de Castro", "Catharina de Athayde" e "D. João IV", na de França, com "Joanna D'Arc".

A patria merece-lhe um só minuto de attenção — "Moema", quadro nocturno em que sob os reflexos da lua boia na onda um cadaver de mulher, enquanto se alonga mar afóra uma caravella. Como na "Carioca" a "Moema" da Moema só tem o titulo.

Entrementes completa-se-lhe a evolução da mentalidade, plenamente maturada, com um desgarrar para o philosophismo pictural. O muito estudo de sciencias e philosophias que Pedro Americo levava de par com a pintura empresta-lhe uma phase esthetica final de feição germanica.

O culto exaggerado da ideia mata o sensualismo.

Ao envez de *sentir*, o pintor eivado de sobrecarga philosophica *pensa*.

Em Pedro Americo as telas desse periodo são allegorias, compendios, summulas, exposições figuradas de ideias onde a linha e a côr substituem as palavras.

Uma clareira se abre, entretanto, nesse em meio: Pedro Americo a instancias do Estado de S. Paulo pinta o soberbo quadro que enriquece o museu do Ipiranga, e ahi culmina. Raras vezes a arte da pintura attinge a taes vertices. No equilibrio sobrio da composição, no rigor do desenho, no colorido magistral, no sopro epico que insufla á scena mais significativa da nossa historia o artista guinda-se a uma altitude onde permaneceria só, se Almeida Junior não levasse para lá a "Partida do Monção".

Uma tela destas é mais que sufficiente para cobrir de louros immurchaveis a cabeça de um pintor.

Em seguida ao clarão do "Sete de Setembro" recae na pintura philosophica com que fecha a carreira gloriosa. "A noite acompanhada dos genios do Amor e do Estudo", "Voltaire abençoando o neto de Franklin em nome de Deus e da Liberdade", "Honra e Patria", "Paz e Concordia" são obras denunciadoras da feição psychica evoluida ás ultimas consequencias de sua mente cultivada em excesso. "Paz e Concordia" assignala o ultimo degrau da escada altissima que marinhou a força de trabalho e genio, o pequeno desenhista da expedição Brunet.

Synthetisando: Pedro Americo foi um romantico, grande entre os grandes.



PEDRO AMERICO



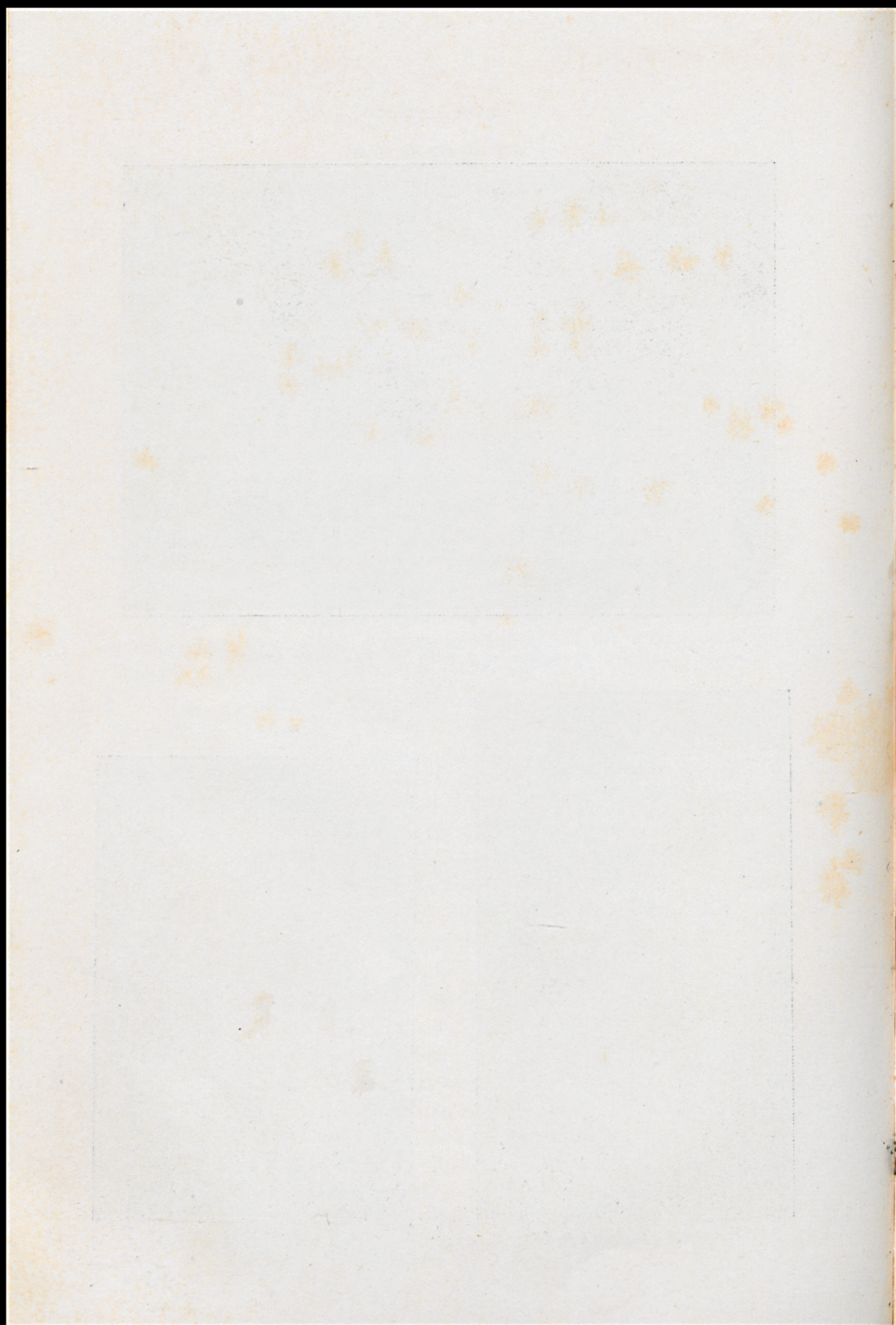
Voltaire abençoando o neto de Franklin (1890)



Hamlet (1893)



Honra e Patria (1897)



Na pintura heroica não pede meças a nenhum mestre.

Capaz de rasgar sendas novas conducentes a crear uma arte genuinamente brasilica, desdenhou essa vereda aspera e fez-se europeu.

Não obstante, o consenso unanime da critica tem-n'o como o nosso pintor maximo.

Foi-o innegavelmente — até Almeida Junior. Dahi para diante as opiniões divergem.

Um quadro singelo do pintor paulista, uma brasileira humilde que chora — “Saudades”, abalisa o momento em que, pela creação duma arte profundamente racial, brotada da terra como insoffreavel planta indigena, rescendente ao cheiro agreste do humus incontaminado pelo europeanismo, scintilla uma luz nova. Se não empallidece a estrella de Pedro Americo, perde a unicidade. São duas, d'ora avante, a brilhar nas mesmas alturas, cada uma com brilho proprio, rutilantissimas ambas.

MONTEIRO LOBATO.



JUSTIÇA E ASSISTENCIA

O LIVRO DE ATAULPHO DE PAIVA

“E’ pena, bem realmente, que de taes preciosidades não se tenha ainda reunido um volume. Mas se é certo que esse volume não foi feito até aqui, a quem, como nós, se der ao trabalho de leitura esparsa que fizemos, apparecerá como incontestavel o merito da obra de Ataulpho de Paiva.”

Foi com essas palavras que ha mais de dois mezes nos referiamos, pelas columnas do “Jornal do Commercio”, aos trabalhos sociologicos de Ataulpho de Paiva.

Dois mezes mais tarde, apparecia o volume cuja inexistencia lamentavamos: era um grosso livro de mais de 400 paginas, esmeradamente impressas nas officinal do “Jornal” e sob um discreto, embora outro titulo de *Justiça e Assistencia*. O livro de Ataulpho de Paiva sahia finalmente do prélo e era acolhido com saudações enthusiaslicas dos entendidos. Justificaram-se assim plenamente os nossos desejos de maior divulgação desses escriptos. O livro despertava o franco interesse que previramos.

Donde vem esse interesse?

Vem muito principalmente do compendiar elle, com espirito de methodo e com ordem, um rol de idéas, de tentativas e de esboços que andavam por ahi espalhados em materia de Assistencia, e allegadas, na pratica, ao esporadico interesse. Tão sómente as damas que fazem elegancia alliviando dôres alheias. Nenhum estudioso entre nós tinha jamais abordado o assumpto



com o espirito scientifico e systematisador. Raros tinham unido os dois problemas, cujas ligações são tão grandes e tão intimas: Justiça e Assistencia. E Ataulpho teve exactamente o merecimento de reunir tudo, aclimatando o problema ao sol de nossas necessidades e fazendo assim um livro que é um evangelho na parte da doutrina e um repositorio excellente em materia de informação.

Tudo isso nós previramos no estudo que fizemos dos trabalhos, quando ainda se espalharam por ahi, como perolas soltas de um colar.

O *in-folio* reuniu-as e deu-lhes a magestade do conjuncto.

Divide-se o novo volume em tres partes: Justiça, Mutualismo e Assistencia Social. Na primeira estudam-se os novos horizontes da Justiça e Assistencia, a Justiça Internacional, os Tribunaes para Menores e a sempre interessante questão da Justiça aos Alienados.

São paginas de semente. Cada periodo é um punhado de idéas novas que seu autor semea largamente e que só esperam terreno fertil para germinarem.

Neste particular é reconhecida a nossa infelicidade. Somos em geral benevolos e acolhedores dos esforçados, que vêm, de pulso rijo, desbravando caminhos e semeando idéas.

A plasticidade de nosso character já não offerece mais a resistencia que nos povos rotineiros encontram os innovadores.

Não lhes offerecemos a estes senão a resistencia molle da indifferença. As idéas vêm, cavam o sulco transitorio com profundidade maior ou menor, segundo a força de convicção de que disponham os innovadores... Mas o sulco é cavado no gelo... Instantes depois, passada a causa, o terreno perde os vestigios da acção. A superficie se refaz polida e una. E quando o innovador volta a vêr dos fructos de seu trabalho, tem a surpresa de verificar que tudo se acha absolutamente como no inicio. A situação é a de uma perpetua novidade, a cada nova tentativa dos emprehendedores.

Ataulpho de Paiva é um desses semeadores infatigaveis. As paginas que em seu livro falam dos novos horizontes da Justiça são entre nós perpetuamente novas. As cousas alli ditas, fo-



ram-n'o ha cinco, ha seis annos. Têm entretanto a mesma razão de ser, como se ditas fossem ha seis dias.

Tribunaes para crianças, recolhimento especial de loucos criminosos, que melhor seria o thema ainda hoje para um innovador que quizesse emprehender no parlamento uma campanha de repercussão?

Entretanto alli estão nas paginas de Ataulpho, trazendo já um lustro após sua elocubração, as bemfazejas idéas innovadoras!

"E' a logica do novo regimen. Em todas as phases que atravessa, desde o momento de sua detenção até á remessa para os estabelecimentos de educação ou mesmo para a prisão, deve o menor delinquente ser cercado de precauções especiaes muito differentes das que gravemente são concedidas ao delinquente adulto. O tribunal deve ser para a criança um posto de confiança e de amparo despido mesmo de todo o apparato e de todas as separações. Antes protecção que punição. Com isso nada soffrerá o decoro tradicional da Justiça."

"A autoridade abdica do seu ingrato e pesado encargo de castigar e punir, passando a se revestir de uma missão puramente tutelar. O grande segredo da nova instituição está exactamente no papel da assistência preservativa alliada á acção repressiva ou reformadora. Todo o processo penal deve ser abandonado desde que o menor não tenha ainda o criterio do discernimento, isto é, quando não haja ainda attin-gido a sua plena conformação intellectual e moral. Si o delinquente se corrompeu physica ou moralmente, o juiz deve dirigir-se á auctoridade tutelar, que intervem, para corrigir, si possivel fôr, pelo simples recurso da educação. O futuro e o desenvolvimento moral do menor formam as bases do problema capital.

O magistrado, na vigencia desse methodo, tem mesmo a faculdade de fazer cessar o curso do processo, confiando o joven delinquente á auctoridade paterna ou ordenando que elle seja castigado por sua familia ou pela auctoridade escolar. Si a criança demonstra más disposições e tendencias, sem, entretanto, constituir um perigo para a sociedade, o tribunal pôde decretar a sua liberdade provisoria mediante a fiscalisação, ao envez de confial-a a um estabelecimento do Estado. E' o tratamento pelo systema da "probation". Sómente em casos extremos o delinquente poderá ser submettido á prisão ou ao regimen correcçional. Ainda aqui o Juiz deve estar armado de uma faculdade especial.

Si o menor condemnado á prisão faz prova de boa conducta e dá signaes de evidente regeneração, tem o direito de se liberar conditionalmente após o cumprimento de dous terços da sua pena, e esta pôde ser purgada si elle se conduzir de maneira irreprehensivel durante o tempo da sua liberdade condicional."



Que se fez nesse sentido entre nós? Nada. Hoje ao sahir do prelo o livro de Ataulpho essas idéas assumem o mesmo aspecto de mocidade que ao serem emittidas. A situação é absolutamente a mesma.

Entretanto dizia Ataulpho com aquella sua tranquilla confiança:

“Trata-se de uma causa que não tem nem póde ter adversarios, causa que o Brasil já conhece sobejamente pelas minuciosas noticias que aqui foram divulgadas por varios e illustres publicistas. Nada se oppõe a que elle seja na America do Sul o primeiro paiz a consagrar um campo de acção onde officialmente germinará o pernicioso flagello da criminalidade infantil.”

As mesmas tristes averiguações haveria a fazer no que respeita á justiça aos loucos, visto que nada se fez de efficiente.

No recente 1.º Congresso de Neurologistas Brasileiros, propoz o signatario destas linhas que o Congresso votasse um apello ao Parlamento Brasileiro no sentido de se fazerem no Codigo Penal as modificações necessarias á correcção do erro livre-arbitrista.

Esperemos que uma alma decidida, capaz de estudar com animo a feição que o problema tomou no Brasil, rompa no Parlamento a indifferença com que este nos tem ouvido e mostre a solução — ovo de Colombo — que a pratica dos estudiosos já apontou.

Até lá, irão ficando sempre novas, sempre virginaes, sempre promissoras as idéas dos que, como Ataulpho de Paiva, abordam de frente a questão.

Expõe ainda Ataulpho nessa primeira parte de seu livro aquella genese tão interessante da tentativa de Codificação do Direito Internacional, tentativa cujo primeiro ensaio foi aquella magistral conferencia de Jurisconsultos no Rio de Janeiro.

São paginas de pacifismo energico e constructor.

Todos nós temos na vida uma phase de seducção pelos ideaes arrojados. O mundo social soffre de quando em quando os embates das ventanias, que esses ideaes fazem gerar, pelo sopro violento dos espiritos jovens.



E a humanidade se divide em dous grupos: o dos que se mettem no castello das tradições e o defendem, e o dos que vêm, entusiasticos e ardentes, trabalhar na legião dos que arremetem contra as tradições, na ancia de destruil-as e substituil-as pelos seus ideaes cheios de formosura.

São momentos aterradores!

Pelas frinchas do castello corta, assobia, geme raivos o vento forte. Dir-se-iam abaladas até as entranhas as velhas muralhas!

Ninguém pensa no Castello em abrir de par em par as portas e os postigos e dar livre entrada ao vento. Ah! Se o deixassem passar! Vel-o-iam ameigar-se em breves instantes, quebrando o impeto, perdendo os furores, esmorecendo os abalos...

E então assistiriam a esse pasmoso espectaculo da confraternisação de moços e velhos, num trabalho constructor, em que das idéas innovadoras algo ficaria de util sobre as sedimentadas bases das tradições!...

As commoções violentas dos povos por um desses acontecimentos extraordinarios que de seculo em seculo os abalam, têm desses effeitos. E então vê-se uma velha Inglaterra abandonar o seu esplendido isolamento e reformar em dous annos os costumes adquiridos e defendidos por seculos de tradições; uma França rotineira e sceptica ao espirito inventivo de seus filhos, estimular os inventos, mudar de habitos, cultivar a novidade, espesinhando as flores seculares da tradição, para sobre ella construir o formoso edificio do modernismo.

Não se creia, entretanto, que só assim vençam os modernisadores.

Mesmo em meio daquella luta terrivel, em que estes sopram destruidores, e fecham-se resistentes os tradicionalistas, vae-se lentamente operando a transformação, por uma curiosa evolução do espirito, não dos tradicionalistas, mas dos reformadores, tomados isoladamente.

Todos nós, no verdor dos annos, somos do grupo reformista. As demasias da vitalidade, nessa epoca da vida tão encantadora, derramam-se em torno de nós, nesse altruismo ardoroso, que empunha estandartes, salta barreiras, inventa refregas e não comprehende a vida sem a vibração dessa peleja continua...



Nessa idade, ou somos pacifistas se o ideal do dia é o pacifismo, ou somos patriotas rubros, se o ideal é o patriotismo.

A mocidade como que mantem uma insufficiencia do cerebello coordenador! Tudo é excessivo, tudo é radical, tudo é intenso e destruidor...

Ha-os que ficam eternamente moços e em que os cabellos brancos não desmaiam a intensidade das sensações.

Mas estes são minoria. Dos outros, pouco a pouco, vão as amarguras do destino quebrando as arestas cortantes e aggressivas... Do altruismo ardente vão-se recolhendo as ramagens, á custa dos golpes rudes da maldade humana. E um dia o espelho falla áquelle enthusiasmo fazendo brilhar no primeiro fio branco dos cabellos a primeira lagrima do tempo...

Como barqueiro que já não confie da segurança do pulso, abatem-se uma a uma as velas, até então pandas e triumphaes, e viaja-se a mercê dos curtos pannos, que se não trazem as emoções da velocidade, tambem não causam as surpresas dos arremassos!

Não se abandonam os ideaes dos primeiros annos. Dá-se-lhes feição constructora. Sem que o espirito se aperceba da mudança que soffren, vae apontando o desejo da tranquillidade, com este a defeza dos habitos adquiridos, e sem sentil-o, vae-se amando a tradição pelo que ella offerece de garantias a essa mesma aspiração de quietude.

Quando menos se espera, penetra-se no castello dos tradicionalistas, levando-lhes sob forma constructora e acceitavel aquelles ideaes, que quizeramos fazer entrar á força no sopro rijo da nossa mocidade.

E assim vão os proprios tradicionalistas evoluindo pela seducção da ordem constructora em que se vão apresentando as innovações, até então hostis.

Tem sempre sido assim para os grandes ideaes da Humanidade. E foi por isso que o pacifismo constructor, o que codifica dispositivos, o que estipula tratados, o que estabelece regras de commum viver, entrou por via tão brilhante, com apoio tão franco de todas as Nações, que todas ellas se insurgiram violentas contra aquelle dentre elles, em que o pacifismo foi apenas um aspecto e maior na grande hypocrisia em que alimentou o seu entristecedor orgulho.



Nesse capitulo dos estudos de Ataulpho, poder-se-ia dizer que se fez um hiato. A humanidade parou. Mas eu me pergunto se não foram os castellos tradicionalistas que se abriram de par e deixaram passar o vento, cujo turbilhão tende a cessar, e se nós não assistiremos depois disso á fixação definitiva do Direito e da Razão nas normas do entendimento internacional.

Estuda Ataulpho na segunda parte de seu livro o Mutualismo a proposito de um Congresso que sobre o assumpto se organisou em S. Paulo.

Uma nota posterior resalva os enthusiasmos, realçando as cautelas do primitivo trabalho.

"Quando esses avisos eram cautelosamente feitos, mal se poderia imaginar que dous annos apenas bastavam para que o Brasil assistisse ao triste e vergonhoso espectaculo da derrocada de grande numero das instituições mutuas que, repentinamente, surgiram nesta capital e em muitas localidades do paiz.

Nunca uma advertencia foi coroada de mais rapidos e completos effeitos. Havia-se notado que toda a grande belleza da nova criação de previdencia social residia exactamente na calculada attenção e no trabalho esmerado, minucioso e verdadeiro com que devia ser organizada qualquer tentativa de cooperação. Lembrou-se que, ao lado dos bellos e prodigiosos resultados, era mister prever os perigos fataes, evitando os sophismas e as mystificações.

Cedo vieram os abusos, os disfarces, as explorações, as armadilhas, as ciladas. Os artificios, as astucias, os ardis e as fraudes multiplicaram-se, desfigurando, por completo, as nobres aspirações do instituto, o seu admiravel espirito de disciplina e, o que é mais grave, envolvendo indistinctamente os creditos de algumas raras e honestas sociedades mutuas que á sombra de rigoroso escrupulo se formaram e vão proseguindo os seus esforços com successo.

A acção policial chegou a intervir, e actualmente pelos tribunaes já se arrastam as demandas e os casos escabrosos. O governo, desarmado, á mingua de leis adequadas, teve que assistir, impassivel, ao desenrolar de todo o successo escandaloso. Uma commissão especial que, sem demora, a Camara dos Deputados nomeou para estudar o assumpto e propor as medidas assecutorias dos interesses envolvidos nesse lastimavel estado de cousas ainda não desempenhou a sua delicada tarefa.

Entretanto, bem simples seriam as providencias a tomar affirm de que se garantissem não sómente as economias privadas, já accumuladas, como os grandes interesses de ordem publica, tambem já



compromettidos e aos quaes devem estar vinculadas as providencias necessarias á vida, ao credito e á prosperidade da propria Nação."

As providencias teriam sido, como serão ainda hoje, as que fizeram entrar essas associações mutuas num systema geral de coordenação do mutualismo.

Ainda aqui, continua Ataulpho de Paiva a dizer cousas a que a indiferença do meio assegura um permanente caracter de novidade...

Onde o trabalho de Ataulpho adquire um aspecto de inquestionavel utilidade é na terceira parte: a que diz respeito á Assistencia.

Aqui é a informação minuciosa de quanto se tem feito no Rio de Janeiro e alguns outros pontos do Brazil sobre o vastissimo problema da Assistencia.

Assistencia social, Assistencia Publica e Privada no Rio de Janeiro, Assistencia á Infancia, Assistencia á Velhice, Assistencia á Mulher, Assistencia aos Estrangeiros, Assistencia pelo Trabalho, os patronatos, Assistencia em domicilio e Assistencia Hospitalar, Assistencia aos alienados, Assistencia aos tuberculosos, Assistencia aos leprosos, O alcoolismo, A avariose, Assistencia methodica, Alliança entre a Assistencia Publica e a Assistencia Privada, O officio de Assistencia — taes são os titulos dos capitulos em que se divide toda essa larga parte informativa do trabalho de Ataulpho de Paiva.

Esse simples enunciado basta para mostrar a vastidão do trabalho, como fonte de informações.

De tudo ha alli noticias. Nada se fez no terreno pratico sobre qualquer daquelles ramos da assistencia, de que não dê Ataulpho uma leve menção, pelo menos.

Director de um serviço de estatistica da Assistencia Publica e Privada, organizado na Prefeitura do Districto Federal, tem tido Ataulpho a oportunidade de apalpar esse maravilhoso organismo de caridade publica em todos os seus orgams, valendo, pois, as suas informações pelo caracter veraz com que são dadas. Ninguém tão aparelhado, como elle, para um trabalho de tal natureza.



A par das informações, sempre interessantes, ha os conceitos doutrinarios, sempre elevados.

Estudando, por exemplo, o problema da lepra que tão profundamente está impressionando o Estado de S. Paulo e que mostrou no Estado do Rio um serviço de indagação por mim iniciado, quando na direcção dos serviços de Hygiene desse Estado, diz Ataulpho a proposito do Hospital dos Lazaros estas palavras dignas de ponderação:

"Na obra, ainda não publicada, que, sobre a Historia e Estatica da Assistencia Publica e Privada do Rio de Janeiro, mandou executar a Prefeitura do Districto Federal, faz-se especial menção dos inestimaveis serviços praticados pelo Hospital dos Lazaros de Candelaria.

Mas é justamente nesse estudo que sobresae uma grave revelação envolvendo uma culpa que aliás não attinge a essa piedosa associação.

Acha-se rigorosamente verificado, por um quadro elaborado adrede, que, só no anno de 1912, sahiram do Hospital dos Lazaros 73 enfermos leprosos.

Quer isso simplesmente significar que foram 73 individuos que se encarregaram de espalhar o germen do mal, fazendo novas victimas, constituindo novos focos de contaminação, novos elementos de destruição."

São informações dignas de peso, essas, no momento em que o paiz alarmado pelo patriotico brado do Prof. Miguel Pereira, começa a se preocupar de sua saúde.

O estudo que no Estado do Rio eu confiei ao sr. dr. Paes de Azevedo, medico da Inspectoria de Hygiene, onde era eu chefe, vae ser uma revelação sensacional. Toda a zona marginante da Lagôa de Araruama foi percorrida por aquelle eminente bacteriologista, cuja competencia é hoje inconteste nesses assumptos de lepra. A estatistica que elle levantou é alarmante. As circumstancias especiaes de facil contagio, são assustadoras. Tudo isso se ignora ainda até aqui. Amanhã quando fôr officialmente divulgado talvez não consiga maiores resultados que os da compungida verificação de um mal lamentavel.

E' sempre assim no Brasil. O orçamento em materia de leprosos é feito a olho e vae de 25 mil a 1 milhão.



S. Paulo e o Estado do Rio são os unicos, a meu conhecimento, que abordaram o problema, ao qual aliás deu S. Paulo desde logo o seu cunho de applicação pratica.

O mal não é, entretanto, que tenhamos 25 mil leprosos ou 1 milhão. O mal é que os tenhamos em liberdade, disseminando á vontade o seu terrivel morbus. O facto assignalado no livro de Ataulpho de Paiva é muitissimo mais grave que o da grandeza da cifra a que possam attingir os leprosos, porque elle mostra que nem daquelles que se acham hospitalisados fazemos no Brasil um isolamento completo.

E' uma verificação lastimosa!

Conhecer um problema nacional sob seus multiplos aspectos, é pelo menos estar apto a soluçional-o.

O livro de Ataulpho de Paiva informa seu leitor de todos os aspectos da questão da Assistencia no Brasil.

E' já uma vantagem.

Seria sufficiente, se não fosse além disso um trabalho doutrinario de folego, escripto em bom portuguez, cheio de enthusiasmo communicativo nas grandes causas e nas grandes idéas, que alli passam de pagina para pagina em bemfazejas mancheias.

Livros desses escreve-se um em toda uma vida literaria, porque é um formidavel accumulador que alli se acha de informações, de idéas, de erudição e de grandeza de alma!

MAURICIO DE MEDEIROS.



UM CAPITULO DE SEMANTICA

Com o vivaz colorido da imaginação, reflecte a phrase em todas as formas da linguagem o drama que se representa na mente humana, animando as scenas que concebemos, dando papéis distinctos aos symbolos de nossas idéas, sejam elles no conglomerado verbal palavras ou simples raizes e affixos. Quando é dotada de sentido completo, perfeitamente intelligivel, bem lhe quadra por certo o nome de *clausula*, etymologicamente definido, como observou Hermosilla; não é esse entretanto o que lhe dão os grammaticos, que tradicionalmente preferem denominar-a *sentença*, *oração* ou *proposição*. Aceitemos qualquer desses termos, que não nos importa agora discutir. Basta ao fim que collineamos considerar de relance o ultimo. Do conceito de *proposição* com todo o rigor logico se infere a absoluta necessidade de figurar entre os actores da phrase um protagonista, que a todos os outros domine e que, em ultima analyse seja, segundo Aristoteles, a *πρώτη οὐσία*, a primeira substancia, a individualidade real e concreta. Mas nem toda a phrase, oração ou sentença é de tal maneira a expressão verbal de um juízo.

E' sabido que em modalidades inferiores da linguagem, como, por exemplo, no esquimo e no algonquino, não ha proposição: limita-se o drama oracional a uma série de substantivos hierarchizados, correspondentes a uma successão de idéas coordenadas ou subordinadas. Até linguas a que não se podem negar foros de cultas, como o chinês, se caracterizam por meios rudimentares de expressão, em que não se define com toda a clareza a equação logica do discurso. E embora seja impossivel de se conceber, no ponto de vista logico, uma oração sem sujeito, ao menos vestigios desses processos em todas as linguas se encon-



tram, como desde Miklosich têm evidenciado os glottologos. Em nosso proprio país já o estudo desses factos linguisticos não constitue novidade.

Em nenhum outro terreno mais do que neste se poderia chegar á conclusão de que a logica das linguas é inteiramente illogica. Mas não nos apressemos em proclamar a fallencia da linguística, nem a de uma disciplina, que mais do que sciencia é condição de sciencia, tanto da nossa como das demais — *logias*. Orientemo-nos antes por ella, procurando systematizar os factos da linguagem.

Se se concebe como sujeito o nominativo, a palavra no chamado caso recto, integralmente constituida e na plenitude de sua força, não somente autonoma porém no exercicio da mais elevada das funcções de regencia, que devemos entender por orações sem sujeito? Em sentido lato, são-n'o todas as que estão privadas de expressão *analytica* do primeiro termo do juizo; tanto como — *pluit* e — *ningit*, são-n'o, pois, em latim — *amatur* e — *amo*. Ha nestas um sujeito *psychologico*: — *Quis amat?* *Aliquis* ou *ego*, respectivamente; mas taes noções não têm na phrase representação verbal distincta: *syntheticamente* se exprimem por elementos formaes accessorios e vagos, por simples *desinencias* ou *morphemas*.

Objectar-se-á que em casos de mera conjugação interna, pessoal, como — *amo, amas, amamus, amatis*, ha ellipse; que se devem então subentender os sujeitos — *ego, tu*, etc. Mas o argumento só é valido em relação a linguas *analyticas*, como o latim popular e o de Plauto, applica-se apenas a casos em que se pode considerar ao menos em caminho de obliteração o valor das *desinencias* pessoais. Este valor totalmente se mantinha na prosa classica, em que as construcções *analyticas* só apparecem como excepcionaes e figuradas, para exprimir *emphaticamente* a idéa do sujeito e sobretudo para assignalar contraste, como nas phrases de Cicero — *ego reges ejeci, vos tyrannos introducitis*; — *et tu apud patres conscriptos contra me dicere ausus es?* Como em todas as linguas *syntheticas*, o mesmo acontecia em grego, segundo estatue com abundante documentação Gildersleeve (*Syntax of Classical Greek*, § 35).

Quanto á poesia, é verdade, não é licito insistir nesta explicação do emprego dos pronomes da 1.^a e da 2.^a pessoa; mas ha



então um outro factor igualmente consciente e não menos artificial, é o *rythmo* da phrase, para o qual appella Victor Henry até em relação á prosa, explicando assim o modo por que em gotico traduziu Ulphilas uma phrase da Biblia, *synthetica* no texto grego: *nu witun thu kant alla, nūn oídaμεν ὅτι οἶδας πάντα, nunc scimus, quia scis omnia* (Jo. 16: 30). No estadio de condensação da linguagem a que pertencem os exemplos que assim se explicam, a uma expressão oracional regular, sem sujeito separadamente expresso (*amo, amas, amamus, amatis*), que é o facto natural, espontaneo, inconsciente, unico por que se interessa o glottologo propriamente dito, corresponde como artificial, reflectida, consciente, uma construcção pleonastica, interessante, sim, mas exclusivamente no ponto de vista philologico e artistico.

Não é só na differença das linguas litterarias e populares coexistentes que se poderão fundar objecções a este criterio. Por outro lado se dirá que somente considerámos phases archaicas da linguagem, que as linguas, em seu evoluir, têm assumido feição *analytica*. Transportemo-nos, pois, aos tempos modernos, vertendo para o francês as expressões *amo* e *amatur*: — *j'aime, on aime*. A' primeira vista, afigura-se agora evidente a dichotomia da phrase. Mas não nos contentemos com apparencias, que não resistem ao menor embate da razão. Desçamos ao rudimentar, infantil processo da pesquisa do sujeito: — *Qui est-ce qui aime?* A resposta que afflora prompta aos labios de quem quer que seja não é — *je* nem — *on*; estes somem-se dando lugar a *moi* e *quelqu'un*, embora não haja identidade entre as orações — *j'aime* e — *moi, j'aime*, nem entre — *on aime* e — *quelqu'un aime*. — *Je* e — *on* representam sem duvida — *ego* e — *homo*, porém decahidos, inteiramente privados da propriedade de significar isoladamente essas ideas; já não são palavras propriamente ditas, converteram-se em simples affixos. Ha linguas em que ainda é muito maior a condensação do verbo. Assim, no islandês antigo, se pospõe o pronome: *hygg + (e) k = hykk*, “penso”; *sé + (e) k = sék*, “vejo”; *es + t (u) = est* “és”; e, com o suffixo negativo — *at*, obliterada a noção do pronome affixo, faz-se a sua duplicação: *sé + (e) k + a (t) + (e) k = sékkak* “não vejo”, a que ainda se pode antepôr a expressão do sujeito: *ek sékkak*, “eu não vejo” (= *ek + sé + ek*



+ *at* + *ek*). Como é sabido, por semelhante processo se formaram, senão todos os morphemas das linguas indo-europeas, ao menos as desinencias pessoaes, de accordo com a hypothese de Bopp.

Para o fim de estudar em ponto de vista semantico a categoria impessoal, bastam estas considerações preliminares sobre os verbos sem sujeito e a divisão da respectiva classe, que dellas naturalmente decorre. Parece-nos ter ficado claro que nas formas — *amo*, *j'aime*, *amatur*, *on aime*, a linguagem é mais ou menos synthetica, representa a idéa do sujeito por flexões e affixos; que se algum destes morphemas é separavel, não é comtudo palavra autonoma e muito menos regente. Claro tambem é que — *amatur* e — *on aime* só se distinguem de — *amo* e — *j'aime* pela indeterminação do sujeito syntheticamente expresso.

Como o sentido pessoal, o impessoal ás vezes se exprime por pronomes atonos ou particulas que entram no systema da conjugação, que em vez de palavras propriamente ditas são meros affixos. T_{is} (indo europeu *qvi*) é a forma assim empregada em grego. (*) Nas linguas germanicas é o substantivo *man*, tambem inaccentuado, que assumiu esse valor indefinido. Em baixo latim, especialmente no latim da Gallia, *homo* tornou-se pronome atono, que as linguas romanicas, excepto o francês e alguns dialectos de pequena extensão geographica, não conservaram. Confundindo-se em alguns lugares com *homo*, encontra-se a forma *unus*, principalmente usada entre os Grisões, mas tambem ás vezes noutras linguas romanicas, sobretudo em castelhaño (Meyer-Lübke, III, § 92). *Unus* tambem apparece em Portugal, mas no Brasil é tão desconhecido como *homo*; é frequente no inglês (Koch, Matzner), onde ás vezes o confundem com o francês *on* (Mason, Morell). Identico valor tem em varias linguas o reflexivo, em construcções como *vive-se*, etc. Nessas e em expressões equivalentes, de maior ou menor condensação morphica, ha designação de um sujeito que só differe do definido assim como o abstracto do concreto.

(*) Quanto á forma, compare-se lat. *quis*, etc., — e, se é lícito, como quer Trombetti, sahir do dominio indo-europeu, veja-se nas linguas semiticas, nas uralo-altaicas, etc., a raiz *ku* — “homo”, que tambem tem sentido colectivo “gens” e indefinido “*тis*”.



O protagonista da acção verbal, como os outros actores, que desempenham no juízo papeis secundarios, é subjectivamente determinado pelo papel que tambem representa na interlocução. Segundo este caracteristico, podem ser assim classificadas as noções que delle temos:

eu (1.^a pessoa)

não-eu	{	interlocutor do eu (2. ^a pessoa)	{	presente ou proximo do eu	{	conhecido do eu					
							não-interlocutor	{	ausente ou distante	{	desconhecido

As linguas flexivas apenas determinam em expressões syntheticas a pessoa que fala e aquella com quem se fala; deixam a terceira em si mesma indefinida ou só analyticamente lhe exprimem a determinação. O primeiro grau, rudimentar, de abstracção é o que se nota nos soliloquios, quando o *eu* se desdobra, assumindo o papel de interlocutor. Outro é a impessoalização dos interlocutores, como se deixassem de o ser, em formas de tratamento, familiares e reverenciaes. A's vezes a objectivação é incompleta, como nas construcções analyticas de Thucydides e Cornelio: — Θεμιστοκλῆς ἦκω παρὰ σέ, *Themistocles veni ad te*; outras, completa: — *Pausanias, dux Spartaë, tibi muneri misit, Πανσανίας ἀποπέμπει*. Mas assim como o euphemismo produz quasi sempre o desenvolvimento pejorativo do sentido das palavras, tambem essas abstracções de conceito acarretam pessoalizações de forma: a expressão, definitiva ou accidentalmente, passa da categoria indeterminada para a determinada. Desse modo o pronome indefinido analytico — *a gente*, como sujeito ou como complemento, só se emprega pela primeira pessoa; se a exclue, deixa de ser idiotismo nosso, conserva inalterado o valor de colectivo que tinha em latim: — *a gente trabalha sem cessar* (*eu, nós ou o povo*). Compare-se o castelhano — *uno*, tambem restricto á primeira pessoa, o francês — *on*, (*) etc. Já em grego o mesmo acontecia com — *τις*, que se encontra por — *ἕμεις* (*Anabase*, 3, 3, 3) e por — *ἡμεῖς* (*ib.* 4.

(*) *Homo* propagou-se no norte da Italia como desinencia de primeira pessoa do plural: — *cantum*.



40), assim como por — *Kūpos* (ib. 1, 4, 12). Discutindo os impessoaes latinos, disse Vossio, citado por Miklosich: "*Quis non videt, nisi Hypsala caecior, statur et vivitur idem esse ac stamus et vivimus?*" Por essa abstracção de conceito se explica a translação de sentido pessoal dos pronomes italianos — *lei*, *ella*, do allemão — *sie*, e de todas as formas de tratamento identicas ás nossas: — *Como vae? Então não fala com a gente?*

Consideremos agora as formas determinadas. Subjectiva como é, não pode considerar-se perfeita a sua determinação: os interlocutores podem ser A e B ou C e D ou quaesquer outros. Além disso, em cada caso invertem elles os papeis, sendo ora um ora outro quem fala. Se fixarmos o conceito do *eu*, passará o interlocutor a ser indefinido, como pessoa didactica. No modo potencial, supprido em latim e noutras linguas pelo subjunctivo, é classico o emprego da segunda pessoa como indefinida: — *crederes victos* (T. Liv., 2, 43, 9); — *τὴν πόλιν ὥτως ἂν ἤγησο* (*crederes*) *πόλεμον ἐργαστήριον*, "terias tomado (*on aurait pris*) a cidade por um verdadeiro arsenal". Esta impessoalização estende-se tambem ao indicativo e encontra-se em quasi todas as linguas (hebraico: *Lev.*, 2:4; *Prov.* 19:25, etc.) Nas linguas romanicas é muito frequente, principalmente em italiano e (no plural, pelo singular) em provençal. (M. Lübke, loc. cit.). Observando que a tal respeito não parece que Virgilio nas *Georgicas* e Horacio na *Arte Poetica* tenham seguido methodo novo, observa algures Paul Lejay: "*la deuxième personne est la personne didactique, qu'il s'agisse du Décalogue ou de recettes de cuisine*".

Como acima dissemos, as formas *syntheticas* da terceira pessoa são ordinariamente indeterminadas e só por translação de sentido é que podem representar sujeito definido. Mas o conceito de pessoa grammatical, cuja divisão traçámos, não é o unico determinante que se deve levar em conta; recorre a linguagem a outro, tambem subjectivo, porque deriva do proprio homem, isoladamente e na familia, em relação com o mundo exterior: é o *genero grammatical*. Qualitativamente, podem distinguir-se, em ordem de determinação crescente, os seres inanimados e os animados, como *algo* e *alguem*, e, entre os ultimos, os de sexo masculino e os de sexo feminino, como *algum* e *alguma*. Attribue-se naturalmente ao neutro a representação da impes-



soalidade (*pugnatum est*) e as flexões e affixos pessoais assumem a função de índices da determinação do sujeito. Porém esse valor, na terceira ainda mais que na segunda pessoa, pode obliterar-se por impessoalização de conceito. Assim nas linguas semíticas a terceira pessoa do singular perde o caracter de definida, como em hebraico — *amar elay* (I Sam. 23:22), literalmente “disse-me”, “elle me disse”, com a significação de “disseram-me” “on m’a dit”, que os LXX traduziram por *μοὶ εἶπον* (comp. Gen. 2:20; 11:9; 16:14; 48:1-2; etc.) Em grego citam-se numerosos exemplos: — *ὄνοχοιεία* (Odyssea. φ’ 142), “(on) verse le vin”; — *ἐπεὶ ἐσάλπυξε* (Anab., 1, 2, 17), “lorsqu’(on) a sonnâ la trompette”; — *ἐκήρυξε τοῖς Ἑλλεσι* (ib., 3, 4, 36), “(on) a proclamé aux Grecs”; etc. Aconteceu o mesmo nas linguas itálicas, segundo vestígios que conservam as formulas jurídicas e religiosas: v. latim — *si in jus vocat, ito*; — *post meridiem praesenti litem addicito* (XII Tab.); umbr. — *este persklum aves anzeriates enetu*, “istud sacrificium avibus observatis inito”; etc. Assim em Catão — *dolia, quo vinaceos condant* (R. R. 10, 4); em Varrão — *ita pascere pecus oportet, ut averso sole agat* (2, 2, 11); em Plínio — *capitis dolori medetur hiberis alligata hora vel diutius, si pati possit* (N. H. 25, 134); etc. Em latim classico só se pôde citar o emprego de — *inquit*, que não se encontra em Cesar, nem em Sallustio, nem em Tacito, mas é ciceroniano: — *non concedo, inquit, Epicuro*; — *ubi nec Pelopidarum, inquit* (Att. 14, 2, 2). Com verbos *sentiendi* e *declarandi* essa construção era frequente em velho islandês: — *at eige sé suerdhit* “que (l’on) n’eût pas vu l’épée”; etc. Exemplos semelhantes, de verbos declarativos, ha-os também românicos: italiano — *nel libro della vita di Cristo dice che...*; — *dice che San Paolo...* (Cavalca, Vite); português antigo — *em ellas faz mençom* (Textos Archaicos, p. 33); etc. Conserva-se ainda em nossa lingua a expressão — *diz que...* “dicitur”, “dizem”, “on dit”.

A *pessoa grammatical* e o *genero* constituem um systema de coordenadas que define em duplo conceito de personalidade o primeiro termo da proposição. Mas, principalmente em virtude da obliteração do neutro, essa determinação é insufficiente. Aos determinantes qualitativos junta-se o *numero grammatical*, que também tem raiz na familia humana, segundo Grasserie, e sobrevive ao genero na flexão do verbo. O singular e, em algumas linguas, o dual, até o trial e o quatrial representam a determinação numerica e o plural a indeterminação. Como na simples impessoalização dos interlocutores, seguida de pessoalização de



forma, pode o emprego da flexão do plural surgir de uma abstracção. E' o que se dá no tratamento reverencial, no emprego de-vós por-tu (comp. francês-*vous*, inglês-*you*, etc.), assim como no de nós por eu. Na terceira pessoa, é evidente que assim se confundem as duas espécies de indeterminação, qualitativa e quantitativa. Em ultima analyse, é igual a-on o sujeito-homines que se costuma subentender nas expressões classicas — *dicunt, ferunt, narrant, tradunt*, assim como — *auctores* em — *adi-ciunt miracula huic pugnae* (Livio, 2, 7, 2). Casos ha em que, apesar da flexão, seria absurdo subentender o sujeito no plural: — *Aqui d'el-rei! que me mataram!* (Herculano, *O monge*, 1, 77); — *que matan a Clotaldo!* (Calderon, *La vida es sueño*, 2, 589); *de dentro da cortina lhe mostravam hum pé* (Barros, *Dec.* 1, 3, 4). A's vezes a expressão impessoal é seguida de outra pessoal: — *Baptizaram a Jesus Christo Nas aguas do rio Jordão, Baptiza São João a Christo...* (*Rom. trasmont.*, *Rev. Lus.*) Compare-se a phrase de Guillem de Castro — *Señor, a mi padre han muerto!* (*Mocedades*, 2, 31), que Corneille reproduziu, em forma pessoal: — *Rodrigue a tué mon père — il a tué mon père*. A impessoalidade dessas phrases é a mesma do singular, que mencionámos ao citar o exemplo de Xenophonte — *τὸς* por — *Κῦρος* (*Anab.* 1, 4, 12).

Considerando *lato sensu* a expressão “orações sem sujeito”, vimos até aqui exemplos que só aparentemente infringem as regras logicas da proposição. Constituem os impessoaes estudados uma classe, de sujeito pessoal indefinido, mas analyticamente determinavel, com ou sem alteração da forma verbal, por meio da pergunta — *quis?* A differença semantica, original ou adquirida, que ha entre as orações dessa categoria (*λεγονσι, φασι, dicunt, aiunt, on dit, man sagi*, etc.) e as pessoaes, consiste unicamente no character indefinido do sujeito: — *Quem diz? Eu ou tu, este ou aquelle, uma ou varias pessoas*. Mas aquella phrase tambem pode tomar-se em sentido restricto. Considerando orações sem sujeito as que são privadas não somente da expressão, mas do proprio conceito do primeiro termo da proposição, assim se denominam apenas aquellas que não exprimem predicação real, que simplesmente enunciam um facto. Quando, por exemplo, se diz — *chove* ou — *não chove ha muito tempo*, enunciam-se phrases de sentido completo, é a noção verbal que



occupa toda a scena ou em torno della se agrupam apenas personagens de ordem secundaria. Sem que essa noção essencialmente se altere, a ninguem ocorrerá por certo perguntar — *quem?*

Com Henri Weil se poderá observar que até na phrase — *hunc juvenem intemperantia perdidit* não se emite um juizo acerca da intemperança e que, se é absolutamente necessario vêr nella um juizo, em vez de simples enunciação de facto, mais natural seria consideralo formado a respeito do joven, que não é o sujeito. Mas este conflicto da syntaxe e da logica, mesmo restricto ao campo das construcções impessoaes, não pode ser estudado dentro dos limites que aqui nos impusemos, de investigação exclusivamente semantica; merece naturalmente um capitulo especial de syntaxe de regencia. Se, pois, até agora nos mantivemos fieis á logica, respeitando a dichotomia da proposição, embora nos tenhamos libertado do idolo da forma, estudando a sentença nos moldes de uma equação algebrica, ainda que muitas vezes condensadamente expressa, esforcemo-nos por nos mantermos nesse ponto de vista, encaremos como analogos ao grau extremo da abstracção os verbos que se concebem como destituídos de sujeito, — *ῥεῖ, ví ῥεῖ, pluit, ningit, etc.* Estes apresentam-se com a flexão da terceira pessoa e ás vezes com um pronome neutro: — *il pleut, e' piove, es regnet, det regnar, it rains, etc.* Mas o pronome em semelhantes casos é, segundo Sweet, “a purely grammatical empty subject-word”.

Concebemos os *verba naturae* como privados de qualquer especie de sujeito, por não despertarem elles a pergunta — *quem?* Em caso de duvida apenas suggerem uma interrogação essencial — *que acontece, aconteceu ou acontecerá?* Quaesquer outras que se imaginem são meramente accessorias — *quando? como? — onde? — porque? — etc.* Embora sejam relativamente raros em latim classico (como observa Schmalz, Cicero conhece apenas — *advesperascit* e *invesperascit, fulget* e *lucet*, assim como *luciscit* nas cartas), em todos os ramos antigos das linguas indo-europeas se empregaram taes verbos desacompanhados de nominativo: — sanscrito—*varshati*, grego—*ῥεῖ*, latim —*pluit*, gotico—*rigneith*, velho slavo—*duzditu*, lituanio—*lija*, “chove”; sanscrito—*stanáyati*, latim—*tonat*, v. alto allemão—*donarot*, v. slavo—*grimitu*, “troveja”; etc.



Pode ser que taes construcções tenham todas derivado de outras dotadas de sujeito. Ideias bem diferentes das que hoje temos podiam ellas representar para o homem primitivo, que attribuia a uma divindade cada um dos phenomenos da natureza. Considerando Θεῶν ῥήματα, “verbos divinos”, os dessa categoria, os grammaticos gregos e tambem os latinos lhes subentendiam sempre um sujeito — ὁ θεός, *Zeús*, *Jupiter*, etc. E nas linguas classicas, o agente divino é ordinariamente expresso, não só na poesia, como na prosa, quando se quer reproduzir a linguagem popular; Homero o enuncia sempre — ὃς δ’ ἄρα *Zeús*, (Illiada, M, 25; etc.) Em latim, o facto não ocorre na prosa classica, mas é commum nos escriptores ecclesiasticos — *Deus*, *Dominus pluit*. Compare-se v. slavo — *oblaku duzditu*, “a nuvem chove”, etc. Tambem outros impessoaes, muito frequentes em latim, como — *me pudet*, *me poenitet*, podem a igual titulo considerar-se derivados de construcções pessoaes: — *non te haec pudet*; *me haec condicio nunc non poenitet* (Plauto). Estas são ante e post-classicas, muito usadas em baixo latim.

Será de facto a categoria puramente impessoal uma conquista da abstracção? O problema tem sido muito discutido, mas, como concluíram Delbrück e Brugmann, é ainda questão aberta. Em todas as phases da linguagem tem, sem duvida, havido phrases simples, de um só termo, até palavras holophrasticas, como as interjeições e os vocativos, que não despertam ideias de sujeito e predicado claramente definidas. Apesar da difficuldade de pesquisas desta ordem, baseando-se na correspondencia de sanscrito *â*, latim *ah*, etc., conseguiu Fick no dictionario das raizes proethnicas fixar formas interjectivas como — **a*, **ai*. Tambem o verbo poderia ter sido originalmente indeterminado. Imperativos como — **ei* e — **bhere*, latim — *i* e grego — *ῥέρε*, privados de quaesquer indices de pessoa, tempo ou voz, impessoaes como — *pluit*, com o valor psychologico de uma exclamação — *a chuva!* — podem perfeitamente representar o estado original do verbo indo-europeu (*).

(*) Diz Bréal (*Sémantique*, p. 82) que no plano primitivo a acção era sempre referida a uma pessoa, porque o verbo indo-europeu podia dizer — *ῥέρω*, *ῥέρεω*, *ῥέρε* e não — *ῥέρεω*; porque, em summa, o infinito resultou duma abstracção. Mas não quer com isso dizer que



Essa hypothese não póde de maneira absoluta ser contestada, porque innumerous factos a confirmam e porque explica satisfactoriamente a genese da categoria pessoal. Mas leva-nos a uma forma linguistica tão rudimentar e de tal illogismo que não se póde considerar como linguagem propriamente dita. Não nos precipitemos na investigação de origens tão remotas, detenhamo-nos á beira do abysmo, em terreno firme e de horizonte perscrutavel. Innegaveis casos de pessoalização se nos deparam em que se verifica ser o conceito de pessoa adquirido, por adaptação de forma absolutamente impessoal; taes são, por exemplo, os imperativos em — *tu* e — *mu* dos dialectos italicos. E' forçoso admittir, no estadio de formação da linguagem, que a todo momento se reproduz, a existencia de noções e expressões syntheticas e vagas, equivalentes de juizos e proposições perfectas, mas destituidas dos elementos logicos que a estas caracterizam. E independentemente de qualquer especulação relativa á evolução original — ascendente ou descendente, passagem do estado analytic para o de condensação, ou do synthetico para o de rarefação — é de ver que os verbos inteiramente privados de sujeito têm mais intima connexão semantica com os de sujeito indefinido, que com os verbos puramente pessoaes. Se é original a propriedade que elles têm de exprimir acção ou estado como simples facto, a pessoalização de sentido a que estão sujeitos, a decomposição da phrase em dois termos logicos por translação semantica, dá valor de pessoa indefinida ao elemento formal que se torna pronome ou desinencia; se é, ao contrario, adquirida, em grau extremo de abstracção, pela fusão completa dos elementos do juizo, tem-se de admittir que o sujeito era antes indeterminadamente indicado pela desinencia ou pronome, cuja significação se obliterou ou que se perdeu. (Cp. *zend-varenti* "chove", com desinencia de terceira pessoa do plural (?).

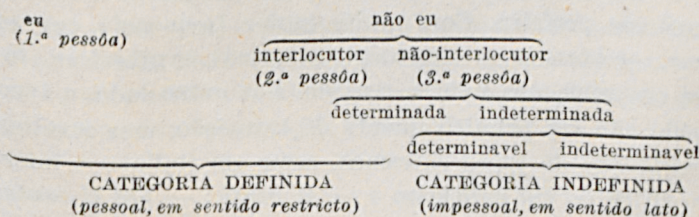
Ha em todas as linguas expressões verbaes em que não se distingue a differença de syntaxe que ha entre — *on aime* e — *il pleut*; taes são, por exemplo, gr. — *ἔστιν ἰδεῖν*, sl. — *jestû viděti*, lat. — *est videre* (Tacito, *Germania*, 5, 10), "il est possible de voir"

as fórmulas pessoaes sejam absolutamente primitivas, pois no ultimo capitulo do mesmo livro, estudando especialmente o verbo proethnico, nega-lhe as caracteristicas de tempo, aspecto e **pessoa**, e só lhe concede as de modo, para o distinguir do substantivo.



ou "on peut voir"; port. — *de que se trata?* — equivalente de "que é? que acontece?" ou de "que fazem? de que tratam?". A simples indeterminação da pessoa constitue, pois, naturalmente um elo entre as duas categorias oppostas, pessoal e impessoal. Esta approximação é apoiada por varios factos, entre os quaes podemos pôr em evidencia os casos de emprego da flexão da terceira pessoa, que os grammaticos ordinariamente explicam considerando o sujeito elliptico ou comprehendido no verbo, mas pertencente a determinada classe de individuos. Tanto como — *ῥει* (sc. *ὁ ῥων*), são desse typo as já mencionadas construcções: — *ἐπεὶ ἐσαλπυγξε* (sc. *τις* vel *ὁ σαλπυγκτής*); — *ἐκήρυξε* (*ὁ κήρυξ*); — *ὀινοχοεῖει* (*ὁ οἰνοχόος*); — *post meridiem praesenti litem addicito* (*judeu*); etc. Semelhantes sujeitos são verdadeiramente indefinidos e são-n'o tanto quando se subentendem como quando vêm expressos, o que acontece nas phrases hebraicas — *ki yâmûth mêth* (*Num.*, 6:9), "se um moribundo morre", — *ki yipôl hanôphêl* (*Deut.*, 22:8), "se um cadente cae" —, que os LXX respectivamente traduziram por — *ἐὰν τις ἀποθάνῃ* — *ἐὰν πέσῃ τις ἄνθρωπος* — e a Vulgata por — *sin... mortuus fuerit quispiam* — *labente alio et in praeceps ruente*.

Os verbos impessoaes não se confundem com as demais palavras holophrasticas, que absolutamente não se subordinam ás leis da logica. Distinguem-se por morphemas, pronomes ou designencias, que na evolução da linguagem podem já ter tido ou vir a ter como funcção designar-lhes um sujeito, embora indeterminadamente. Tanto no estudo da sua evolução syntactica, de que agora não cogitamos, como no da evolução semantica, é, portanto, licito incorporal-os á classe dos de pessoa indefinida, dos quaes verdadeiramente se distinguem por mera differença especifica. E assim, embora cheguemos ao grau zero da determinação do sujeito, do seguinte modo se completa e resume, independentemente dos determinantes, a classificação dos conceitos de pessoa grammatical:



Um abysmo chama outro. A inclusão dos verbos impessoaes na classe dos pessoaes, satisfazendo quanto é possível o requisito logico da proposição, não se faz sem attingir o valor preciso da distincção que existe entre o definido e o indefinido. Para exprimir com toda a nitidez os conceitos de determinação e indeterminação, os recursos da linguagem usual são muito insufficientes; evidencia-se a sua pobreza até nos casos em que se poderia esperar bem nitida differenciação, em virtude do concurso de processos analyticos e de outros determinantes qualitativos e quantitativos. Tomemos, por exemplo, a expressão — *o homem*, que tem certo grau de determinação, como — *ille homo*; tambem a empregamos correntemente em sentido geral — *homo*, como se o conceito fosse indeterminado ou constituísse individualidade *sui generis*. Se tal é a difficuldade nas formas analyticas do lexico, imagine-se qual tem de ser no vago dominio dos morphemas. Em diversos e successivos graus de abstracção se passa de um extremo ao outro por uma cadeia cujos elos são desta ou daquella categoria conforme se considerem em relação com o antecedente ou com o consequente. E inversamente, como no diaulo hellenico, em que os cursores do estadió desandavam a carreira desde o fim até o principio, a mesma cadeia permite passar-se do extremo grau de abstracção para o do puramente concreto, da categoria indefinida para a definida. O conceito dinamico da evolução quebra o rigor da logica, impondo aos factos, a despeito das leis fundamentaes do pensamento, o meio termo que ellas em vão repellem.

Como vimos, os vocabulos e ainda mais facilmente os morphemas, frequentemente passam de um sentido para outro, de modo que estes, apesar das expressões apparentemente negativas — *indefinido*, *indeterminado*, não são rigorosamente contrarios, são apenas contradictorias. E nem sempre, antes raramente, a evolução semantica neste dominio dá surto a uma significação nova, por obliteração completa da primitiva, ou por catachrese perfeita. Com muito maior frequencia que as analyticas, prestam-se a equivoco as formas syntheticas, tomando-se ora num, ora noutro sentido. Por outro lado, o typo medio póde não ser primitivamente de transição, mas resultar da contaminação de typos extremos, como em italiano o intermediario entre — *noi cantiamo* e — *si canta*: — *noi si canta*,



ou constituir base para a formação dos extremos, por polarização. Postas de lado as complicações syntacticas que se podem produzir, reduzem-se assim a quatro as modalidades da evolução do conceito de pessoa e da sua expressão: a *pessoalização* e a *impessoalização* propriamente ditas, a *contaminação* e a *differentiação*.

Mas se na evolução actual da linguagem esses processos se confundem, de modo que nem a recta, nem a circumferencia, nem a espiral, como querem muitos, pode representar graphicamente a successão dos factos, se as proprias phases da significação de uma forma tangível como — *homo*, aqui substantivo, alli pronome, acolá suffixo, não podem ser ligadas por uma linha regular, mas se entrecruzam em complicada anastomose, é evidente que a deslocação do problema para o periodo das origens ainda mais lhe difficulta a solução. A muito pouco se reduz o maximo a que nesse terreno se pode sensatamente chegar. Ou a linguagem teve um estadio original concreto, em que ao surto da abstracção no espirito humano se operou o movimento de impessoalização, a que se foram juxtapondo os outros, ou, o que parece mais natural, em se tratando de um periodo de intelligencia rudimentar, mais passiva do que activa, ou de todo inconsciente, formas primitivamente vagas, sem um sentido preciso, se foram pouco a pouco definindo. Cabe aqui citar a opinião de Meillet, que, sendo contrario á impessoalidade original dos impessoaes propriamente ditos, como — *pluit*, reconhece a probabilidade da existencia da flexão de sujeito indefinido na conjugação do indo-europeu commum. Se do typo indefinido distinguimos o que chamámos medio, este só se póde considerar primitivo, como base dos extremos oppostos, com o cunho de colectivo. Podemos, pois, concluir que as palavras e os morphemas que designam a pessoa grammatical tinham provavelmente a principio um sentido colectivo ou indefinido, de que se desenvolveu o da pessoa definida e que, constituida logicamente a linguagem, na evolução dessas formas ha sempre acções e reacções, continuando a pessoa indeterminada, como a determinada, visto que os seus conceitos são tão relativos como os do abstracto e do concreto, a ter o mesmo direito de figurar no systema da conjugação.

AMERICO DE MOURA.



RESENHA DO MEZ

MONOGOS

Pode haver superioridade que não seja alvo de aggressões? Tudo parece indicar que não. A superioridade é atacada pelo simples facto de ser uma superioridade, e o seu valor se bitola precisamente pela extensão das injurias, como a altura de uma arvore poderia medir-se pela curva das pedras que lhe arremessam aos fructos. Só a mediocridade vive entre applausos perennes, saudada pelos sorrisos adocicados de toda a gente. Porque não faz sombra a ninguém.

Sempre tive uma grande admiração por Bilac, não porque o considerasse o primeiro poeta do mundo, nem o mais perfeito dos homens, mas porque o considerava como um grande poeta brasileiro e como um homem cheio de qualidades estimaveis. Era o bastante. Nada mais raro do que um grande poeta, ou do que um poeta verdadeiro, no Brasil, como em qualquer outra parte. Nada mais raro, igualmente, do que um homem ornado de muitas qualidades communs. As qualidades communs encontram-se por ahi quotidianamente, talvez por todos os cantos; o que é raro é achalas reunidas numa só pessoa... Bilac apparecia-me como um poeta de grande vigor e esplendido equilibrio, e um homem bom, amovel, modesto e sensivel. Esse homem e esse poeta, ha tempos atraz, fôra um bohemio das duzias, um bohemio memoravel na historia e na legenda — o que está longe de constituir uma restricção á minha sym-

pathia! De uns tempos para cá, porém, o bohemio entrara a eclipsar-se; eclipsou-se; nada deixou de si, ou deixou apenas a graça leve e irreverente da ironia, e uma certa fadiga melancolica de alma, e uma certa ansia de affeições duraveis e puras — se é que essas coisas pertenciam ao bohemio. Em lugar deste, surgiu o homem que os seus amigos tanto amam — grave e bonachão, piedoso e sereno, a fazer versos penetrados de uma sensibilidade muito nobre e reluzentes de idéas muito bellas, a amar a patria com o ardor sagrado de um rapazello não contaminado das pestes moraes da cidade.

Bilac inspirava-me, pois, uma profunda admiração. Não seria um poeta perfeito? Era *um poeta*! Não seria um grande homem? Era *um homem*! Será pouco, por acaso, ser um poeta e ser um homem, no meio de ondas de declamadores e de enxurradas de macacos? Uma coisa, entretanto, me affligia um pouco: Bilac era demasiadamente querido e aclamado, era universalmente louvado... Estaria eu em erro? Como podia ser superior, de véras, um homem que ninguém aggreidia sem motivo, que ninguém apedrejava sem razão? E duvidas crueis me assaltavam. Agora, porém, estou tranquillo. Levanta-se contra Bilac, desde que elle desdobrou sobre o nosso horizonte todo o tamanho do seu porte, uma campanha poeirenta de malquerenças, de calumnias e de insultos. Respiro. Já não tenho duvidas. Quero-lhe mais do que nunca. — *Yorik.*





MOVIMENTO LITERARIO

Segundo noticiou *O Estado de S. Paulo*, acha-se em vias de organização, nesta capital, uma sociedade por acções, cujo fim é editar obras de escriptores paulistas. A Sociedade encarregar-se-á da propaganda dos livros que publicar, procurando extrahir para si apenas os lucros necessarios á sua manutenção.

A idéa é por certo muito boa, pois todos sabem que a falta de editores activos e cultos, entre nós, entrava lamentavelmente o nosso desenvolvimento literario. Como o *Estado* fez notar, ha entre nós não poucos escriptores que têm livros promptos, e entretanto não os publicam por não encontrarem facilidades nem compensações para isso e por não se resignarem a exercer as funções de mercadores dos proprios livros.

Annunciam-se para breve os seguintes volumes, neste Estado:

— Livro de versos de Amadeu Amaral, "Espumas", edição da revista "A Cigarra", a apparecer em dezembro proximo;

— livro de versos de Luiz Carlos, "Columnas", com prefacio de Alberto de Oliveira;

— romance de Claudio de Sousa;

— uma collectanea posthuma de produções de Ricardo Gonçalves;

— um livro de versos de Cyro Costa;

— uma serie de quadros historicos de A. de Cerqueira Mendes.

* *

Realizou-se no dia 18, no salão do Conservatorio desta capital, uma "hora literaria" em que figuraram varios homens de letras, entre os quaes o sr. Felix Pacheco, da Academia Brasileira. O resultado pecuniario foi em beneficio da projectada herma do poeta Baptista Cepellos.

O publico applaudiu a execução do interessante programma, parecendo que isso animou os promotores da festa a preparar a realisação de outras "horas".

HENRIQUE SIENKIEWICZ



Com a morte de Henrique Sienkiewicz desaparece o polaco vivo mais notavel e uma verdadeira figura universal. O romance "Quo Vadis?", traduzido em todas as linguas modernas, e conhecido de

toda a gente, inclusivé da que é extranha á cultura literaria propriamente dita, deu-lhe um renome que poucas celebridades contemporaneas terão alcançado. Um critico italiano, prefaciando uma tradução que fizera das suas obras, definiu-o precisamente nestas linhas, reportadas por José Verissimo no seu livro "Homens e Cousas Extrangeiras":

"Estudado sigularmente e no complexo da sua vasta obra, accumulada sem pressa e sem pausa, Henrique Sienkiewicz é uma alta, nobre e verdadeira indole de escriptor artista; a sua mesma aristocracia intellectual, porém, dá-lhe aquella sensibilidade pesarosa pela vulgaridade da vida, que parece sorriso e é dor. Trabalhador methodico e reflexivo, acha-se elle entre o espirito scientifico-historico e a consciencia moderna, como juiz e parte, e deve em arte ficar impessoal: de onde o seu pessimismo que, analysando, interpreta as fibras mais escusas dos coração, sem achar remedio. A fé no triumpho do bem não lhe tira da alma o desasoscego, os temores, a certeza do mal".

Do "Quo Vadis?" fez o escriptor brasileiro acima citado este elogio que os annos ainda não desmentiram:

"Quo Vadis?" com ser talvez o mais perfeito romance historico dos ultimos trinta annos, não foi senão um dos raros que nos podem reconciliar com esse genero meio hybrido, e um dos livros mais bellos da literatura de imaginação".

A POESIA DE RICARDO GONÇALVES

Poeta... Que surrada andas tu, pobre palavra, e longe do sentido intimo, pelo vezo mau de te vestirem quantos por ahi medem versos nos dedos para uma periodica postura de sonetos nas revistas!

Poeta — *poeta* não é o malabarista engenhoso que acepilha versos, embora bellos, senão a creatura eleita que resôa ás mais subteis vibrações ambientes, como se toda ella, corpo e alma, fôra uma harpa eolia de cordas vivas. Os crepusculos estirados de sangue, o marulho das ondas nos fragedos, o bisbilho dos corregos nos socavões dos mattos, a bruma d'amanhã, um ninho onde pipilam aves implumes, o silencio ennojado das montanhas, o trilo duma patativa, uma estrellinha a piscar, as vozes mysteriosas das cousas balbuciadas em surdina, os cambiantes, a penumbra — tudo quanto é estado d'alma da Natureza esfrola as cordas da harpa feita homem e fal-o exsolver-se na gamma inteira das vibrações emotivas.

O fixar estas vibrações por meio da palavra disciplinada no rythmo enlanguescida na melodia da rima é simples tarefa final. A primeira, a maxima, a suprema, é ser poeta, harpa eolia, sensibilidade de galvanometro em permanente vibrar a todas as auras.

O homem frio que, senhor da cultura e sabedor da technica, compõe um poema, por maiores bellezas que nelle derrame será um rhetorico, um orador, poeta é que não.

E não porque seus versos foram compostos ao invéz de brotarem logicos, no incoercível da flôr que vem da planta, do perfume que sâe da flôr, da ebriedade que emana o perfume.

O verdadeiro poeta é um eterno soar de cordas que são nelle bordões e primas afinadissimas e tensas de estalar e no vulgo calabres grossos e bambos.

Alfredo de Musset, Antonio Nobre... poetas no seu tempo, poetas hoje, poetas amanhã e sempre. Hugo,

Edmundo Rostand... serão poetas para o coração do homem d'amanhã?

Não é rhetorica a poesia, nem eloquencia. E' dôr. E' dôr estylisada. dôr de amôr, dôr de saudades, dôr de esperanças, dôr de illusões murchas, dôr dos anseios vagos, dôr da impotencia e do inexprimivel.

Poeta foi Ricardo, no sentido essencial do termo. E o foi inteiriço. Em menino, em moço, como homem, como amigo, como enamorado e como amante, foi poeta de todas as horas e de todas as estações. E como poeta morreu, pois morreu como o stradivarius que a subitanea mutação de tempo estala as cordas tensas e silencio para sempre.

Os versos que deixou, poucos se os medimos pelo thesouro de poesia em permanente radiar que elle era, não denunciam o alinhavo da factura — são como crystallisações naturaes de sentimentos. Nenhuma tortura, nada de arranjos. A perfeição da simplicidade, inatingivel quasi pelo esforço consciente, era seu *habitat* normal, tão *poeta* nascera. Erra em seus versos o aroma dos nossos campos, o halito da terra, o bafio das velhas fazendas; sentem-se nelles o sabor das fructas do matto, o esvoaçar d'avesinhas só nossas, o rumorejo de capoeiras nossas conhecidas. Se apparece uma arvore conheceis-la de prompto, é a gissara esguia perdida numa tiguera, é a perobeira secca, escalavrada pelo fogo das queimas, é a piuva que Setembro afrouxela de flores côr de canario. Entra em scena uma avesinha? Não é o rouxinol nem o pardal importado. Escutai-lhe o trilo: é a patativa humilde; vede como dança: é o tangará. Evola dum verso um aroma? Recordai: é o cheiro do gravatá em fructo. Quebra o silencio um rumor distante: é o rechinar do carro de boi, é a tropa que trota pela estrada. Longe um personagem: é o Zé da Ponte. E' a terra emfim, é o homem, é o céu, é o rio, é a matta, como nós os temos, incontaminados do pechisbeque francez como desinfluidos da bella falsificação alencarina.

Dahi o encanto da sua arte, encanto que avulta realçado pela chinezice desta epoca de mentira á terra e á



raça pelo excesso d'amor á francezia e ao cubismo. Ella nos introverte n'alma os amavios da saudade e da esperança. Poesia pura, ella, por suggestão, deflagra o que em nosso peito existe de poesia innata.

E' mister falar sem ambages: Ricardo era a mais genuino poeta da geração. Nunca um elemento alienígena interferiu na sua arte. Não sabemos de um verso d'elle onde se embalsame um deus morto da Hellade fria, uma columna partida, uma esquirola sequer de marmore grego. Nem castellos medievaes, nem cosmopolitismo moderno, nada do volapuk esthetico desta epoca em que os povos se interpenetram e mutuamente se dessoram no que ha de mais sagrado — a individualidade racial.

Sobe de ponto o valor da pureza desta esthesia se nós circumvagamos o olhar pela cidade onde o espirito de Ricardo floriu — floriu como a flôr do lotus, ai!...

E' a *urbs* volapuk onde grunhem todas as linguas e passeia pelas ruas a escala inteira dos angulos faciaes. O poeta suffocado pela atmosphaera kaleidoscopica deste *salmagundi* urbano refugia amiude de seus venenos dessorantes. Ia ver jequetibás em Piracica para descanzo dos olhos fartos destes platanos geometricamente perfilados á beira dos passeios como arvores ensinadas.

Ia longe daqui aspirar a fragancia de florinhas silvestres que lhe nao recordassem crysandalias e outras patifarias floraes d'importação. Ia ouvir a patativa piar nas devezas para esquecimento do chilreio azucrinante do canario hamburguez.

Como mente esta cidade á terra patria! E como se empenham seus filhos em extirpar no seio della as derradeiras e debeis radículas da individualidade!

Vae um pobre mortal espairecer ao jardim e lá, em vez d'uma nesga da nossa natureza tão rica, é sempre o volapuk que se lhe depara. Pelos canteiros de grama ingleza ha figurinhas de anões germanicos, gnomos do Rheino, a sobraçarem garrafas de *beer*. Porque taes niebelungies, mudas á nossa alma, e não saçys-serêfcs, caa-

poras, mães d'agua, e mais duendes creados pela imaginação popular! O proprio ardore é por metade coisa alheia. Um ipê florido, a arvore da quaresma, um angiqueiro — inutilmente os procurareis alli. Se resôa no coreto a musica, ouvireis Puccini. Wagner, Sydney Jones e taes modulações vêm tornar inda mais incarectístico o ambiente do logradouro. Subito, ao quebrar uma alameda, uma estatua avulta no meio dum canteiro. Bate-vos o coração, hade ser Gonçalves Dias, Casimiro, um poeta nosso. Nada disso: é Garibaldi... Tendes sêde? Ha *groggs, cocktails, chops, vermouths*. Tendes fome? Dão-vos *sandwich* de pão allemão e queijo suiso. Apita um trem: é a Ingleza.

Tomaes um bonde: é a Light. Cobram-vos a passagem em italiano. Apeaes num cinema: é *Iris, Odeon, Bijou*. Começa a projecção: é uma tolice franceza ou uma calamidade d'Italia. Um baleiro passa ao lado: *nougat, torrone*. Correis a um theatro: o cartaz annuncia *troupe* franceza. Mas ao espirito vos acode que um existe onde funciona companhia nacional. Ora graças, dizeis, vou-me a ver coisas da minha terra. Ides, ergue-se o panno: os actores nacionaes são portuguezes, a peça é uma salafarice parisiense traduzida. Traduzida em portuguez ao menos? Qual! nada disso! traduzida em volapuk.

Sahis enojado. Correis ao hotel. Mettei-vos na cama depois de sorvida uma chavena de chá da India com pão de trigo argentino. Estaes quasi a dormir. Será ao menos o vosso somno um somno brasileiro? Impossivel. Pelas reixas das venezianas entram a acalentar-o os sons distantes duma canção: *La Luna*. Em tal meio conservar Ricardo, puras como a agua das grotas a sua emoção e a sua arte, facanha foi de Hercules.

Quando vierem a publico seus versos o livro resultante será um oasis de Brasil neste Port-Saïd sem mar.

Os olhos da saudade ir-se-ão por elle afora como attrahidos pela propria alma da terra — da terra que morre lentamente sob a pata bruta da invasão polymorpha. E Ricardo, morto, continuará amado como o foi em vida... — Monteiro Lobato.

LORENZO STECCHETTI



Com a morte de Stecchetti desapparece um dos grandes e amados poetas da Italia. O seu talento tinha duas faces encantadoras e diversas: um lyrismo simples, mavioso, penetrante, e uma ironia, ora ligeira, ora sarcástica, com que vergastava o clero, os preconceitos, e as pequeninas protervias da vida, do amor e do peccado.

Como lyrico, Stecchetti tem produções que ficarão. Quem já leu "Il Guado", "October", "Il Canto Dell'Odio", "Come il ricordo vago e mal distinto", acreditará commigo que essas produções deliciosas commoverão e encantarão sempre a alma sensível dos homens.

O seu "humour" aponta aqui e ali, com uma graça e uma naturalidade que seduzem:

"Penelope sei tu, che tesser sai
A mezzogiorno la tua bianca tela
E meco a mezzanotte la disfai".

"Vieni e se in vita mi falli la speme
Di viver teco i giorni miei sereni,
Ci sposeremo nella tomba. Vieni:
Vi marciremo insieme".

"Son diventato pallido?
Ci son avvezo: non é nulla, tacci:
M'han guastato lo stomaco
Le polpette dell'oste ed i tuoi baci".

Certas audacias suas commoveram a opinião. Os criticos gritaram que "aquillo" não era arte, era pornographia. O naturalismo imperava então na França e ganhava os outros paises. Apraziam-se os poetas e os romancistas em descrever os caprichos da carne, a embriaguez dos sentidos. Na verdade, a musa de Stecchetti tem alguma coisa de livre, de bregeiro, de sensual, mas nunca de immo-

ral. Não direi que é um poeta moralista, mas é sempre um poeta e um artista, e portanto, nunca um corruptor.

Elle mesmo defende-se com graça e com ardor no prefacio da sua "Polemica", reivindicando os direitos da arte e repudiando as classificações de "verista", "naturalista", com que queriam baptisar a sua escola poetica.

De facto, elle era puro e simplesmente um poeta, e a sua unica escola era a Poesia.

Stecchetti era um dos poetas italianos mais conhecidos e amados no Brasil.

A sua forma simples, o seu lyrismo espontaneo, a sua feição moderna e as diversas traducções de versos seus, feitas aqui, tinham-n'o tornado quasi popular no nosso meio.

Lorenzo Stecchetti tinha alguma coisa de Heine e de Musset, porém assimilada por um temperamento mais jovial e sadio.

No fundo elle amava as coisas simples, os amores são, a vida quieta, amavel, planturosa da "grassa Bologna", em que os prazeres do corpo e do espirito vão de parceria, numa doce e perfeita harmonia.

Mesmo o seu humorismo respira saude, e no intimo, elle não odiava ninguém, nem mesmo os padres e as beatas.

A sua vida simples e bella poder-se-ia resumir assim:

Foi bibliothecario e poeta. Amou a arte sobre todas as coisas. Foi uma grande e boa alma, e um delicioso artista. E este soneto seu, que o define tão bem, com a concisão dos antigos epigrammas, vale por um credo e por uma apologia:

"Noi sentiamo il furor delle baccanti,
L'estasi santa degli anacoreti;
Siamo i martiri noi, siamo i profeti,
Noi che gridiamo al mondo avanti,
(avanti!

Parliam coi fiori e colle stelle erranti,
Amor ci disse tutti e suoi segreti:
Solo a noi nati al'Arte, a noi poeti,
Prorompono dal cor gl'inni sonanti.

O banchieri, o droghieri, a piú dan-
(nose
Arti lo sprezzo e l'ironia serbate,
Noi non cerchiam le utilità dolose,

Noi non falsiamo i pesi e le derrate.
Che colpa c'è nel preferir le rose
Alle candeie, al pepe, alle patate?"

Jacomino Define.

ULTIMAS CIGARRAS

(POEMA DE OLEGARIO MARIANO)

No mundo da apparencia, como chamou Schopenhauer ao mundo objectivo, não houve o movimento de alegria que me acordou na alma com um rythmo novo da palavra, pela calma da tarde, cheia de indecisões, de côres, annunciando melancolicamente o crepusculo. Meditei na minha felicidade simples, differente da dôr occulta e silenciosa da natureza, e meditei com razão a causa da divindade. O meu optimismo explicava-a, e tambem um pouco aquella leitura suave, rapida, intensa, cheia de surpresas e variada em emoções do livro raro pela alma de castidade amorosa pelas cousas simples que se intitula "Ultimas Cigarras".

O poeta viveu antes do momento definitivo da sua arte uma existencia de amor, fez o lyrismo ingenuo como quadros da sua vida íntima; variando os motivos do idyllio da sua alma com a luz incerta das manhãs e a calma doentia e nevrálgica das tardes de *spleen*.

Olegario Mariano é um caso singular de sensibilidade esthetica apurada pela tristeza aggressiva da vida.

A sua alegria é triste; o rythmo da sua vida é uma longa saudade morbida.

Alguna cousa me diz que a sua alma tem o seu exilio na terra animal, pois, de relance, na musica das suas canções ligeiras, elle procura os symbolos das paisagens, arvores vivendo almas numa exaltação de pôse até á volupia extrema de só amar os extases do seu eu (as cigarras, as arvores, o mar, o seu cigarro).

Este narcisismo mental que traz um novo encanto para a expressão subjectiva, é tão natural na arte poetica de Olegario Mariano que julgo a minha descoberta sem originalidade.

A poesia só se affirma pela indiferença absurda da natureza. No silencio é que se ouve o seu segredo eterno. Só o amor, podendo transmutar valores sensiveis, realisa como estado de alma, a idealidade da percepção esthetica. A inspiração indica bem este excesso de vitalidade.

Este conhecimento é inconsciente e maravilhoso. E' a musa que fala, com o segredo da sua virtude exemplar.

"Na minha funda tristeza
De creatura singular,
E' um resto de belleza,
Uma memoria de olhar."

E' um fragmento, que me serve de exemplo, para a intelligencia prophetica da arte. A arte, pela harmonia verbal, revela o mundo das apparencias. O idealismo profundo se confunde com o realismo platonico e vê na natureza uma *allucinação verdadeira*. Como um crystal de luz o cyclo esthetico se insere no amplo conhecimento philosophico. Miguel-Angelo explica a Renascença. E' o destino que se eternisa no sorriso cruel da Gioconda. E não passava de um sorriso... Sei que os temperamentos dynamicos, vencidos pela ancia da força viva, numa ronda dantesca de emoções tragicas, acham inutil a poseia. Sou dos que a querem livre, no rythmo e na accentuação, e por esta fórmula romantica, explicando a extrema revolta do pensamento. A poesia *condoreira* condemnada entre nós, ainda me agrada em Castro Alves.

A individualidade só se affirma conscientemente no verso livre.

Lembro-me de ter dito em defesa de seus versos musicas e de um carinho voluptuoso pelo sonho que eram os de Mario Pederneiras, lembro-me de ter-lhe dito neste sentido algumas palavras sinceras. Estava longe, asseguro, de reproduzir Mallarmé ou Gustave Kahn. O verso livre é a ul-

tima expressão romantica da poesia...

Os que procuram a belleza e sensibilibilism a alma dos contemplativos, os poetas, amam o sonho livre. A liberdade no amor é muito ampla. Vejamos:

No teu todo de abandono,
De humana delicadeza,
Vibram saudades de outomno
E angustias de natureza.

Ninhos, campanulas, galhos,
Amavam-se em alvoroço
Os meus cabellos de moço
Iam ficando grisalhos...

— E um dia... (quanto chorei!)
Folha! cahis-te a meu lado,
Trazendo todo o Passado
Com a Saudade do que amei...

— A vida! que bem me importa!?
A vida és tu, folha morta.

Adoro a fórmula simples da sensibilidade lyrica. A minha expressão de belleza, se não evoluir do scepticismo para o espirito de doutrina, a minha razão de homem, seria nesta maneira subtil e grave, embóra sob a mascara risonha da familiaridade. "A vida! que bem me importa!? A vida é tu, folha morta."

E' a pura poesia, cujo tom recolheu por ultimo a França com a alma de Verlaine.

Approximar-se de uma fonte sagrada e ahi derramar uma lagrima de alegria é quasi possuir a immortalidade ephemera da gloria.

Não raro na expressão da nossa musicalidade interior encontramos a sombra epica ou pathetica de alguma visão, Dante ou Bach... A sombra dos vivos é mais angustiosa. Na corrente expressiva do symbolismo, com a algida curiosidade dos emotivos cerebraes, Olegario Mariano pertence á familia discreta dos *intimistas*, dos visionarios crentes da *outra divindade*, traduzindo uma expressão de Emmanuel Signoret.

A sua arte lembra-me a fórmula silenciosa e triste das mulheres de Henry Lerolle, cuja existencia pobre e melancolica mais desóla as

paisagens amplas e nuas. E' o delirio do silencio, uma das fórmulas mais angustiosas da paixão amorosa:

Folhas morrendo lentamente no regaço
Da terra; aromas de magnolias e de (myrthos.
Arvores levantando para o espaço
Apostolicamente os braços hirtos...

E' uma tragedia simples. O poema das *Ultimas Cigarrras* marca na sensibilidade poetica contemporanea um momento de *definição*. E' o romantismo que se priva da eloquencia; faz-se sereno e espontaneamente idealista. São as affinidades secretas com a vida que se desenham em fórmulas de sonho. E' a belleza que torna pessoal a alegria total do universo.

Procurando razões simples para caracterisar a sabedoria pura me desolam as grandes causas, o determinismo da sua evolução, a grandeza invariavel do seu equilibrio, a fórmula geometrica dos seus movimentos e a polaridade da sua attração, resumindo leis scientificas explicadas pelo principio cartesiano. Couse curiosa, do postulado cartesiano nasceu a figura literaria do pantheismo. E o mais alto representante desta tendencia foi Spinoza que tinha a natureza como um hymno mystico.

Está no direito da verdade especulativa fazer do seu calculo um instrumento de poesia. O sentimento philosophico foi em todos os tempos a fonte mais pura do milagre. A arte é e deve ser um milagre. Os que renunciam a pratica philosophica não ficam indifferentes ao rythmo metaphysico do universo, sómente renunciam por escrupulo á tentativa maniaica de desvendar grandes mysterios claros como a luz.

Fazem-se poetas e mostram como se póde exaltar o sentimento esthetico ao encontro de uma fórmula dramatica do instincto:

As formigas levavam-na... chovia...
Era o fim... Triste Outomno furente!...
Perto, uma fonte, em suave movimento,
Cantigas de agua tremula carpia.

Quando eu a conheci, ella trazia
Na voz um triste e doloroso accento.
Era a cigarra de maior talento,
Mais cantadeira desta freguezia.

— Passa o cortejo entre arvores ami-
(gas...
Que tristeza nas fôlhas... que tris-
(teza!
Que alegria nos olhos das formi-
(gas!...

Pobre cigarra! quando te levavam,
Emquanto te chorava a Natureza,
Tuas irmãs e tua mãe cantavam...

Não sei de outra mais commovida
expressão em lingua portugueza da
nossa tragedia interior. Este simples
soneto é um grande poema.

Ultimas Cigarras, paisagens de al-
mas, espelho da belleza triste e com-
passiva de uma alma de crente e de
poeta.

Só a emoção pôde crear a belleza e
dar á alma um pouco da divina ale-
gria! — *C. da Veiga Lima*.

BIBLIOGRAPHIA

Alvaro A. da Silveira — *As flo-
restas e as chuvas*.

Tem-se escripto e discursado a va-
ler sobre o problema da floresta no
Brasil.

Em discursos e artigos já se reque-
rem talvez, para substituir as que
são devastadas, florestas senão tão
bastas ao menos tão numerosas como
as da Amazonia...

O problema, como é natural, em vez
de se resolver, complica-se: cada dis-
curso ou cada artigo é uma semen-
teira de idéas que se entrançam como
cipoaes e, como cipoaes, embaraçam
a marcha regular do espirito.

O sr. Alvaro Silveira acaba de
nos prestar o serviço de reduzir a
questão aos seus termos mais sim-
ples, e expôz com singleza e seguran-
ça, o seu depoimento a respeito.

O que tornou intrincado o assum-
pto, aliás, dando-lhe um pouco de côr
local, foi o excesso de sabedoria dos
homens que o têm versado. Lemos
demais e observamos de menos.

O sr. Alvaro da Silveira fez o con-
trario dos nossos doutores: fechou os
livros e foi observar. Como é intel-
ligentissimo e como tem a coragem
das suas opiniões — observou
coisas interessantes e, embora ellas
viesses destruir os vistosos castellos
de cartas dos doutores, reproduziu-
as por escripto taes quaes se lhe apre-
sentaram.

O primeiro erro que a observação
lhe patenteou foi o dessa affirmati-
va quasi dogmatica que corre nos
discursos e nos artigos como o san-
gue nas veias: a de que a floresta é
que produz a chuva e as fontes.

Os factos, numerosos e eloquentes,
que pôde catalogar, levaram-n'o a
concluir sem hesitação:

“E’ evidentemente falsa a doutri-
na de ser a floresta a causadora da
humidade formadora das fontes...”

“Tique bem positivada aqui mais
esta prova de que as causas dagua
não dependem das mattas: — nos
extensos campos altos das serras mi-
neiras, os cursos numerosos que nun-
ca deixam de ter agua mesmo na es-
tiagem dos annos de mais rigorosa
sêcca; nos terrenos cobertos de mat-
tas em extensão consideravel, sendo
de notar que ás vezes é a propria
matta virgem, gigantesca e bella,
como o são as da bacia do rio Doce
— cursos que apenas têm agua na
estação chuvosa, cursos que *cortam*
e que recebem o nome de *valla*. A
valla é o leito do ribeirão ou correjo
cujas aguas desaparecem normal-
mente em uma certa época do anno
em geral de Maio a Setembro”.

Outros erros, toda uma série de
erros grandos que formam os silhares
das doutrinas correntes, não resis-
tem aos factos que elle observou e que
expõe com muita clareza de lingua-
gem e com um vivo accento de con-
vicção.

Não se pense, porém, que o seu
empenho foi apenas o de destruir
erros alheios pelo prazer de os des-
truir e que, negando á floresta o
papel que lhes dão na vida das fon-
tes e das chuvas, quizesse facilitar
ou, pelo menos, justificar a devasta-
ção de que estão sendo victimas. Não.
O seu objectivo é desbastar o pro-

blema da galharia inutil de erros em que a ignorancia ou o sentimentalismo o envolveu, obscurecendo-o, e projectar sobre elle, como um raio de sol em chão limpo, a luz do bom senso e da verdade.

A floresta tem a sua funcção. Não é a que lhe emprestam. Mas é tão ou mais importante que essa: é a de fornecer madeira. Em vez de pregarmos a doutrina da intangibilidade da floresta — deusa das chuvas e das fontes — devemos pregar a doutrina do aproveitamento e do plantio da floresta — fornecedora inexaurível de materias para a industria do homem.

“Propagar nas escolas o amor á arvore será tambem uma medida de grande alcance economico, si se fizer que a criança comprehenda a arvore, não como uma reliquia para adoração apenas, porém sim como uma cousa de valor industrial.

E’ preciso fazer a criança comprehendere que precisamos é de madeiras e não de idolos vegetaes sob a forma de arvores; precisamos é da arvore abatida e esquarterjada, e não da arvore em pé e cheia de vida”.

Plantemos e replantemos a arvore não para veneral-a, mas para derrubal-a...

Não é pratico, sensato, e verdadeiro?

Para os leitores da *Revista do Brasil* estas idéas não são desconhecidas. Já foram expostas, em suas paginas, pelo proprio sr. Alvaro Silveira, em artigo excellente que foi muito lido e apreciado.

Antonio Paes — *Satiras, v. I.*

Ha neste volume de *satiras* muita alegria e pouco azedume — symptoma certo de juventude em quem as traçou. Ha tambem uma notavel facilidade no versejar — revelação indiscutivel de um poeta com o principal caracteristico externo de authenticidade...

Não é preciso dizer mais para recommendar o livro. Diga-se, entretanto, que a satira ganharia em relevo, em extensão e em força se fosse me-

nos pessoal do que, pelo commum, se revela. O *Sodalicio*, por exemplo, é uma pagina deliciosa, mas o effeito que ora produz nos que conhecemos as pessoas que nomeia e belisca não produzirá, dentro de alguns annos, nas que vieram a lê-la. A satira só deixa de ser um passatempo frivolo de ocio espiritual e toma o feitiço e a substancia de obra literaria quando perde o caracter de trabalho de occasião e fixa, em traços definitivos, os aspectos de um ridiculo que toda a gente percebe ou de um vicio que a toda a gente revolte.

No *Sodalicio* ha uma nota de ridiculo immenso que o satirico soube apanhar e traduzir com felicidade, mas ha tambem um tom de aggressão pessoal, que o bom gosto do artista não soube ou não quiz eliminar.

Outra observação que não podemos calar é a seguinte: Antonio Paes acolhe com muita facilidade, nos seus versos, termos de giria que nenhuma significação especial encerram e que em nada augmentam o colorido ou a força da expressão. E’ um defeito e está na sua vontade extirpal-o para bem da saude e da vitalidade das satiras.

OLAVO BILAC

Olavo Bilac acaba de fazer uma excursão pelo sul, em missão da Liga de Defesa Nacional. Nessa viagem, o illustre poeta teve occasião de pronunciar bellissimos discursos que ficarão como paginas literarias memoraveis. Dentre todos, porém, destaca-se o discurso que Olavo Bilac pronunciou na Universidade de Curityba, onde lhe foi feita significativa demonstração de apreço e que é o seguinte:

“Carinhosamente acolhido no seio desta Universidade, agradeço a honrosa animação, que me é dada nas consoladoras saudações que acabo de ouvir. Protestando a minha gratidão aos illustres professores desta casa, peço-lhe venia para que as minhas palavras sejam especialmente dirigidas aos alumnos.

Quando me vejo entre os moços da minha terra, sinto-me precipita-



do, como por um milagre, fóra de mim mesmo e do tempo em que vivo, deslocado da minha idade, arrojado para uma época vindoura; já não me vejo no Brasil de hoje, ainda em formação confusa, mas no futuro em que elle viverá completo e glorioso.

Entre vós, moços do Paraná, ganho a vossa mocidade, tomo para mim a vossa esperança e a vossa coragem, e sinto em vós e em mim o Brasil de amanha. Obrigado pelo bem que me faz a vossa amizade; e sêde bemditos, pela gloria que dareis á nossa patria.

Permitti que vos dê alguns conselhos de amigo e de irmão mais velho. Não quero prégar-vos patriotismo, porque conheço pelo nobre clarão que ha nos vossos olhos, o incendio de fé que lavra nas vossas almas. Desejo, porém, avisar-vos que o verdadeiro patriotismo não deve ser impulsivo e cégo: deve ser feito sómente de crença e de orgulho; deve ser feito tambem de susto, de sobresalto, de cuidado e de vigilancia.

A nossa vida actual está rodeada de riscos que, de um momento para outro, podem assaltá-la. Para que sejam conjurados os riscos externos, é necessario que o corpo e a alma de cada brasileiro se armem de energia e de disciplina, afim de que a collectividade, cimentada de cohesão e de consciencia, fique immune de qualquer fraqueza, a salvo de qualquer investida de aventura. E para que se annullem os riscos internos, insubordinação nacional, descrença e apathia, desmando de cubica individual, desejo morbido de vencer e subir depressa, amor exagerado do descanso e do conforto, delivie perigoso da tranquillidade para o ocio, de facilidade para o luxo, é necessario que os homens mais cultos do paiz, os directores do povo dêem o exemplo do sacrificio e do desapego das ambições.

Quando entrardes na vida publica, moços de hoje, politicos de amanha, praticae e ensinae a virtude maxima do homem: o desinteresse.

Foi por falta de desinteresse que muitos e muitos brasileiros da minha idade, como eu, desertaram durante longo tempo o cuito civil, e esqueceram pelo serviço quasi exclusivo da gloria individual e da commodidade propria o serviço sagrado da patria. Foi por falta de desinteresse dos cidadãos e dos governantes que o Brasil chegou a perder o antigo brilho e a força antiga, com que os nossos maiores o collocaram durante muito tempo na vanguarda de todos os paizes do continente.

O verdadeiro patriotismo, o patriotismo que deveis comprehender e cultivar, é, antes de tudo, a renuncia do egoismo.

Nada valemós por nós, individualmente. Valemós muito, e tudo, pela nossa communhão. Todos valemós, pelo bem que damos á patria. Os poetas, que lavram as almas, e os politicos, que dirigem os povos, não valem mais do que os agricultores que aram a nossa terra, e os pastores que guardam os nossos gados.

Não vos orgulheis do fulgor da vossa intelligencia; mas contentae-vos da satisfação inteira que vos dêr o cumprimento do dever. A virtude é mais natural, é mais bella do que o talento. A bondade é mais esponsanea e mais fecunda do que a sabedoria. Nem todos os homens são capazes de ter honra e misericordia.

Sêde bons, fortes e justos; e abnegae-vos! Devemos todos fluir e desaparecer, com a nossa força e com a nossa abnegação, como os arroios se perdem nos rios e como os rios se dissipam no oceano. Quando desaparecermos da terra, nella ficaremos, não com os nossos nomes passageiros e com as nossas physiognomias fugitivas, mas com o suor, o sangue, as lagrimas que tivermos deixado sobre este sólo, e com os gestos de energia, os actos de nobreza, as palavras de justiça e de ternura que tivermos semeado sobre o grande seio da patria, nossa mãe e nossa filha ao mesmo tempo, mãe pela vida que nos deu, e filha pelo amparo que recebeu o nosso esforço carinhoso.

Praticae e ensinae o desinteresse! O desinteresse é um machinador de milagres. Grandes almas, verdadeiras almas, são as abnegadas, que se annullam e dissipam em outras. A alma, que em parte se suicida na vibração de outras, desdobra-se e multiplica-se. Desse desdobramento e dessa multiplicação de corações altruistas é que nascem as grandes patrias.

Sêde bons e justos! E sêde, também, serenos, para que possaes desprezar as injurias e as calumnias, com que os mesquinhos e os maus sempre procurarão deturpar o vosso pensamento, enlamear a vossa nobreza, e infamar o vosso desprendimento!

Vivei, meus amigos, com o coração cheio de fé, com o cerebro cheio de luz, com o corpo cheio de saúde!

Fugi da tristeza e das ambições pequenas; conservae a vossa alegria e a vossa modestia; e, quando ficardes tristes e desanimados, reagí, e inventae bom humor, animo, entusiasmo, nova coragem e nova bondade, para que os vossos amigos se consolem com a vossa companhia e para que os vossos inimigos não se rejubilem com a vossa deserção!

Crêde e esperae! Crêr e esperar — é querer. Querer — é realizar.

Que Deus e a Patria vos protejam”.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

BASES DE ORGANIZAÇÃO UNIVERSITARIA

Em qualquer reforma universitaria é secundaria a questão dos planos de estudo e das demais disposições formaes de regulamentos, estatutos, etc. O essencial é melhorar as condições psychologicas do respectivo ambiente. Tudo o que não se refere ao espirito de labor, de estudo, de consagração, de desinteresse e de affectos universitarios entre as autoridades, professores e alumnos, pouca efficiencia didactica, scientifica ou

social terá nos organismos universitarios.

Nos paizes americanos é relativamente demasiado o numero das universidades. Estas não se fundam nem na cultura prévia das escolas primarias, secundarias e especiaes, nem estão em proporção com a população commum ou com as exigencias do meio. São excessivamente uniformes, de tendencia predominantemente tradicional e humanista, dispõem de escassa população escolar, custam muito caro, produzem uma acção educacional e scientifica muito pobre e arrastam uma vida bastante precaria.

E' necessario tratar-se da fundação de universidades technicas industriaes, commerciaes, fabris e economicas, visto como as necessidades primordiales dos nossos ambientes têm esse character. E' preciso, porém, que se prepare tal educação desde a escola primaria e secundaria; que seja ella diffundida em seus aspectos elementares e medios, em institutos especiaes; que se installe em um ou mais cursos na faculdade que lhe seja mais affim, até que se torne possivel concentrar-a em uma faculdade propria e se possa chegar por fim a toda uma universidade.

Deve ser desaconselhado o regimen das faculdades autonomas. O que deve ser mantida e intensificada é a universidade centralisadora, estabelecendo-se uma collaboração estreita e organica entre a universidade e os demais estabelecimentos educativos que a compuzerem.

As universidades em nossos paizes devem ser uma emanção do Estado e um organismo publico, sem prejuizo do funcionamento das universidades chamadas livres e particulares, as quaes entretanto não devem dispor do direito de conceder titulos. Todavia, a autonomia universitaria é um ideal que deve ser procurado sem descanceo. Suppõe a possessão prévia de um patrimonio proprio e o gozo de personalidade juridica e não impede que em assumptos didacticos e disciplinaes os organismos universitarios tenham plenos poderes para resolver por si proprios. E' de cautela, entretanto, que embora com inteira autonomia economica e financeira

não possam ter autonomia administrativa.

O Estado deve ser representado entre as autoridades universitarias e deve conservar o direito de nomear os professores titulares, de approvar os regulamentos ou estatutos universitarios e de fixar condições para os exames nas profissões de character social.

As universidades têm um fim duplo: profissional, com relação ás actividades superiores e sociaes exigidas pelo meio; e scientifico, para fomentar o cultiyo desinteressado da sciencia. Em toda a universidade deve-se procurar crear gradualmente, primeiro em um ou mais cursos, depois em uma secção de faculdade e finalmente em uma faculdade autonoma, a faculdade de philosophia, organisa-da mais ou menos no modelo das que existem na Allemanha e na França e na qual seja obrigatorio para todo o estudante universitario seguir alguns cursos de historia geral e de philosophia com o qual se obtenha a approximação, intellectual e affectiva, de toda a população universitaria numa commum orientação superior e philosophicamente centralisadora de todas as disciplinas, e a unificação universitaria de todas as actividade, de todos os pensamentos e de todos os interesses cultuaes da instituição.

A liberdade de ensino deve ser realisa-da em todos os seus aspectos. A docencia livre será consagrada; o regimen do *privat docent* deve ser experimentado com empenho; a liberdade do professor em relação ao curso, programmas, extensão ou intensidade, methodo didactico, opiniões scientificas, deve ser um dogma, sem prejuizo, entretanto, do direito da faculdade fiscalisar e regulamentar tudo quanto entenda com os principios fundamentaes communs ao professorado.

A liberdade de aprender deve tambem ser respeitada e estimulada. A assistencia obrigatoria não offerece vantagem alguma para quem quer que seja. O alumno devia ter o direito até de escolher o seu professor. Os textos de estudo não devem ser prefixados nem impostos em nenhu-

ma universidade. As autoridades universitarias devem zelar para que o ensino se dê de uma maneira superior, de accôrdo com um methodo razoavelmente analytico, que faça comprehender mais do que conhecer, que eduque as aptidões pessoas do alumno, que provoque neste a espontaneidade da obra propria, que fuja de qualquer dogmatismo e que torne possivel o auto-didatismo dos estudantes. Os cursos profissionaes deverão sempre inspirar-se em principios scientificos e revestir logo um character preponderantemente pratico e de applicação. Dahi a necessidade de exercicios de toda a ordem: conferencias, produções escriptas, investigações pessoas, visitas a estabelecimentos relativos a cada especialidade, etc. — (Alfredo Colmo — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

A RAÇA HUMANA

A raça humana não pôde ser dirigida com o mesmo criterio com que se governa um *haras*; os homens não podem ser submettidos ás mesmas praticas activas e privativas que se empregam com o reproductor. Todavia, os conhecimentos sobre herança que podemos considerar demonstrados experimentalmente, embora restrictos, podem servir-nos para deduzir alguns principios de applicação pratica que devem ser ensinados aos procreadores humanos em beneficio do melhoramento da raça.

Existe actualmente uma tendencia poderosa para limitar o numero dos filhos, tendencia creada por condições economicas em boa parte, e por circumstancias de varias ordens em outros casos. O decrescimento da natalidade, que é um facto, e a pratica hoje tão corrente de não procrear, deveriam ser orientados utilmente, de modo a obter que os nascimentos correspondessem ás desejadas condições de excellencia. Os Estados devem tomar medidas sanitarias tendentes a proteger a reproducção de nossa raça contra a degenerescencia physica e mental.

Esta acção deve limitar-se actualmente aos individuos atacados de en-

ferridades productoras de dystrophias hereditarias e degenerescencias mentaes. A acção prophylatica contra a degenerescencia da especie deve ser auxiliada por uma ampla diffusão dos conhecimentos uteis a esse respeito; deve-se chamar a attenção do publico para a influencia exercida pelo estado physico e mental dos paes no momento da concepção. Os Estados devem ditar leis severas para a repressão do alcoolismo, o uso extramedico de substancias toxicas, cocaína, ether, morphina, etc., castigando rigorosamente os infractores. Devem tambem tomar as mais severas disposições contra as molestias venereas, podendo a acção publica chegar mesmo, como nos Estados Unidos, ao ponto de ordenar a castração de certos criminosos. Seria conveniente que os Estados procedessem a uma revisão da legislação penal sobre o aborto, com o fim de permittir ao medico provocal-o em certos casos de utilidade para a raça. E' de necessidade vital, finalmente, para o porvir da raça, que os Estados providenciem com urgencia para melhorar as condições de vida dos operarios, de modo a supprimir ou diminuir todas as causas que actuam extrinsecamente sobre o organismo dos paes, debilitando-o ou empobrecendo-o. — (Dra. Paulina Luizi — *Revista de Filosofia*, Buenos Aires).

VARIÉDADES

A RELIGIÃO DA VELOCIDADE

Os que indagam se a guerar influuiu sobre o sentimento religioso ignoram, provavelmente, o novo manifesto futurista do sr. Marinetti, fundando a *Nova religião da velocidade*. Essa curiosa amplificação, reveladora de um curioso estado d'alma, appareceu no primeiro numero da *Italia futurista* que se publica em Florença.

"A moral christian, diz Marinetti, no seu manifesto, defendeu a estrutura physiologica do homem dos excessos da sensualidade, moderou os seus instinctos e equilibrou-os. A moral futurista defenderá o homem da decomposição determinada pela len-

tidão, pela saudade, pela analyse, pelo repouso e pelo habito. A energia humana, eentuplicada pela velocidade, dominará o tempo e o espaço." E, depois de um quadro historico-lyrico da velocidade, o manifesto trata da origem da *linha recta*, um dos caracteristicos da divindade. O paralelo entre a velocidade que é *pura* e a lentidão que é *immunda* leva o fundador da religião a indicar alguns santos da nova religião. São particularmente os astros e as ondas luminosas. "Os sportmen são os primeiros catechumenos desta religião cujo resultado, esperado em breve, será a destruição das casas e das cidades. Substituida por encontros de automoveis e aeroplanos". As moradas desta divindade são: "os wagons-restaurants"; as "gares" dos caminhos de ferro do oeste norte-americano, onde os trens a 140 kilometros por hora, passam pelas estações, e nem para tomar agua e os saccos dos correios, param; as pontes e os tuneis; a praça da Opera, em Paris; o *Strand* em Londres; os circuitos de automoveis; os *films cinematographicos*; os grandes tubos que precipitam columnas de agua alpestre para tomar na atmosphera a electricidade motriz; os grandes costureiros parisienses que, por meio da invenção veloz da moda, cream a paixão do novo e o odio pelo "já visto"; as cidades modernissimas como Milão; os campos de batalha". A' enumeração de algumas coisas divinas succede a de algumas velocidades: "O heroismo é uma velocidade que dirige uma nação." (*Mercure de France*).

A CALLIGRAPHIA DOS GRANDES ESCRIPTORES

"A calligraphia, dizia um mestre escola, é a chave dos empregos". A isso, muitos oppõem, injustamente que "a calligraphia é a sciencia dos tolos." Nem por isso, entretanto, os grandes escriptores têm má calligraphia. Ha-os de letra pessima; mas tambem se contam numerosos delles de calligraphia excellente. Nenhuma letra pôde ser mais clara do que era



a de Racine. Rossuet traçava caracteres nitidos e largos nas suas paginas immortaes. Fenelon, além de um grande arcebispo, foi um grande calligrapho. Rousseau, durante algum tempo, viveu dos seus ganhos de copista, e as duas copias que elle fez da "Nova Eloisa" para madame de Luxembourg e para madame de Houdelot são uma obra prima de precisão, em paginas riscadas a lapis, com as linhas iguaes como as de impressão e sem um só borrão. Edgard Poe, a bem dizer, começou a sua vida litteraria com a... calligraphia: o editor a quem apresentou o seu primeiro manuscripto, sentiu-se logo seduzido pela letra "magesiosa", leu-o logo e acceitou-o sem demora.

Alexandre Dumas, pai, conta em suas memorias que pouco depois de chegar a Paris, foi visitar o general Foy, a quem estava muito recommendado. "Dê-me o seu endereço: hei-de vêr o que se pôde fazer pelo sr." E apresentou-lhe uma caneta. "Apenas escrevi meu nome, continúa Alexandre Dumas, o general bate as palmas, e exclama: "Estamos salvos!" — Porque? — Porque o sr. tem uma bella calligraphia." Uma bella calligraphia... era tudo quanto eu tinha — inclinei a cabeça, ao peso de tanta vergonha." No dia seguinte Dumas, por empenho do general, entrou para a secretaria do duque de Orleans, com 1200 francos por anno.

Mas ha ainda outros calligraphos illustres: Mirabeau, Arago, Béranger, Lammenais, Guizot, Eugène Scrive, Casimir Delavigne, George Sand, Louis Blanc, Alphonse Daudet, Ernest Renan, Leconte de Lisle, José Maria de Herédia, Frédéric Mistral, François Coppée, Guy de Maupassant.

Byron tinha, ao contrario, uma letra feissima: "O typographo fez um milagre, dizia elle. Leu o que eu não sei lêr — a minha letra". Napoléon tinha tambem uma letra pessima. E eis como em Julho de 1791 elle explicava a causa disso, ao commissario Naudin: "O sangue meridional corre em minhas veias com a rapidez do Rhodano: desculpa-me, pois, se encontrardes difficuldade em ler os meus garanchos".

"A calligraphia, escrevia Voltaire,

é o primeiro degráu, não direi da fortuna, mas de uma escada que conduz bastante alto para a gente não morrer de fome". Lamartine escrevia a lapis, por ser mais silencioso e mais rapido. Julio Verne tambem escrevia a lapis — mas copiava a penna tudo quanto escrevia, de sorte que podia corrigir o original. Acontece muitas vezes que as correções tornam quasi illegivel um manuscripto, razão pela qual ha autores que copiam muitas vezes os seus originaes. Fenelon deixou onze copias do teu *Telemaque*; Buffon copiou dezoito vezes as *Epoques*, Rousseau quatro ou cinco vezes todas as suas obras antes de as mandar imprimir, Merimée dezesete vezes *Colomba*, Bernadin de Saint-Pierre quatorze vezes a primeira pagina de *Paul et Virginie*. Alexandre Dumas Filho e Gustavo Flaubert foram tambem "copiadores" pacientissimos de... si mesmos. Quanto a Voltaire que escreveu tanto, nunca se cansava de corrigir os seus escriptos: "E' uma desgraça para mim, dizia elle, conhecer muito bem os meus defeitos; não haverá edições definitivas das minhas obras emquanto eu não morrer". (Albert Cim — *La Revue*.)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

EXALTAÇÃO — Poema por Mansueto Bernardes — Porto Alegre.

JACKSON DE FIGUEIREDO — Opusculo por Tasso da Silveira. — Rio de Janeiro.

PERDIÇÃO — Poesias por Olavo de Oliveira.

CONTRA O ALCOOLISMO — Pelo dr. Antonio Ferreira.

MERCADO DE TRABALHO — Publicação do Departamento Estadual do Trabalho — S. Paulo.

ANALES DE INSTRUCCION PRIMARIA — Ns. 1 a 18 — Julho de 1914 a Julho de 1915 — Montevideu — Uruguay.

A ESCOLA PRIMARIA — Revista mensal, publicada sob a direcção de inspectores escolares do Distri-

cto Federal. Assigna o artigo de apresentação o sr. Afranio Peixoto. "O senhorio commum desse grande corpo collectivo, pretende, pois, ser esta revista, a "Escola Primaria", nome feliz que resume um programma. Ella vae ser a tribuna, a cathedra, o livro, o jornal, que uns para outros vão escrever os professores publicos do Districto Federal, talvez do Brasil, aproveitada a competencia que lhes sobeja; vão dirigil-a os inspectores escolares da cidade do Rio de Janeiro, de cuja capacidade e dedicação á causa santa do ensino posso dar publico testemunho." Além desse artigo do sr. Afranio Peixoto, de que extractamos o trecho acima, figuram no primeiro numero da "Escola Primaria", entre outros, os seguintes: Nuga grammatical affectando a minha mathematica, por F. Cabrita; Educação Civica, por Arthur Magioli; a Hygiene nas Escolas Municipaes; Caixa Escolar; O Ensino Primario em Santa Catharina, por Muniz Junior.

SICENCIAS E LETRAS — N. 9 — Nov. de 1916 — Rio de Janeiro.

LIGA MARITIMA BRASILEIRA — N. 112 — Out. de 1916 — Rio de Janeiro.

REVISTA COMMERCIAL — N. 17 — Out. de 1916. — B. Horizonte.

REVISTA DA ESCOLA DE COMMERIO DE PORTO ALEGRE — N. 12.

REVISTA DO INSTITUTO DOS DOCENTES MILITARES — N. 2 — Out. de 1916 — Rio de Janeiro.

INDUSTRIA E COMMERCIO — Out. de 1916 — Rio de Janeiro.

RENASCENÇA NATURISTA — Ns. 1 e 2 — Out. e Nov. de 1916 — S. Paulo.

O VEGETARIANO — N. 11 — Porto.

REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS — N. 1.

A ARVORE — Cachoeira — S. Felix — Estado da Bahia — 1 de Novembro de 1916 — Revista Litero-Social — Ns. 4 e 5.

O ESTIMULO — Revista do Gremio Normalista "2 de Agosto" — S. Paulo, 14 de Novembro — n. 35.

A VIDA MODERNA — Ns. 299 e 300 — S. Paulo.

A CIGARRA — Ns. 53 e 54 — S. Paulo.

ATLANTIDA — Ns. 11 e 12 — Out. e Nov. de 1916 — Lisboa — A destacar: A situação internacional, por João de Barros; Aleobaça, por Teixeira Gomes; Os engenhos de Pernambuco, por Souza Bandeira; Latino Coelho, por José Antonio da Freitas; Os demolidores do Liberalismo, por J. Magalhães Lima; O Ferreiro, por Alberto de Oliveira; A psychologia dos telhados, por Eduardo de Noronha; Cartas do Brasil, por João d'Além. Referindo-se á nossa Revista, J. d'Além accentua que ella provem do movimento nacionalista que se opera presentemente no Brasil, e accrescenta: "...se vale esta publicação por seu programma, mais vale ainda se accrescentarmos que não é na capital do paiz, mas em S. Paulo, que ella vem á luz. Realisa-se assim a descentralisação do pensamento, a regionalisação da terra, meios indispensaveis para a coordenação nacional, já antevistos pelo nosso imperador D. Pedro II, na sua ultima fala do throno, antes da effectiva descentralisação republicana..." E depois: "A *Revista do Brasil* é um marco notavel na evolução da idéa regionalista, idéa fecunda, de onde vae nascer a integração do espirito nacional."

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — N. 73 — Out. de 1916 — Buenos Aires — El deber de justicia, R. Rivarola; El significado historico de Moreno, Ernesto Quesada; Filiación natural e posesion de estado, Ricardo Marcó del Port, hijo; e outros trabalhos.

REVISTA COMMERCIAL — N. 7 — Out. de 1916 — Montevideo.

IA REVISTA DEL MUNDO — Edição hespanhola do "World's Work" — Out. de 1916 — Nova York.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — Out. de 1916 — Nova York — Artigos de G. Harvey, E. S. Carwin, S. Brooks, S. Leslie, D. J. Hill, S. H. Dunn, L. A.

Brown, A. Seeger, W. L. Raldell, Arthur Symons, W. C. Greene, L. Gilman.

REVIEW OF REVIEWS — Out. de 1916 — Londres — Eleftherios Venizelos, por F. R. Scatterd; The Reform of the Civil Service, por sir Harry H. Johnston; The Trade Union Congress, por George N. Barnes, The Enemy's Wiew.

MERCURE DE FRANCE — Ns. 439 e 440 — 1 Out. e 16 Out. de 1916 — Artigos principaes: Le califat et la guerre, por M. Y. Picard; Le port d'Anvers, por André Fontainas; Le Droit du Peuple et la guerre, por Paul Louis; Les prisonniers de guerre hospitalisés en Suisse, por Albert Dauzat; Ce que fut Malines, por Charles Merki.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — Ns. 40, 41, 42 e 43 — 30 Set., 7 out., 14 out. e 21 out. de 1916 — Paris — A destacar: Le Marquis de Ségur, por P. de Nolhac; Les grands poètes nationaux de la Pologne, por H. Welschinger; Le theatre et la guerre, por G. Hanotaux;

Aprés la guerre, por R. de Gourmont.

LA GRANDE REVUE — N. 10 — Out. de 1916 — Paris — Artigos principaes: Lloyd George, por Albert Thomas; La guerre et les femmes, por I. Zangwill; Le Moratorium de l'Humanité, por J. Sageret; Les usines, poesia por E. Verhaeren; Légendes de la Guerre de France, poesia por St. Georges de Bouhélier;

RASSEGNA NAZIONALE — Out. de 1916 — Florença — Artigos principaes: La Libertá, por P. M. Gregoraci; Il diritto privato nei "Promessi Sposi", por M. Zinno; Un poeta della pace (Giuseppe Di Napoli), por A. Zardo.

RIVISTA DELLE NAZIONI LATINE — N. 6 — Out. de 1916 — Florença — Artigos principaes: Le strade latine, por L. Polier; Leonida Bissolati, por A. Mazzotti; Giuseppe Reinach, por A. Maurel; Serbi e slavi meridionali, por G. Caprin; La Triplice Alleanza, por G. Salvemini.



AS CARICATURAS DO MEZ

312

UM CORPO DE EXERCITO



Emilio — Ah! tens tu... Em que deram as tuas lições de civismo

(*"Caretta"* — *J. Carlos*)



— Eu acho que a intervenção em Matto Grosso é acertada. Depois de ateado o fogo naquellas matas virgens, o governo resolvía a crise do carvão.

("Careta" — J. Carlos)



— Trinta mil reis por um par de sapatos!... E eu que só ando á pé. Oh!... a crise de transportes!

("Careta" — J. Carlos)



- Sim minha tia. Resolvi, e vou me casar *voluntariamente*.
 — Então é por pouco tempo? Só durante o período das manobras?

("Careta" — J. Carlos)



- O Russo — O mappa da Europa vai ser todo alterado. Vocês, por exemplo, vão para a Ásia.
 O Turco — Não é possível. Os nossos aliados já nos promette-ram um sítiosinho na África.

("Careta" — J. Carlos)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travesa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Anglica, 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Guebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MALHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de aplices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em casemira inglesa. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

ALFAIATARIA—Donato Plastino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.º andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAS E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação—Telephone 792—Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cauteias de casas de penhores e do Monte de Soccorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

Grandes Loterias de S. Paulo

em 15 de Dezembro

= 200 CONTOS =

Em 3 grandes premios: 100:000\$000 - 50:000\$000 - 50:000\$000

O bilhete inteiro custa apenas 9\$000
Fracções \$900

Em 29 de Dezembro

= 100 CONTOS =

Em 5 premios de 20:000\$000 - Custa cada bilhete inteiro 2\$000

Estão à venda em toda a parte

"REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA"

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA — A MAIS UTIL — A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS sobre Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripção, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatística Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS sobre Legislação Commercial, Jurisprudencia Commercial, Alfandega, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario. Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretos, Transportes, etc.

Verdadeira e completa Encyclopédia Commercial — Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

REDAÇÃO:

RUA DIREITA, 27 (1º ANDAR)
CAIXA, 1172

S. PAULO

OFFICINAS:

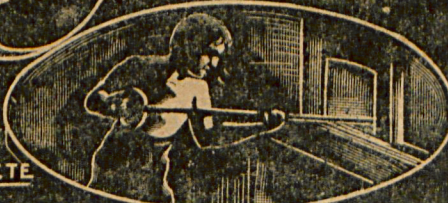
RUA DR. ABRANCHES, 43
TELEPHONE, 1908

**PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL**

Massucci Nicolli

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMA PARA SABONETE



ESCRITORIO · Rua Florencio de Abreu 52
FABRICA · Rua dos Alpes 79 S. PAULO

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro Alto das Perdizes em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Troussesaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

WILSON, SONS & Co. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Electr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO
GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANI-
ZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; ÓLEO DE LINHAÇA E
TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS;
BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da **Cia. DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIAN-
ÇA"** de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos exceedem £ 24,000,000 — Presidente The
Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B.
White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd.
de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de
Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras mar-
cas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-
CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val
de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.
"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de
Johnson Clapham & Morris - Manchester.



Casa Tolle

FABRICA DE BONBONS
FINOS, CHOCOLATES E
LICORES

A UNICA FABRICA QUE EX-
PORTA CHOCOLATE PARA A
EUROPA.

Rua Piratininga, 27
Caixa do Correio, 201
S. PAULO

Casa fundada em 1895

PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



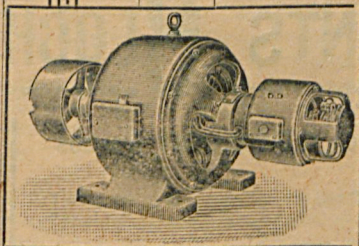
Travessa do Grande Hotel N. 8
Telephone N. 1195
End. Electr.: EMISEL
SÃO PAULO

Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

A' Illuminadora



Dynamos
Motores
Pilhas
Lampadas

Artigos para iluminação

Fogões Economicos a Gaz e Lenha

GELADEIRAS AMERICANAS

Recebemos grande variedade

Visitem nosso estabelecimento

Alberto dos Santos & C.

Rua da Boa Vista, 47
S. PAULO

REVSTA FEMININA

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

S. PAULO—Rua 15 de Novembro, 33 (sobre-loja)—Telephone, 5661

A REVISTA FEMININA é uma publicação dirigida exclusivamente por senhoras e que se dedica com especial interesse a todos os assumptos femininos.

Recommenda-se especialmente pelo criterio com que é dirigida, contendo leitura escolhidissima e de moral impecavel, pelo que é a verdadeira revista do lar, que pôde ser lida por senhoras e senhoritas, Chrysanthême, a chronista das segundas-feiras do "Paiz" do Rio de Janeiro, referindo-se á "Revista Feminina", escreveu:

"NÃO HA NENHUMA OUTRA QUE A IGUALE. — TODAS AS SENHORAS BRASILEIRAS DEVEM LER A E DAL-A A LER A'S SUAS FILHAS"

SECÇÕES de modas, bordados, trabalhos de agulha, artes applicadas, metaloplastia, pyrogravura, estanho repoussé e outros.

SECÇÕES de educação social, de educação privada.

SECÇÕES de hygiene domestica, hygiene alimentar, hygiene do vestuario.

SECÇÕES de ornamentações, estylo e decoração.

AMOSTRAS de trabalhos, figurinos e modelos.

RECETAS originaes de fogão e forno.

SERVIÇO completo e perfeito de remessa para o Interior e artigos para trabalhos.

A assignatura custa apenas 7\$000

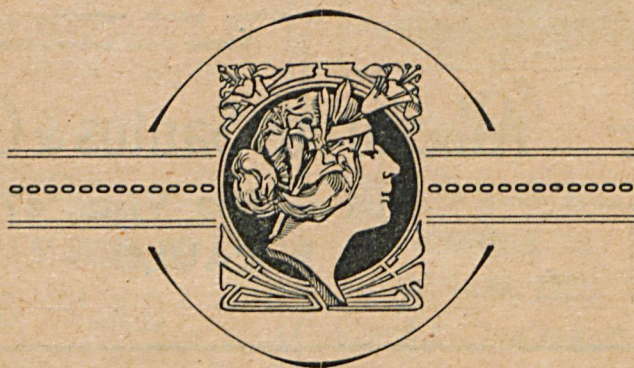
Um numero specimen remetteremos a todas as pessoas que nos enviem este coupon da "Revista do Brasil" e 600 réis em sellos do correio.

Dirijam suas cartas á Directora
VIRGILINA DE SOUZA SALLES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 33 (sobre-loja) — S. PAULO

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

S. PAULO

47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

REVISTA DO BRASIL

A "Revista do Brasil" tem já completos dois volumes, cada um de mais de quatrocentas paginas, com indice alphabetico e analytico. Cada volume custa, por emquanto: 9\$000 réis, encadernado; 6\$000 réis, em fasciculos. Pelo correlo, mais 500 réis. No proximo anno estes preços serão augmentados. O n. 12 da Revista, que sahirá a 25 de Dezembro, dia de Natal, constituirá um numero especial, que desde já está sendo confeccionado. Com esse fasciculo ficará completo o terceiro volume da Revista, cujo indice será distribuido em Janeiro.

Prevenimos aos nossos assignantes que devem reformar as suas assignaturas em Dezembro, para que não seja suspensa a remessa no proximo anno de 1917.

Os dois ultimos numeros da "Revista do Brasil" trouxeram o seguinte summario:

N. 9 — 25 de Setembro de 1916:

ALCEU AMOROSO LIMA — Pelo passado nacional (com illustrações).
JACOMINO DEFINE — Ao sabor do sonho.
AMADEU AMARAL — O dialecto caipira.
OLAVO BILAC — Edipo (sonetos).
JOÃO LUSO — "O Salon" de 1916 (com illustrações).
JOÃO RIBEIRO — Afranio Peixoto.
FREDERICO VILLAR — A organização naval.
LINDOLPHO XAVIER — A proposito da Conferencia algodoeira.
V. DA SILVA FREIRE — O problema municipal.

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — Os novos horizontes da Justiça e Assistencia, C. V. L. — Bibliographia — Movimento artistico — Movimento literario — Liga da Defesa Nacional — A comedia orthographica — Clinicas escolares gratuitas — O imposto sobre a renda — O nacionalismo na Argentina — A arte nas escolas francezas — Publicações recebidas — As caricaturas do mez (cinco reproduções).

N. 10 — 25 de Outubro de 1916:

MARIO PINTO SERVA — Um factor da desintegração Nacional.
AMADEU AMARAL — O dialecto caipira.
A. CARNEIRO LEÃO — José Verissimo.
MARTINS FONTES — Na floresta da agua negra (poesia).
GARFIELD DE ALMEIDA — A noção da responsabilidade.
MARIO SETTE — No mar.
ALBERTO SEABRA — Os versos aureos de Pythagoras.
DR. ANTONIO PICCAROLO — D. Casmurro.
RESENHA DO MEZ — Campanha nacionalista — Movimento artistico — Musica, "X" — Garcia Redondo — Ricardo Gonçalves — Bibliographia — Movimento literario — Os doutores e as letras, "Antonio Salles" — Revistas e jornaes — Homens e coisas estrangeiras — Americanismo, "Ernesto J. J. Bott". — Educação moderna, "Raul Villarroel" — O casamento a prazo — O ministerio familiar — Club de escriptoras — Orientação moderna da historia — Publicações recebidas.

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanisado
e pertences*

GLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanisado para
encanamentos de agua, etc.

Para inormações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-^c

SÃO PAULO

OFFICINAS D' "O ESTADO DE S. PAULO"